

Semana

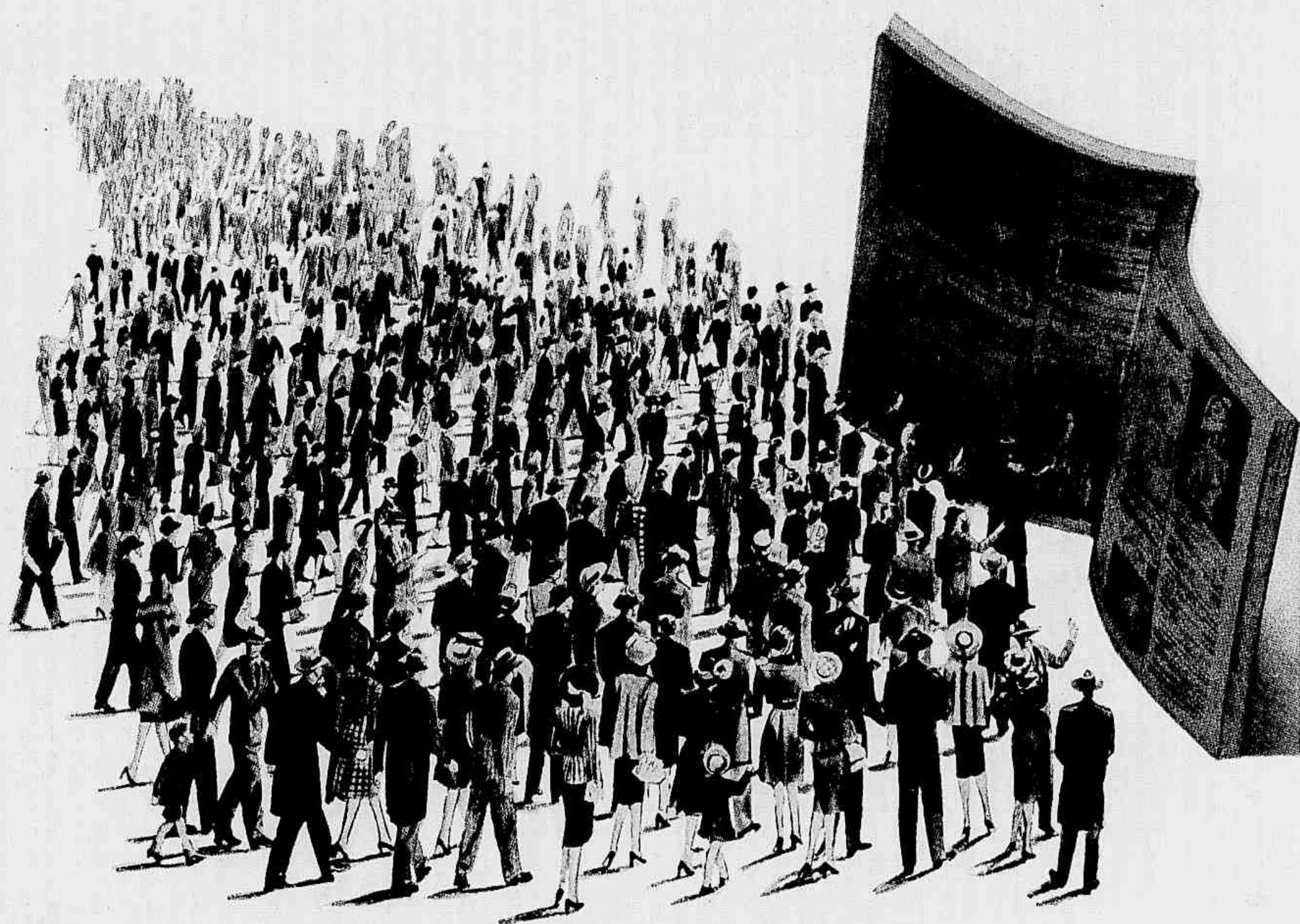
REVISTA DA

N.º 4 — 25 jan. 58 — Cr\$ 10.00



NO CAMINHO DA LUA A
FONTE DA JUVENTUDE

**MILHÕES DE LEITORES
vão consultar o**



ALMANAQUE EU SEI TUDO PARA 1958

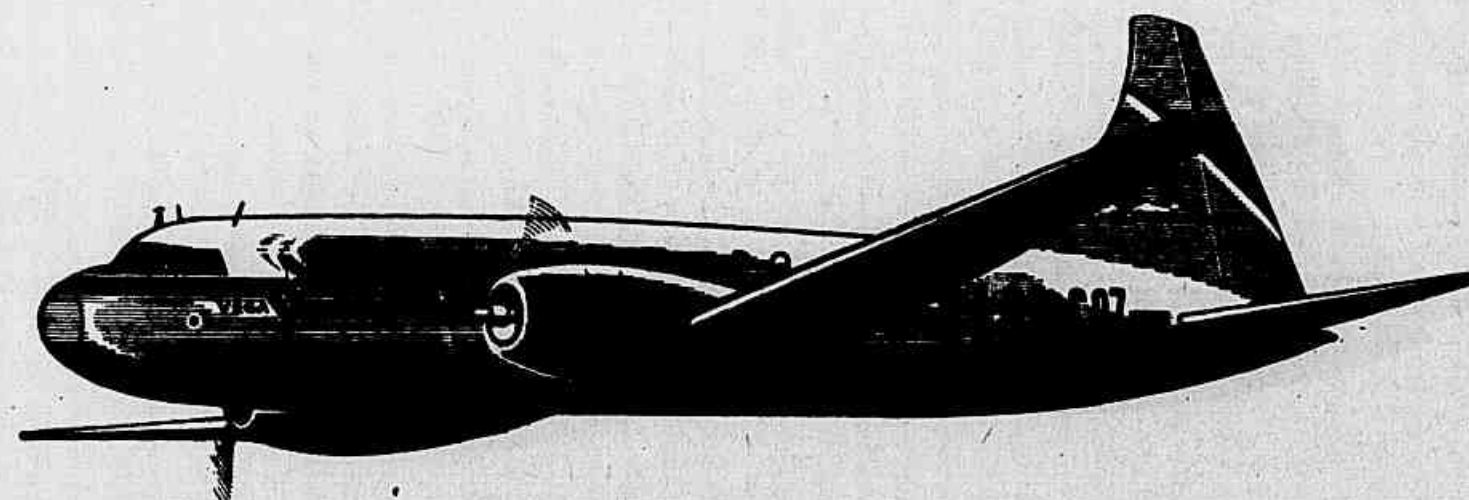
MAIS DE 300 PÁGINAS DE LEITURA ÚTIL PARA TODOS — PREÇO Cr\$ 50,00

O ANO: Católico, Evangélico, Israelita, Espírita, Médico, Teatral, Cinematográfico, Artístico, Ex-Librístico, Científico, Automobilístico, Aeronáutico, Bancário. — Informações variadas sobre os Calendários. — Contos e Narrativas Históricas. — Ciência — Economia Doméstica. — Testes. — Cinema. — Política. — Literatura. — etc.

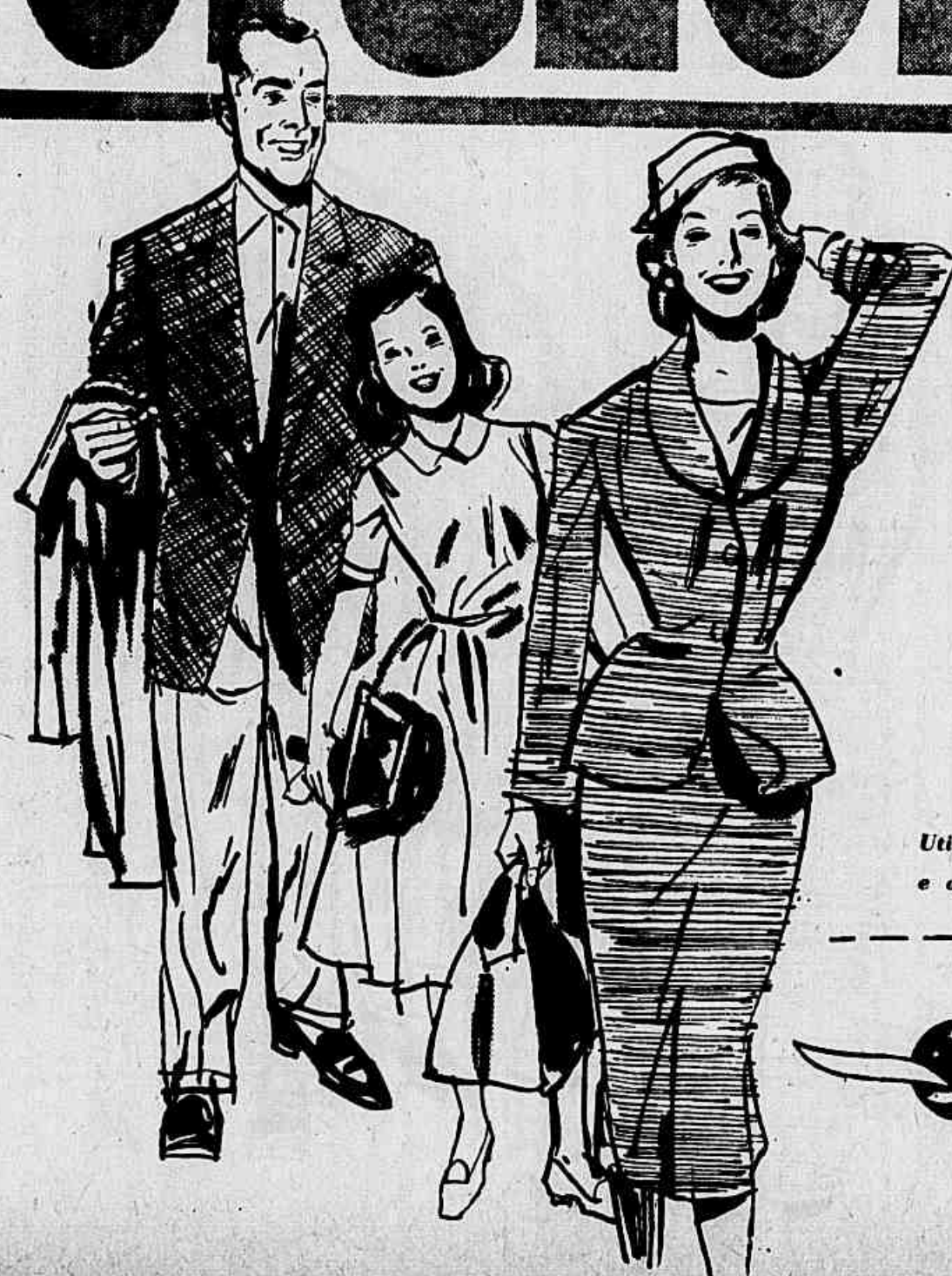
REDAÇÃO: RUA VISC. MARANGUAPE N. 15 — LAPA

com alguns cruzeiros por mês
faça o seu cruzeiro aéreo inesquecível
pela Cruzeiro do Sul

voando pelo



'cruzeiro a prazo'



O sistema ideal de crédito que facilita a sua viagem de férias ou negócios. Realize o seu grande desejo, voando para o norte ou para o sul, para leste ou para oeste, pagando suavemente, em prestações mensais pelo plano "CRUZEIRO A PRAZO".

Venha fazer conosco "um roteiro feliz de boas viagens", escolhendo os vôos e as

idades de s/ preferência e os nossos aviões, modernos e confortáveis tornarão realidade inesquecível o seu sonho de ontem.

Faça a viagem mais feliz da sua vida, escolhendo o conforto, a rapidez, a cortezia e a pontualidade como seus companheiros de boa viagem. Prefira os



nossos aviões como cicerones perfeitos da sua excursão de férias ou turismo e de prazer nos seus negócios.

Utilize o "CRUZEIRO A PRAZO" o sistema de "crédito confortável e amigo" que o ajudará a viajar muito, pagando aos poucos.



SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO DO SUL

Av. Rio Branco, 128 - Tel.: 42 6060 — Av. Nilo Peçanha, 26-A - Tels.: 32-7000 e 42-6060 206

REVISTA DA **Semana**

Ano 57. N.º 4. Rio, 25-1-58

Diretor — **ALUIZIO ALVES**

Redator Chefe — **LUIZ LOBO**

Assistentes — **ORLANDO CARAMURU**

QUINTINO CARVALHO

Paginador — **VICTOR TAPAJÓS**

Redatores — **MURILO MELO FILHO**

ADIRSON BARROS

JAYME NEGREIROS

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira, Arnaldo Vieira, V. M. Vasconcelos, Hélio Polito. **ILUSTRADORES** — Alberto Lima, Marius, Jaguar, Ambrósio, Rafael, Raf. Babinski. **ARQUIVISTA** — J. Romeu Viana. **EDITORES: Internacional** — Stefan Baciu. **Política** — Murilo Melo Filho. **Feminino** — Nazareth. **Esporte** — Arthur Paraíba. **Cinema** — Eli Azeredo. **Rádio & TV** — Ricardo Ramos. **Literatura** — José Roberto Teixeira Leite. **Artes Plásticas** — Maria Inês Duque Estrada. **Ciência** — Friedrich Hoe. **Psicologia** — Fernanda Barcelos. **Humor** — Luis de Azevedo. **Médico** — Sílvio Lima. **No Espaço** — Cônego O'Grady. **Teatro** — J. Fomm. **Sociedade** — Lady Maxwell. **Economia Doméstica** — Bernardino de Araújo. **CHEFE DE OFICINAS** — Manuel Alves Mesquita. **REVISTA DA SEMANA** — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio — Endereço Telegráfico: **REVISTA**. Telefones: Direção — 22-4447. Redação — 22-9570. Publicidade — 22-2550. Portaria — 22-5602. Assinatura (anual) — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura para o Exterior — Cr\$ 900,00 — Número avulso, Cr\$ 10,00 — Via aérea com acréscimo do porte.

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Diretor-Presidente — **GRATULIANO BRITO**

LEIA:

NO ESPAÇO 7 — No caminho da Lua a fonte da juventude

ESPECIAL 11 — Índias nuas no «saloon»

LITERATURA 14 — O Vagabundo e o Menino — novela de Léo Victor

20 — Livros

TEATRO 18 — A «Dama de copas» um trunfo fraco

SOCIAIS 19 — Lady Maxwell

MODA 21 — Revolução de mulheres na Rússia

PSICOLOGIA 24 — Gêmeos, gêmeos, negócios à parte

MERCADINHO 25 — Como conservar os alimentos frescos

TESTES 26 — Palavras Cruzadas

HUMOR 43 — Mr. Abernathy

50 — O inventor da laranja

CINEMA 53 — Maria Schell

60 — Um filme sério sobre a rebelião Mau Mau

INTERNACIONAL 56 — Argentina 1958: Perón pode voltar

NACIONAL 62 — Reatamento com a URSS: JK não sabe o que fazer

DEPOIMENTO 47 — Rosselini segundo Rosselini

ESPIONAGEM 46 — A «Porta da Meia Noite» seguia os refugiados da Rússia

OPINIÃO 66 — Quatro instantâneos — Aluizio Alves

EXTRA 27 — Uma esperança para o filho de Red Skelton

33 — Bom mesmo é mulher

39 — Entrevista com a mulher do governador Muniz Falcão



CONTATO



Pág. 21



QUANDO eu empurrei a porta do "saloon" (dessas portas de vaivém, vocês sabem), vimos a índia nua encostada no balcão. Foi — evidentemente — uma surpresa enorme.

Quando a porta fechou, a pancada me deixou tonto, mas não tão tonto quanto fiquei ao ver aquela pele-vermelha naquele estado.

O vaqueiro perguntou:

— O senhor nunca viu uma mulher nua?

Para falar francamente, nunca, por aquelas bandas.

Ainda por cima, havia os dois revólveres 45.

p. 11

CARTA (anônima) que recebemos:

"Prezado Sr. Redator-Chefe.

Já descobri, com absoluta certeza, quem é Lady Maxwell.

Devo confessar que não foi tarefa das mais fáceis, uma vez que as informações eram as mais desconstruídas — inclusive algumas que consegui de pessoas muito ligadas à Redação.

Creio mesmo que os senhores andaram espalhando, propositalmente, mas com pedido de segredo, um determinado nome.

Sei que esta carta não vai ser publicada e que não terá resposta (ou, se tiver, será muito pouco esclarecedora). Mas não preciso confirmar coisa alguma. Minha certeza é a mais absoluta. Escrevo, apenas, para mostrar ao senhor que não há pseudônimo que resista uma boa investigação.

Lady Maxwell não é uma mulher, nem o sr. Ibrahim Sued, nem um grupo de redação. Ela (ou ele) é o sr. Oscar Ornstein, "public-relations" do Copacabana-Palace.

Devo dizer ainda que as minhas investigações foram iniciadas no dia seguinte ao do lançamento de Lady Maxwell e que pela primeira vez perco tanto tempo para revelar um pseudônimo. Anteriormente, em várias oportunidades, tive êxitos no ramo, inclusive revelando (em absoluta primeira

mão) o verdadeiro "Ouvinte Desconhecido" de "O Globo", "Stanislaw Ponte Preta" da "Última Hora".

Agora, com "Lady Maxwell", encerro minha carreira, certo de que foi uma grande vitória.

Um abraço do seu

S.H.

P.S. — Será necessário dizer que o sr. Oscar Ornstein (involuntariamente) acabou confirmando a minha brilhantíssima investigação?

S."

RESPONSA:

"Prezado Sr. Sherlock Holmes (certo?).

Reabra brilhante carreira pt Oscar inocente pt Grande vitória foi a Vaca Vitória vg de saudosa memória pt Abraços Editor.

P.S. — Estamos preparando reportagem sobre Lady Maxwell.

E."

MOSCOU — URGENTE — Uma verdadeira revolução foi a decisão que as autoridades soviéticas tomaram, permitindo que (depois de 40 anos) aconteça desfiles de moda em Moscou. Círculos geralmente bem informados dizem que "a aceitação da presença de modelos ocidentais na Rússia foi uma das medidas mais sensacionais que os soviéticos tomaram nos últimos tempos, sendo mesmo manchete em quase todos os jornais do país".

MAS bom mesmo é mulher.

p. 33



APRENDA A DANÇAR



Chá-chá-chá — Dois e Um — Guaracha — Bolero — Marcha — Rumba — Swing — Samba — Tango — Mambo — Baião — Choro — Valsa — Fox — em apenas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino Fornaciari, autor do livro «Como Aprender a Dançar», já em 9ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficos, que permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem professor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Postal, 649 — São Paulo. Cr\$ 120,00. — Encontra-se também à venda em todas as livrarias do Rio e de São Paulo. O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado de Aulas Particulares, diariamente, das 9 hs. às 22 hs. à Avenida Liberdade, 120 — 2º andar — conj. 8 — São Paulo.

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BEL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BEL-HORMON nº 2. BEL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Sociedade Farmacêutica Quintino Nogueira Ltda. — Rua São Januário, 708 Rio de Janeiro

Quisiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de BEL-HORMON.

Nº
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO
Preço no varejo Cr\$ 100,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135,50
Por Vale Postal Cr\$ 125,50

CARTAS

LADY MAXWELL

“Quando é que vocês revelarão o nome verdadeiro de Lady Maxwell?”

Marta Janete, D.F.

“E’ homem ou mulher?”

Elizabeth Paiva, S. Paulo.

CONTATO

“Desculpem-me, mas os senhores não deveriam ter tirado o “c” da palavra contato porque ela pode perfeitamente levar o “c” ou não, dependendo da pronúncia individual de cada pessoa”.

Américo Oliveira, D.F.

IKE

“... e Ike não morreu...”

Peter Voroff, D.F.

ANITA

“Onde está agora Anita Prestes?”

Ruth Silveira, D.F.

§ Na sua casa.

Editor

“PELADAS”

“Estou esperando por outras “peladas” de moças em praias do Brasil. As jogadas em Fortaleza e publicadas no número 49 estavam excelentes”.

João Guimarães, Fortaleza

NIXON

“Não acredito que ele seja presidente dos Estados Unidos”.

Mário Pereira, D.F.

§ O sr. tem esse direito.

Editor

NO ESPAÇO

“Muito bem feita a matéria sobre “A Posição da Igreja na Conquista do Espaço” do número 49. Quem é o autor?”

Amando Gerter, D.F.

§ O cônego Jorge O’Grady de Paiva, nosso Editor Astronáutico.

Editor

PREVIDÊNCIA

“Previdência Social no Brasil é assunto seríssimo. O problema foi bem exposto pela revista (número 51), mas deveria também merecer a atenção dos homens públicos”.

Manoel Conceição, Terezina

COLÉGIO BRASÍLIA

“O “Colégio Brasília” é uma ótima iniciativa, útil e

leve. Várias colegas e amigas leram-no também e gostaram muito”.

Lacerda de Aguiar, D.F.

RENDA

“Lendo a REVISTA DA SEMANA de 4 de janeiro de 1958, sobre a renda de artistas cinematográficos, e confrontando a matéria com jornais estrangeiros, notei grande diferença numérica. Gostaria de saber quem divulgou os dados que a revista publicou”.

P.J. Morais, Campos de Jordão

§ Quem nos forneceu a informação foi o Imposto de Renda da Itália.

Editor

SENSACIONALISMO

“A revista podia deixar de lado certo sensacionalismo e adotar a linha do patriotismo e seriedade das revistas francesas. Por que a revista não entrevista a família imperial do Brasil?”

Maria Ângela Pinto Coelho, Belo Horizonte

CONTATO

“Gostei do “Contato 1958” e das matérias sobre a posição da Igreja diante da conquista do espaço”.

Tasso Rodrigues da Cruz, S. José dos Campos

BOAS-FESTAS

“Boas-Festas, Feliz Natal e Próspero Ano-Novo”.

“Feliz Año Nuevo”.

Embaixador da Venezuela, Dr. Leonardo Altuve Carrillo

“Boas-Festas”.

Bartolomeu Oliveira,

João Pessoa

“Votos de Feliz Natal”.

Alfredo Souza, Salvador

“Feliz Ano Novo”.

Minist. da Educação e Cultura

“Prosperidade”.

Albino Mesquita, Rio

“Felicidades”.

Fã Clube Emilinha Borba, Campinas

“Próspero Ano Novo”.

Indústrias Reunidas Irmãos Spina, Rio

“Abrço”.

Carlos de Lima Cavalcanti, Rio

“Boas-Festas”.

Hotel Flórida, Lisboa

“Feliz Ano-Novo”.

Distribuidora de Jornais e Revistas Ltda., Rio

“Prosperidade”.

Antônio Mazzoni,

S. J. do Rio Preto



Feliz Ano-Novo com Maria Antonieta Pons.



NO CAMINHO DA LUA A FONTE DA JUVENTUDE

PERGUNTA

SEGUNDO RECENTES DECLARAÇÕES do físico inglês Mac Crea, o lento envelhecimento do homem fótonico não lhe traz vantagens, mas prejuízos. Como assim?

RESPOSTA

Devem estar lembrados os leitores do "efeito relativístico da dilatação do tempo", referido no primeiro destes questionários (Dez. 7-57), efeito que fará com que o homem, viajando entre um e dois terços da velocidade da luz, atinja, equivalentemente, centenas de anos na duração de sua vida. É que, envelhecendo lentamente a bordo de um foguete fótonico, para cada 7 anos (10 no máximo) passados na terra, terá vivido simplesmente 1.

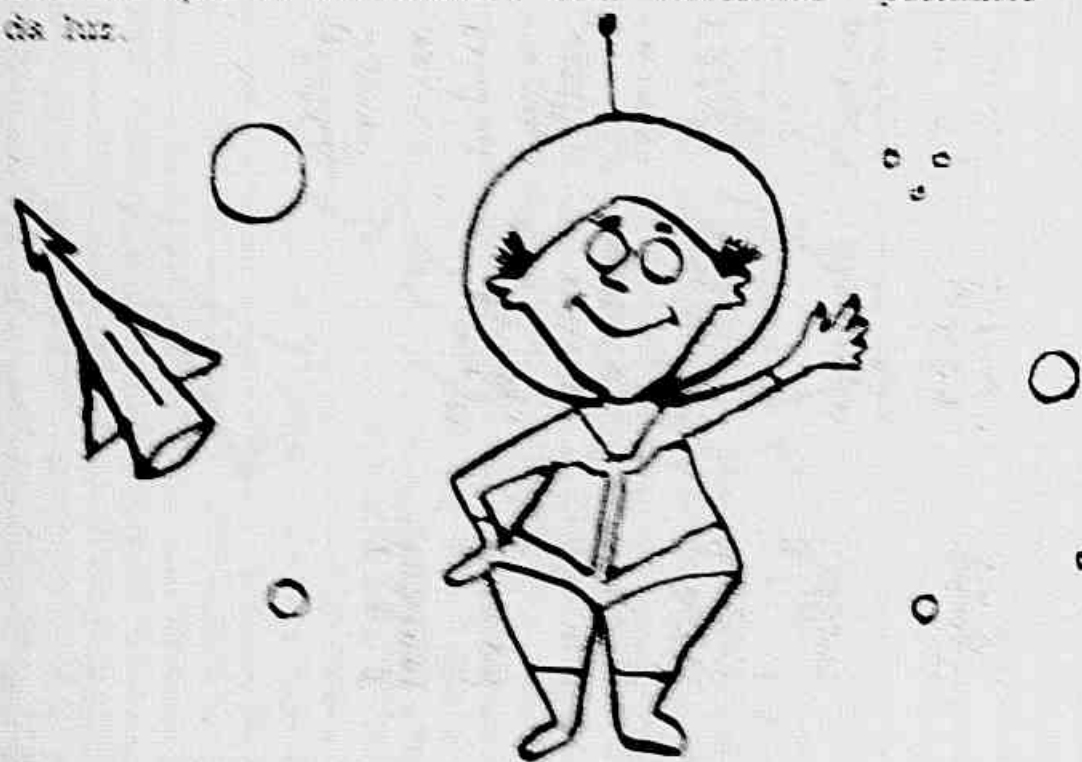
Será vantajosa ou prejudicial a lentidão fótonica? Para o prof. Mac Crea é prejudicial. Alega ele:

PORQUE CAEM AS LUAS ARTIFICIAIS E A DE

1) Newton, se de novo nascido e enviado a tal viagem, voltando depois de 80 anos chegaria à terra com 3: portanto, uma criança retardada; e

2) um calculador eletrônico executaria a bordo do foguete apenas um décimo da sua tarefa, no mesmo tempo em que na terra poderia executar o trabalho todo. E acrescenta: o futuro viajante espacial resolveria mais depressa os seus problemas se pedisse a um habitante da terra para raciocinar por ele...

O que está em jogo é a lei das compensações. Se Newton, recém-nascido e enviado a uma viagem fotônica, chegaria à terra, 80 anos depois, como criança retardada, se enviado, com 80 anos, a tal viagem, decorridos os mesmos 80 anos, chegaria à terra com 58... Por onde se vê que a desvantagem do 1.º caso é compensada pela vantagem do 2.º. Quanto ao calculador, cálculos de que se tivesse maior pressa a bordo poderiam ser feitos em terra e radiotransmitidos à espaçonave. Em terra ou numa plataforma espacial ou base lunar, funcionariam os cérebros eletrônicos para todos os veículos siderais que se deslocassem com velocidade próximos à da luz.



Uma coisa não se pode negar: a viagem fotônica será a verdadeira fonte de juventude, permitindo ao homem viver, em 70 ou 100 anos, 700 ou 1.000. É preciso ter em conta, ainda, a adaptação vital a esse estado de coisas, sabido como a adaptação é a grande lei da sobrevivência biológica. Tudo faz crer que o homem fotônico será o verdadeiro super-homem, sob todos os aspectos.

PERGUNTA

Podem a Rússia, realmente, lançar um homem ao espaço?

RESPOSTA

Não sabemos, não. É inquestionável, por enquanto, a técnica de construir a terra de um satélite artificial. Se houver, de fato, a tentativa anunciada extra-oficialmente para breve, constará, então, de simples foguete de prova mandado à bonce-faz com um passageiro a bordo. Dizemos passageiro e não piloto, por não se tratar, muito provavelmente, de foguete tripulado, mas apenas conduzindo um homem-teste. Se atingir a altura de 800 kms e daí descer o passageiro em para-quedas, seremos diante de recorde inaudito: ninguém, jamais, sobiu a tal altitude e descer daí em para-quedas sobre novo tipo desses aparelhos, entre cujos apetrechamentos deve achar-se o controle eletrônico, até agora só usado nos mísseis. Se chegar a ser lançado o homem-foguete russo, tratar-se-á de nova conquista técnica, por implicar solução de problemas novos, até agora como insolúveis. Mesmo que a tentativa venha a falhar, em parte, premuniremos que não estamos muito longe de ver lançado o primeiro ser humano num verdadeiro satélite. Terá isso grande importância para a Astronautica, desde que, e se então, poderá ser submetido

o homem à prolongada ação da ausência de gravidade (até agora ninguém o foi senão por menos de um minuto).

PERGUNTA

Fala-se muito em mísseis, balísticos e teleguiados. São todos foguetes? Como funcionam e a que se destinam?

RESPOSTA

Dá-se a denominação de míssil a um projétil não-tripulado, cujo destino é conduzir carga mortífera através da atmosfera ou do espaço a determinado alvo.

Balístico é um míssil a que nos dá impulso inicial para que prossiga, por inércia, em trajetória curva.

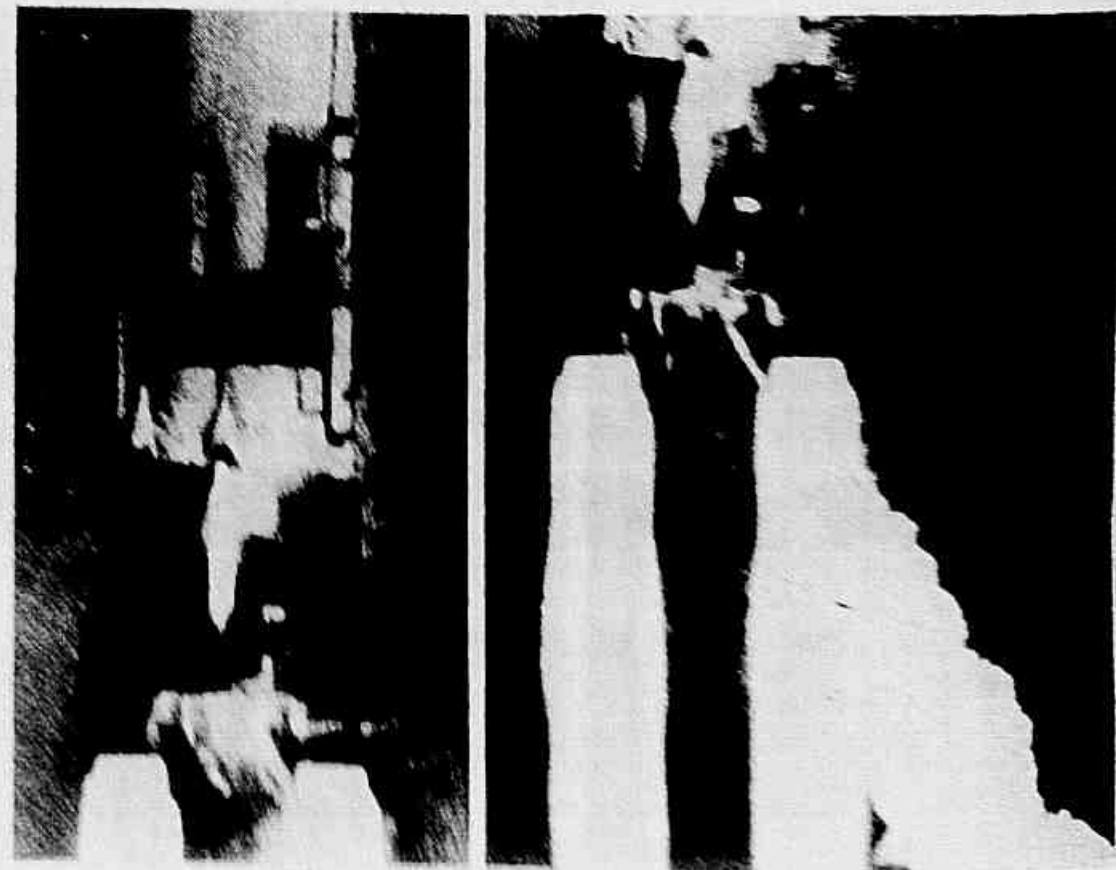
Teleguiados são os mísseis eletronicamente controlados, podendo o mecanismo de controle ser externo ou interno, isto é, achar-se fora ou dentro do míssil. Quando impelido por motor a jato, tira da atmosfera o ar que sorve, comprime e expulsa; se impulsionado por motor de foguete, conduz seu próprio combustível (sólido ou líquido), podendo alçar-se acima da atmosfera, por não depender dela, o que acontece com a maioria dos mísseis.

Já o nome de foguete é reservado a veículos movidos a reação, a qual provém da expulsão de gases incandescentes que ele próprio conduz, inflama e ejeta. E quanto à finalidade, não é destinado o foguete a fins bélicos e, sim, científicos ou de pesquisa. Em si mesmo não é o foguete arma de guerra, a menos se transformado em míssil.

Quatro são as espécies de mísseis, todos teleguiados: aéreos, aero-terrestres, terrestre-aéreos e terrestre-terrestres. Os mísseis aéreos são disparados do ar contra um alvo no ar (combate aéreos). Os aero-terrestres são disparados do ar contra um alvo em terra (bombas aéreas). Os terrestre-aéreos são disparados de terra (ou do mar) contra um alvo no ar (artilharia anti-aérea). Finalmente, os terrestre-terrestres são disparados de terra (ou do mar) contra um alvo em terra (ou no mar). Esta última categoria é a mais importante, a ela pertencendo os balísticos intercontinentais de longo alcance como o Snark, o Júpiter, o Atlas e o Titan.

A Rússia disparou seu primeiro balístico intercontinental em agosto de 57 e os E.U.A. em dezembro (ao realizar-se, em Paris, a conferência da OTAN).

O Atlas I atingiu o alvo a cerca de 800 kms. O II, lançado há poucos dias, alcançou a mesma performance. Será o Atlas, quando alcançar a distância máxima prevista de oito mil kms, um super-míssil, podendo chegar a sua velocidade até 20 vezes a do som. É a mais moderna e potente arma de guerra norte-americana, se bem que ainda em fase de expe-



Estas fotos do Departamento de Defesa dos Estados Unidos

VERDADE NÃO

rimentação, tendo dois outros anteriores a esses sido mal sucedidos no lançamento.

PERGUNTA

Fala-se também, muito, em velocidades sônicas. Que são?

RESPOSTA

Tomando-se a velocidade do som no ar como padrão, a velocidade será subsônica, sônica e supersônica, conforme seja inferior, igual ou superior à do som no ar, que é de 1 200 km/h. Os aviões a hélice ou a turbo-hélice são subsônicos; os a jato, sônicos ou supersônicos. Chama-se transônica a velocidade no momento exato em que atravessa a barreira do som. Até 4 vezes a do som, tem a velocidade o nome geral de supersônica ou ultrassônica: é a velocidade a jato-propulsão; a partir, porém, de 5 vezes a velocidade do som, diz-se hipersônica: é a velocidade dos foguetes, cujo último estágio, ao orbitar um satélite, impele-o com velocidade 24 vezes a do som, ou seja, 28 800 km/h.

Os foguetes mísseis podem ter, conforme o caso ou a necessidade, velocidades subsônicas, sônicas, supersônicas e hipersônicas. É a velocidade que torna os mísseis dificilmente interceptáveis. E como são teleguiados atingem alvos que mudem de direção, tática de defesa ora obsoleta. Fazem os mísseis a guerra automática e tremendamente destruidora.

PERGUNTA

Se a lua, satélite natural da Terra, tem peso, por que o não têm as luas artificiais?

RESPOSTA

Nem a lua natural nem as artificiais caem na terra porque a velocidade de suas revoluções em derredor do nosso planeta anula a força de gravitação terrestre. Peso têm todas, mas, a esse respeito, é como se não o tivessem. E se a lua natural atrai corpos em sua superfície e uma plataforma-satélite não, é porque a massa da lua natural excede, de muito, a insignificante massa de uma lua artificial. Enquanto na lua natural um homem de 60 ks na terra teria, apenas, 10, pôsto esse mesmo homem numa plataforma espacial pesaria decigramas. Por isso se diz que não terá ali peso, praticamente. Enquanto tem ele a atração da terra anulada pela velocidade orbital da plataforma, a massa desta exercerá sobre ele tão insignificante atração que passa, de todo, despercebida.

Mas pode perguntar-se: e se a tripulação da plataforma não reagir bem à ausência de gravidade, correrá o risco de perecer? Não, porquanto será criada, a bordo, para tal eventualidade ou mesmo para outros fins, uma gravidade artificial, obtida pela rotação da plataforma em torno de seu eixo.

Lembremo-nos de que, não fôsse a rotação axial da terra, pesariamos muito mais aqui. É a força centrífuga desenvolvida pela rotação da terra que, dada a grande massa desta, diminui-nos o peso, enquanto será este criado, na plataforma, pela mesma força, dada a insignificância da massa da plataforma para exercer atração apreciável. Onde há massa a força centrífuga age moderando-lhe a atração; onde não há massa (apreciável) a mesma força cria a atração — é a gravidade artificial.

Consideremos ainda que se a terra se movesse em torno de seu eixo mais depressa, do que, na realidade, o faz, pesariamos menos; e se mais devagar, mais pesariamos; e peso algum teríamos, na terra, se a rotação desta fôsse tal que anulasse, exatamente, a atração da massa terrestre.

Em conclusão: para não pesar na terra e para pesar numa plataforma sideral é necessária a atuação de um mesmo fator: a força centrífuga. Paradoxal, sim; porém, verdadeiro.

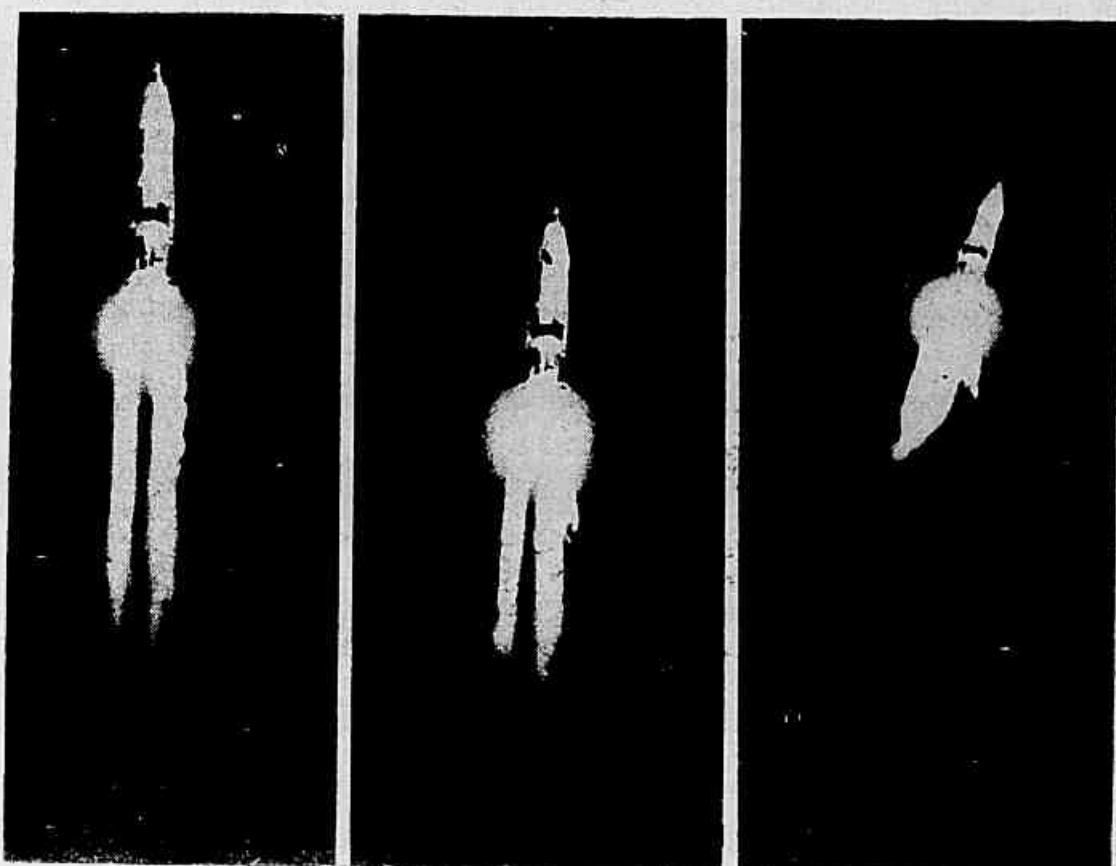
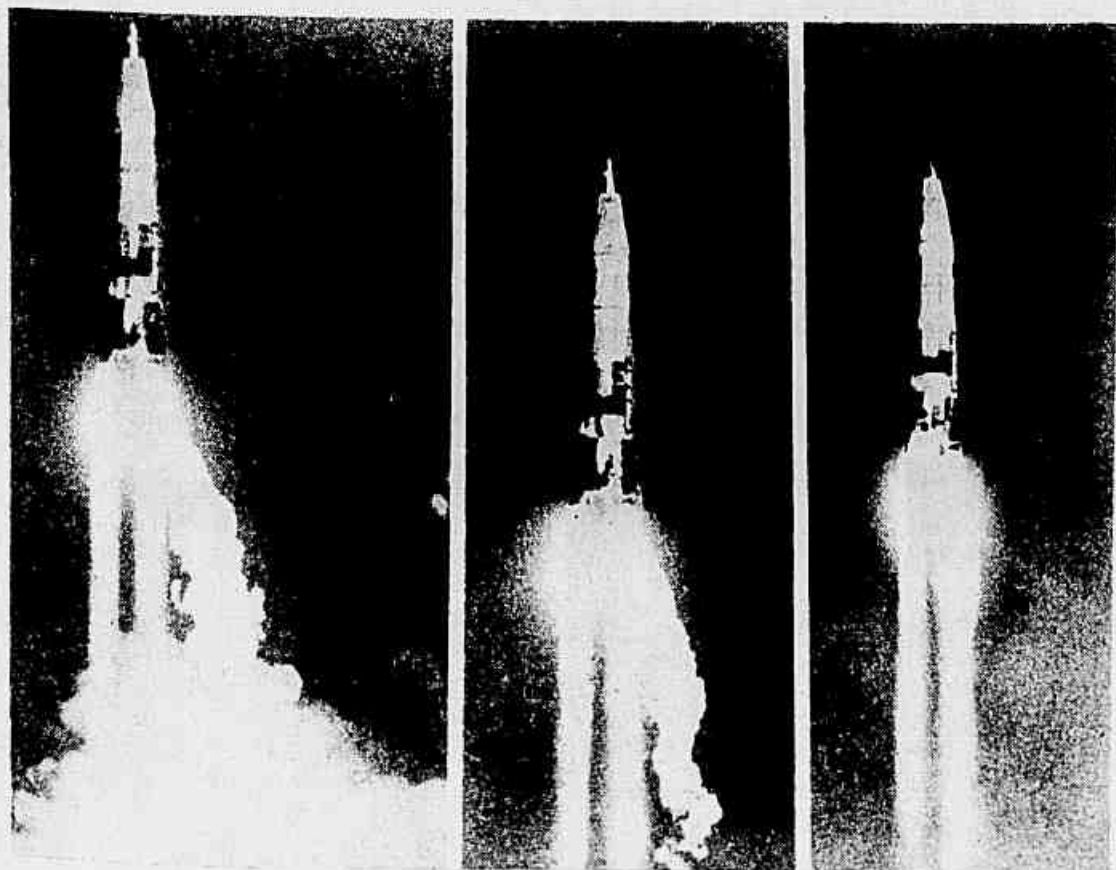
PERGUNTA

Se os satélites artificiais se movem e se mantêm pelas mesmas leis dos naturais, porque caiu o Sputnik I?

RESPOSTA

Giram os satélites artificiais segundo as leis da Mecânica sideral e manter-se-iam, indefinidamente, em suas órbitas se forças externas, de um lado e suas diminutas proporções, de outro, não determinassem a sua desintegração, passado algum tempo. Que representam os 80 ks do I Sputnik para os milhões de toneladas da Lua? Que resistência pode oferecer à atuação de forças cósmicas um satélite mirim? Seria o mesmo que exigir de um trenzinho de brinquedo que tivesse a mesma duração de um trem de verdade.

No espaço interplanetário agem forças poderosas: meteoritos, poeira cósmica e calor solar. O impacto de um meteorito, mesmo pequeno, em virtude da velocidade de que vem animado, é tremendo. Os micrometeoritos ou poeira cósmica, soprando constantemente, atuam sobre o satélite artificial com muito maior força do que uma tempestade de areia fustiga uma caravana, no deserto. E o calor solar, concentrado no pequenino globo, sem irradiação possível devido ao vácuo, desgasta-o. Perdendo altura, gradualmente, vai o satélite sendo arremessado da órbita de segurança. E ao dar com



mostram o "Atlas II" (II porque foi o segundo a subir com sucesso) sendo lançado no Cabo Canaveral.

NO ESPAÇO DE QUEM SERÁ A LUA?

as camadas superiores da atmosfera entra em fusão pelo atrito e se desintegra, exatamente como se fundem os meteoros ou estrelas cadentes.

A Lua recebe o impacto de toda sorte de meteoros (donde suas inúmeras crateras), o metralhar contínuo da poeira cósmica que se acumula, densamente, em sua superfície e é, ainda, calcinada pelo calor solar de 14 dias consecutivos, que lhe fende a crosta e as montanhas. Mas seu movimento de revolução e rotação nada sofre, dada a grandeza da massa lunar, que oferece bastante resistência para a manutenção inalterada da órbita. Os pequeninos satélites fabricados pelo homem pouco resistem, porém. Esperava-se que o Sputnik I não chegasse a 3 semanas. Foi muito que durasse 3 meses. Já o Sputnik II, de peso incomparável ao I, terá maior resistência e não se desintegrará antes de 1 ano.

PERGUNTA

Anuncia a Rússia, para já, o envio de um foguete à Lua. Que condições são requeridas?

RESPOSTA

Se a Rússia enviar, sem mais delongas, um foguete à Lua, não será veículo tripulado. Também não aterrissará na Lua. Ou nesta cairá, explodindo carga inflamável para controle na terra (flash visível a luneta) ou, se fizer a circunavegação lunar, não aterrissará de volta, inflamando-se aos primeiros contatos com a nossa atmosfera. No caso de conduzir cápsula com aparelhos de sondagem, esta chegará à terra em pára-quedas especial.

Será mesmo para já tal façanha?

Sim, desde que o foguete tenha de 5 a 7 andares. Os de 3 orbitam satélites, mas não escapam à gravitação terrestre. Mas um foguete de 5 ou 7 estágios não funciona sem super-combustível, pois os combustíveis líquidos ordinariamente usados só têm potência para propelir foguetes até 3 fases.

O anunciado foguete russo deverá ser animado, no último estágio, de uma velocidade mínima de 10,7 km/s ou 38 620 por hora (desde que lançado no sentido da rotação da Terra; do contrário necessitará de 11,2 km/s). Estará, assim, em condições de escapar ao campo gravitacional terrestre e atingir a Lua em 5 dias, seguindo uma destas trajetórias elípticas:

a) uma que chegue tão perto da Lua que seja o foguete por ela atraído, caindo na superfície lunar e explodindo ao tocar ao solo;

b) uma que, passando mais longe da Lua, contorne-a, voltando à Terra automaticamente, assim descrevendo a outra metade da elipse, para incendiar-se ao chegar à atmosfera.

Em ambos os casos o combustível empregado será total-

mente consumido na arrancada da terra, em cerca de 10 minutos. Todo o percurso de ida e, eventualmente, o de volta será feito pela inércia no movimento.

Se a Rússia conseguir lançar tal engenho terá tornado mais próximas do que fora de esperar as viagens siderais.

PERGUNTA

Atingindo a Lua primeiro, caberá à Rússia direito de propriedade sobre o nosso satélite?

RESPOSTA

A questão já vem sendo estudada e constitui novidade no Direito. Distinguem, porém, os juristas entre posse e propriedade. Não basta a posse para dar direito à propriedade. A



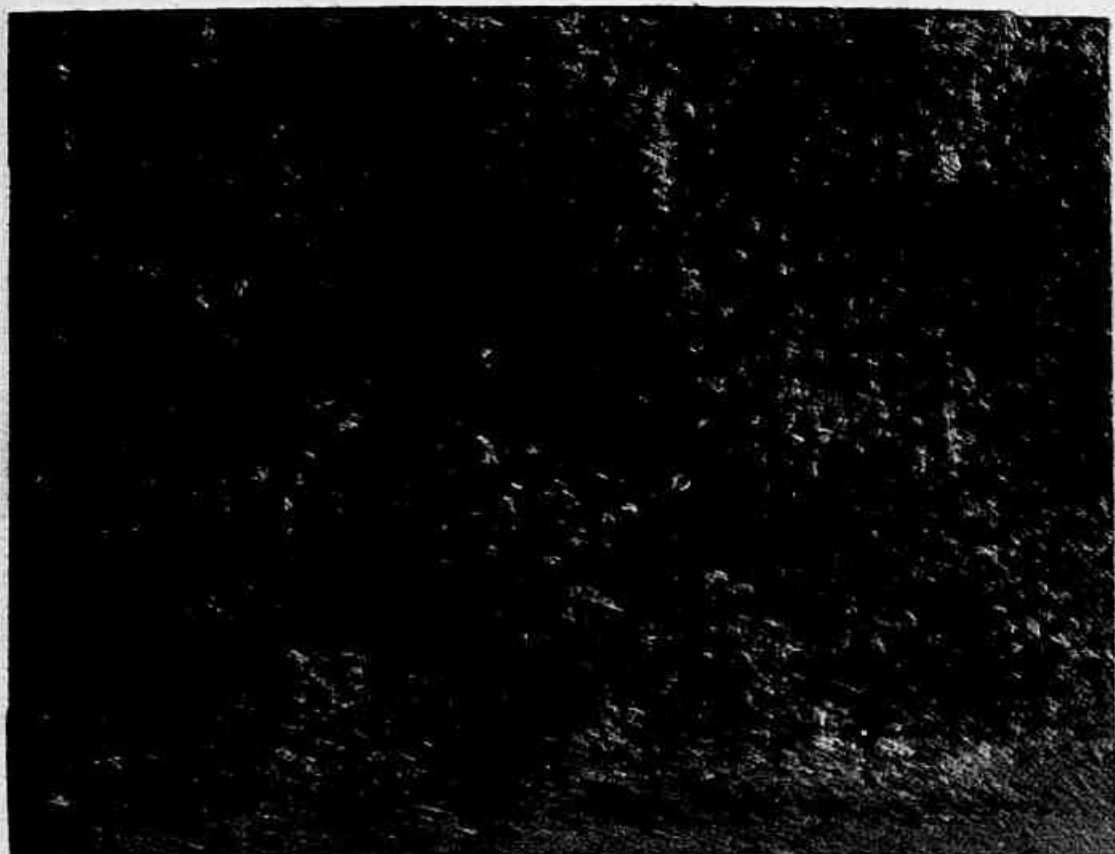
Rússia assistirá direito de posse se for a primeira a enviar à Lua um foguete, mas não poderá reivindicar, só por isso, propriedade sobre o nosso satélite. Tudo dependerá do que estabelecerem os juristas, na base do natural e convencional. Tratando-se de jurisprudência a firmar, só aos poucos será codificado o Direito Sideral ou Metadireito, como alguns já o chamam. Será preciso assentar princípios e remover obstáculos. Há também barreiras jurídicas a transpor, na constituição de tal direito. E desta feita não caberá à Igreja, conforme já assinalamos (R.S. 11 jan. 58), traçar, em escala astronômica, novo meridiano das Tordesilhas. Tracem-no, se for o caso, as próprias nações interessadas, a fim de que não venha a ser a corrida aos astros causa de dissensões e guerras.

PERGUNTA

Quais as etapas de um vôo cósmico?

RESPOSTA

Três. A primeira é a partida da Terra. Arrancará o foguete, se destinado à Lua, com velocidade pouco menor que se dirigido aos planetas. Se a partida se der de uma estação espacial, a velocidade inicial, para ambos os casos, será reduzida de quase 3/4, por não haver resistência atmosférica alguma. A segunda etapa começa ao escapar o foguete do campo de gravitação terrestre. Desligará os motores e prosseguirá por si mesmo. A terceira etapa é a descida no astro de destino. Voltarão a funcionar os motores para a freagem. Na Lua far-se-á esta, totalmente, a custa dos motores, à falta de atmosfera. Em Marte, e sobretudo em Vênus, suas tênues atmosferas ajudarão a aterrissagem, poupando motores e combustível.



ESPECIAL



ÍNDIAS NUAS NO "SALOON"

Com dois 45 nos quadris o sexo chega ao



COM DOIS REVÓLVVERES 45 nos quadris (bonitos de Jana Davi, uma atriz ceilonesa), o sexo montou a cavalo e foi para o Oeste, tomar parte nos filmes de mocinho e bandido.

Isto deve confundir muito os indígenas das ilhas do Pacífico Sul, que classificam os filmes em duas grandes categorias:

1. Bang-bang;
2. Beija-beija.

Jana Davi foi convidada por Mark Stevens (agora diretor) a tomar parte em **Gun Fever** da United Artists. Aceitou.

Neste filme, os índios morrem — como de hábito — quando chega a Cavalaria ao som de uma corneta tocada em Hi-Fi e som estereofônico. Mas a vingança dos índios é notável: a visão de Jana Davi que toma banho nua no rio, enlouquece os homens brancos, na fita e fora dela.

Temos o desprazer de informar que o filme foi muito cortado e que o banho



faroeste

da bela índia talvez seja um simples detalhe de segundos no filme que será exibido no Brasil (provavelmente com o título de "A Febre do Gatilho").

As cenas que (o felizardo) Mark Stevens assistiu servirão apenas para a publicidade do filme e para indicar que os índios estão pensando em novas armas para evitar os massacres contínuos que os autores dos roteiros lhes impingem.

Enquanto a Liga da Moralidade exige mais cortes no filme, os índios apelam para Hollywood no sentido de manter as cenas do banho-de-rio, "única arma que nos resta na luta desigual com os brancos".

Uma "posse" já foi organizada e está perseguindo os autores do corte no filme, armados até os dentes. Pretendem prendê-los a todos e organizar um "rodeio", onde os "cortadores" serão enforcados na primeira árvore resistente da estrada, depois de amansados.

E nem o mocinho virá salvá-los.



Fotos United Artists





O vagabundo e o menino

DÉCIMO CAPÍTULO

AS RELAÇÕES DE Ivan com Abel gradativamente sofreram uma transformação. À medida que os outros iam aceitando o idiota, o menino desinteressava-se d'ele. Em maio, naquele domingo da sua primeira comunhão, Ivan ainda se sentia o responsável por Abel, como se fôsse o seu pai e, por mais que se esforçasse, não conseguia ensinar-lhe nada, por causa de sua incapacidade absoluta de aprender. Quando Abel surgiu no pátio do bar, com o rosto e as mãos feridos, depois de seu primeiro ataque, escondido no mato, Ivan angustiou-se muito e lembrou-se logo do mercúrio-cromo, enquanto os outros limitavam-se a fazer-lhe perguntas. Entretanto, assim que viu todos solícitos tentando ajudá-lo nos curativos, sentiu pela primeira vez um certo desânimo. Parecia-lhe que a coisa não sendo mais proibida, perdia muito de sua antiga grandeza. Mas, não desistiu logo e continuou a procurar dirigir o comportamento de Abel para aquilo que julgava melhor.

BABINSKI



Léo Victor



Deu-lhe até uma cartilha, um caderno e um lápis, quando descobriu que o outro sabia ler e escrever. Um dia, discutiram, porque Abel escrevera cerveja com s. Ivan disse que estava errado, mas Abel mostrou-se inabalável. O menino, desesperado, foi buscar uma garrafa e mostrou-lhe o rótulo. Abel, muito nervoso, com extrema dificuldade, só conseguiu dizer:

— Está errado.

— Você é burro mesmo, hein, Abel? — desabafou Ivan, com vontade de arrancar os próprios cabelos. Depois, mais calmo, obstinado, tentou ensinar outra vez. D. Maria que, de longe, há tempos, os observava, repreendeu o filho:

— Ivan deixe de ser tolo!

O menino nunca se sentira tão ridículo em toda a sua vida. Foi desde esse momento que desistiu de tomar uma atitude mais ostensiva em relação a Abel. Contudo, durante muito tempo, ainda o olhava de longe, envergonhando-se terrivelmente, vendo as tolices que ele fazia e que para os outros eram apenas motivo de riso.

Os meses foram passando lentamente. No inverno, os dias eram sempre iguais e Ivan, para enchê-los, começou a ensinar outras coisas ao Dick. Passou junho, julho, e, quando entrou agosto, encontrou Ivan inteiramente absorvido pelo campeonato de futebol que organizavam no colégio. Em setembro, Dick já sabia dar a patinha para cumprimentar e ficar em pé, nas duas pernas traseiras, com um simples estalar de dedos. Em outubro, Ivan completou o álbum de figurinhas e seu time perdeu o campeonato, enchendo-o de amargura. Em novembro, D. Maria passou a tomar-lhe as lições, diariamente, a fim de prepará-lo para o exame final, uma vez que a professora lhe mandara um recado, lamentando a pouca aplicação de Ivan e alertando-a quanto à possibilidade do menino perder o ano.

Enquanto isso, Abel circulava por ali, inteiramente livre, mas também inteiramente esquecido por Ivan. E, nos últimos ataques, que teve sozinho no mato, quando voltou ferido, Ivan nem se deu ao trabalho de passar mercúrio-cromo no seu rosto, pois sabia que os ferimentos se cicatrizariam por si e aquela história de infecção era bobagem da irmã.

Abel ficou triste e sentiu muito falta, mas não era do medicamento que sentia falta...

* * *

NOVEMBRO TINHA UMA extraordinária importância para a estação de veraneio da Serra dos Órgãos. Entre fins de novembro e começos de dezembro a cidadezinha apresentava os sinais da sua penosa metamorfose anual. Nessa época, começava a perder o seu caráter. Deixava de ser uma tranquila cidade para transformar-se em uma máquina. É verdade que numa bonita máquina. Brilhante, polida, cheia de cores vivas, mais apesar disso não podia dissimular a sua triste condição de máquina caça-níqueis.

A causa disso era econômica, pois a cidade vivia quase que exclusivamente do dinheiro gasto pelas pessoas que passavam o verão ali. Eram elas que alimentavam o comércio, ofereciam empregos domésticos, possibilitavam uma boa indústria de construção civil, provocavam alta nos preços dos produtos agrícolas e esgotavam os estoques das pequenas indústrias. E, como essa gente pagasse melhor, tinha prioridade em tudo, sentindo-se donos e eram tratados como patrões.

É realmente penoso ver como o caráter de uma cidade pode mudar subitamente. Ali vivia-se ainda uma vida tranquila, de relações amistosas e humanas. Mas, com a chegada do verão, tudo se transformava. Seus habitantes sabiam que era preciso ganhar o máximo dentro daqueles três meses. Os amigos, os freqüentes do ano todo, eram preteridos até que voltassem o frio, a boa vida, em que cada um se mostrava como era e não precisaria sorrir, quando não sentisse vontade de sorrir.

Entretanto, mais penoso ainda de ver a transformação da cidade era observar a repentina mudança de comportamento de certos homens que, durante todo o inverno, revelavam-se verdadeiros chefes e líderes, tais como seu Ferreira e, de repente, vê-los transformados em criados subservientes, cheios de curvaturas e sorrisos para toda aquela massa de gente em geral com atitude de superioridade. Sem dúvida, eles só desejavam dos veranistas o dinheiro, e nem dissimulavam, pois, para tudo, havia dois preços: um para os turistas e outro, quase a metade, para o povo da terra. Os veranistas não percebiam ou apenas fingiam não perceber. O certo é que, em geral, não reclamavam e aqueles que o faziam não desejavam preços melhor porém um tratamento de amigo. Isso, entretanto, não obtinham. É certo que tudo estava à disposição deles. Tudo podiam comprar ou alugar, menos um tratamento de amigo.

Em novembro, quando toda a serra fôra fustigada por temporais, os homens dali sabiam que logo que as chuvas passassem seria o começo da estação. Os jornais chegados do Rio previam um verão muito quente e eles se alegraram com isso. Depois, entrou dezembro e apareceram os primeiros veranistas, falando do calor, elogiando o bom ar da cidade, então eles arregaçaram as mangas porque chegara o momento de iniciar os preparativos.

O verão não aumentava para eles em calor, mais em períodos. Ao primeiro, não davam grande importância. Eram poucos os que apareciam e ainda não valia a pena afivelar ao rosto a máscara de criado. O segundo período começava na última quinzena de dezembro. Era a ocasião do término do ano letivo. Aí, já não era mais possível ficar de conversa fiada e tinha-se que trabalhar duramente o dia todo. Em seguida, vinha o terceiro período com o fim das festas de Natal e Ano-Bom. Então, centenas de carros de luxo atravessavam a barreira e invadiam a cidade. Finalmente,

a semana de carnaval era o clímax da estação. Trens, carros, ônibus, camionetas, despejavam milhares de turistas que superlotavam a cidade como uma praga. Depois do carnaval o movimento decrescia rapidamente e, em quinze dias, a cidade se esvaziava como por encanto. Exaustas, as pessoas dali recolhiam o sorriso servil, e viviam novamente como homens simples que eram e a triste máquina de caça-níqueis readquiria a dignidade de uma tranqüila cidade.

No começo daquele dezembro, como sempre, eles se prepararam. Capinaram a praça, podaram as cercas de sebes, caíram o tronco das árvores. O "playground" recebeu uma nova pintura de vermelho, azul e branco, e repararam a instalação elétrica do campo de basquete. Abriam as belas residências, lavaram as roupas de cama e mesa, bateram os tapetes, e expuseram ao sol as pratarias depois de cuidadosamente ariadas. Nos hotéis e pensões abriram os quartos, armaram camas, compraram lençóis, travesseiros, colchões, talheres e pratos para substituir os que se haviam gasto no último verão. Trocaram alguns móveis, fizeram pequenas obras, invernizaram, enceraram, lavaram. Os corretores de terrenos mandaram campinar os loteamentos, colocaram placas novas, anunciando a venda com seus telefones e endereços. As casas de aluguel também foram limpas e anunciadas nos grandes jornais do Rio. Até o prefeito contagiado por aquela atividade febril mandou tapar os buracos das ruas centrais. Os táxis e as charretes triplicaram. Os bares, as oficinas mecânicas, as lojas, prepararam-se na medida de suas possibilidades e previsões admitindo empregados, suprimindo deficiência de instalação ou estoque.

Em fins de dezembro, a cidade estava pronta. Havia acabado de arrumar a casa da melhor maneira. E todas as coisas velhas, feias, sujas, foram destruídas ou escondidas.

* * *

ABEL GOSTAVA MUITO de sentar-se nas cadeiras de vime da calçada do bar

e ler a tarde inteira, seu catecismo ou sua cartilha.

Em meados de dezembro, proibiram-lhe de sentar-se nas cadeiras, explicando-lhe que ele não poderia mais usá-las porque acabavam de ser pintadas e com toda certeza as sujaria. Abel achou a explicação muito razoável e concordou.

Depois das Festas, precisamente no dia de Reis, "seu" Ferreira proibiu aos gritos que Abel entrasse no bar mesmo pela porta lateral e, dessa vez, como já estivesse muito ocupado, não lhe deu explicação alguma.

* * *

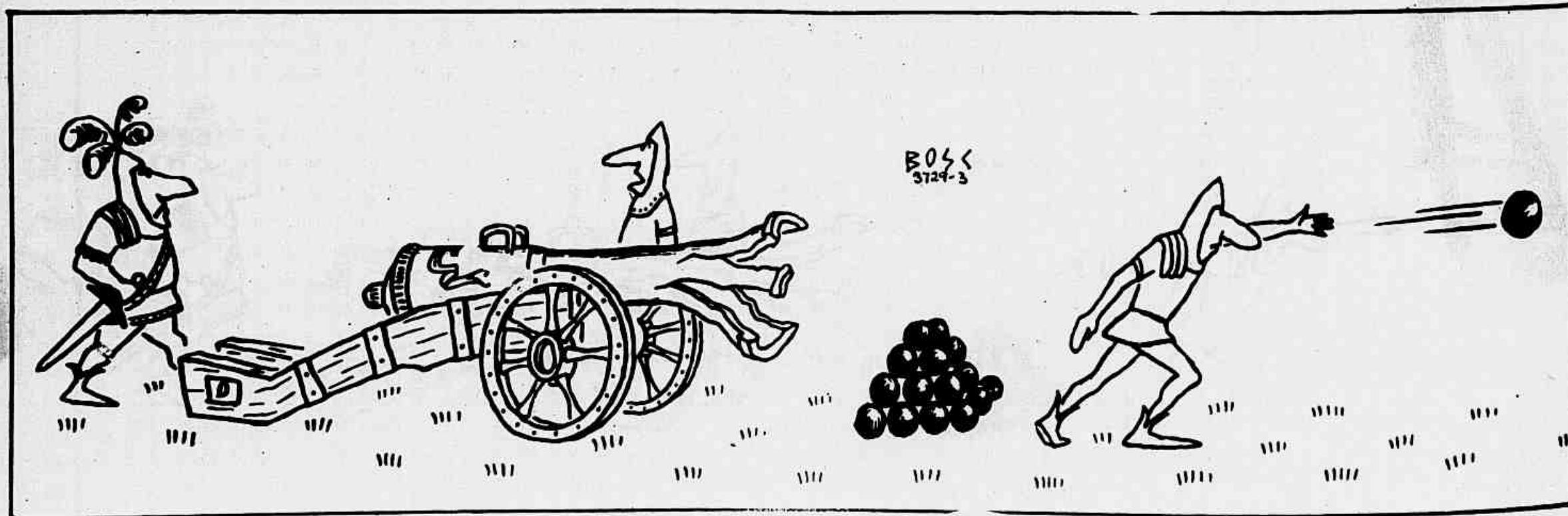
IVAN ASSISTIU A cena perplexo. Não entendeu o motivo pelo qual o pai tomara aquela atitude agressiva em relação a Abel, e nem poderia entender, pois o mundo de "seu" Ferreira era um mundo lógico e o de Ivan um mundo mágico. Impossível, que, vez por outra, esses dois mundos não entrassem em conflito.

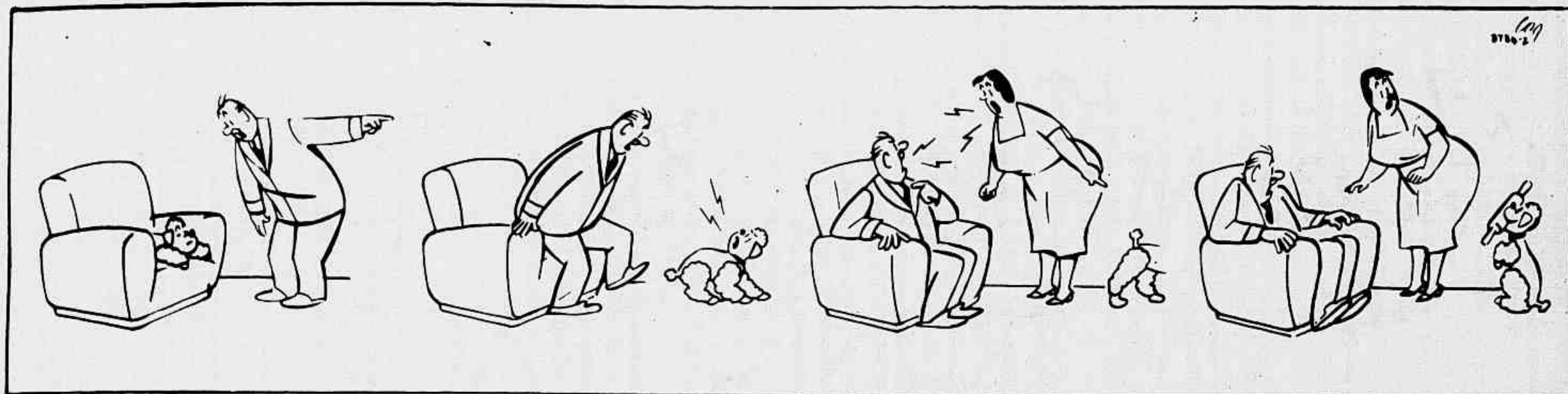
O menino acompanhou a saída de Abel, notando que o vagabundo tremia um pouco e cambaleava mais ainda do que de costume. As pessoas que estavam no bar, quase todas veranistas, sentiram-se aliviadas e recomeçaram a conversa interrompida pelos gritos de "seu" Ferreira esquecendo-se logo do incidente. Mas Ivan, muito emocionado, nem se moveu de onde estava e continuou a pensar em Abel.

Sentiu renascer-lhe o velho desejo de proteção e companhia que tivera, quando o outro surgira na cidade. Contudo, não se atreveu logo a segui-lo. Ceci vivia a chamá-lo de criança, de bôbo e até sua própria mãe já o chamara de tolo, por causa de Abel. Precisava ter cuidado. Herdara de D. Maria um excessivo senso de ridículo e tantas vezes já haviam se referido à sua ingenuidade, que Ivan acabara por tornar-se muito susceptível. Como todo menino, gostava que o considerassem um homem e, chamá-lo de criança, a toda hora, como se não pudesse crescer emocionalmente ao ponto de ser incapaz de aceitar ou ao menos entender os homens e o mundo, era uma coisa que o mortificava sobremaneira.

Por isso, naquele momento, conteve-se e ficou sentado no mesmo lugar, fingindo displicência, mas, na verdade, muito inquieto interiormente. Sentia-se na obrigação de consolar Abel, de recompensá-lo de alguma forma pela humilhação que recebera. Entretanto, preferia morrer a permitir que alguém o visse conversando com o vagabundo. Sabia que, naquele momento, Abel deveria estar a trinta metros dali — e, pela primeira vez, pensou nisso — os homens complicam tanto a vida, que uma coisa simples como aquela se tornava, por culpa deles, tão complicada. Mas, não adiantava rebelar-se. Sempre que o fizera, recebera como resposta apenas isso: "Você quer ser palmatória do mundo? Deixe de ser tolo!" Tal frase devia realmente encerrar uma grande verdade, pois todos a diziam com um leve sorriso de escárnio. Necessitava submeter-se. Não havia outro jeito. Bem entendido: submeter-se nas aparências, porque para Ivan tal frase revelava uma grande falta de imaginação, pois, afinal de contas, podiam dizer a mesma coisa com outras palavras e, além disso, "Eles são uns grandicíssimos bananas-d'água" resmungou, com ódio o garoto. Mas sabia como fazer. Iria se comportar do mesmo modo que os outros. Seria dissimulado. Não havia mesmo outra saída. O melhor era esperar que o pai entrasse na cozinha, a fim de transmitir alguma ordem ao Sílvio, e, então, aproveitaria para escapular. Ficou observando "seu" Ferreira atendendo aos fregueses, sempre solícito e risonho. Permaneceu ali um tempo que se lhe afigurou interminável. Finalmente, compreendeu — com um pouco de tristeza — que o pai se absorvera tanto no trabalho, que não notaria a sua saída. Dirigiu-se, devagar, para a porta da frente. Depois, sem nenhuma pressa, caminhou pela calçada como se estivesse passeando. Contornou o quarteirão, e somente correu ao chegar à picada no mato, que o levaria, pelos fundos, ao barracão onde Abel deveria estar.

Não se enganara. Logo à entrada, viu o vagabundo que a um canto, acorçado e muito triste, parecia perdido em angustiosas reflexões. Entrou com cuidado,





COQ



COQ



COQ

como se o outro estivesse dormindo e não quisesse despertá-lo, mas ao mesmo tempo desejando dizer-lhe alguma palavra, fazer algum gesto capaz de dar ao amigo um pouco de alegria. De fazer ao menos com que ele se esquecesse da ofensa. Contudo, por mais que se esforçasse, não lhe ocorreu nada. Sentindo-se incapaz de tudo, acorrou-se junto ao outro, e ficaram ambos a olhar o chão pensativamente.

Pouco tempo depois, o menino viu ao lado da esteira de Abel, o catecismo e a cartilha cuidadosamente depositados sobre jornais. Segurou a cartilha apenas para fazer alguma coisa, então notando que estava suja e róta de tanto ser manuseada, teve uma idéia que julgou excelente, capaz de reparar todo o mal. Levantou-se feliz e correu para o quarto. Examinou seus livros e cadernos, recentemente encapados por D. Maria com um resistente papel-couro. Findo o exame, concluiu que o papel mais bonito

era o Atlas de Geografia. Não hesitou um instante, desencapou o livro e, alisando com as mãos o papel no chão, colocou-lhe a cartilha em cima, percebendo aborrecido, que era grande de mais. Refletiu profundamente até que achou a solução e, levantando-se rápido, desarrumou a gaveta do guarda-roupa de Ceci, à procura de uma fita gomada, de uma borracha, de uma tesoura e do talco. Decerto a irmã provocaria uma discussão interminável ao ver sua gaveta naquele estado, mas não deu a êsse pensamento a maior importância. Voltou e, sentando-se no chão, pôs-se a trabalhar, meticulosamente, esforçando-se para realizar um serviço perfeito. Colou as páginas rasgadas com a fita transparente, raspou com requintes os riscos de lápis, e depositou talco sobre as manchas de gordura. Ficou ali mordendo a língua, nervosamente, mais de uma hora. Por fim, olhando a sua obra, suspeitou que faltava algo. Refletiu, fez hipóteses, virou a cartilha de

um lado para o outro, sem conseguir determinar o que fôsse. De repente, descobriu. Claro, era aquilo que faltava. Fêz ponta num lápis vermelho e escreveu: "Abel" em letras enormes, na página de rosto. Olhou demoradamente sem entretanto se dar por satisfeito. O vagabundo não possuía sobrenome e isso o descontentou um pouco. Tentou remediar, escrevendo ao alto das letras vermelhas: "Este livro pertence ao". Afastou a cartilha e leu: "Este livro pertence ao Abel". Agora, estava bem. É verdade que deveria ter escrito "ao aluno", mas se deteve porque Abel não era aluno de nada. Fizera tudo que lhe fôra possível, levantou-se e, enfiando a cartilha por dentro da camisa, desceu.

Encontrou o vagabundo no mesmo lugar, apenas um pouco mais encolhido. Parecia doente ou sentindo muita dor. Aproximou-se devagar e, estendendo-lhe a cartilha, disse, risonho:

— Toma, Abel.

A DAMA DE COPAS É UM TRUNFO FRACO

ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA tornou-se o autor brasileiro de sucesso de bilheteria, atraindo grande público para as suas peças. Tal aconteceu com "Santa Maria Fabril S/A" (T.B.C.), "Moral em Concordata" (Cia. Maria Della Costa), "O Cornício" (Cia. Nidia Lúcia-Sérgio Cardoso), etc. Na falta de outro Original de Abílio (já que "Rua São Luís" não podia ser encenada, no momento, aqui no Rio), o T.B.C. resolveu remontar "Pif-Paf", ou "A Dama de Copas", numa versão mais atualizada, na certeza de mais um sucesso financeiro.

Descrevendo uma família do "café-society", em que o "pif-paf" causa a bancarrota financeira e moral, "A Dama de Copas" falha em seu desenvolvimento, criando situações comuns em que o texto é insosso e desprovido de teatralidade. Não se pode negar a Abílio a facilidade do diálogo, esse diálogo fútil no decorrer dos três atos. Afinal de contas seu autor é um componente da sociedade e aprendeu bem algumas mazelas do ambiente em que vive. Seus personagens, sem nada de marcante, agem de maneira simples, de uma simplicidade tóla, inexpressiva.

"A Dama de Copas" não tem nem mesmo mérito como "crítica", pois encontra solução da forma menos condizente com os princípios básicos da moral. O casal se fracassa, cada um terminando com um novo casamento e possivelmente bem sucedidos. O filho do casal, que durante toda a peça se evidencia como um produto daquela vida, plenamente integrado nos erros de uma educação desleixada, no final explode como uma vítima inconformada, soando extremamente falso, pretendendo ser uma "advertência".

Na interpretação, destaca-se Célia Biar, excelente comedianta, explorando com sua vivacidade pessoal as cenas em que comparece, sustentando a parte cômica do espetáculo. Mauro Mendonça, bastante à vontade no papel, revela-se um bom ator, se bem que incorre, por vezes, no exagero do tipo. Num tom amadorista, de um modo geral, Laércio Laurelli, Roberto de Cleto, Rosamaria Mur-tinho, Monah Delacy, Luis D'Ávila, Fábio Sabag, Newton Prado e Osvaldo de Abreu. Numa interpretação mais deficiente estão Maria Pompeu e Sebastião de Campos.

A direção de Armando Paschoal pouco pôde realizar com o texto e o elenco, mas marca uma inovação no T.B.C., dando oportunidade a diretores brasileiros — o que é bastante louvável. O cenário único de Mauro Francino pareceu-nos razoável, com alguns toques de mau-gosto.

...

TEATRO MUSICADO

HÁ ALGUNS ANOS que se nota uma decadência em nosso teatro musicado, limitado a textos que primam pela obscenidade. As passagens de Silveira Sampaio ("No País dos Cadillacs" e "Brasil



de Pedro a Pedro") e de Renata Fronzi ("Brasil 3000") apresentando comédias musicadas, alertaram aos empresários de revista e nota-se uma preocupação para se instaurar definitivamente esse gênero aqui no Rio, a exemplo das rendosas montagens nos grandes centros mundiais. O próximo cartaz do Teatrinho Jardim (possivelmente em março) será uma comédia musicada, com roteiro de Mário Meira Guimarães e Ney Machado, tendo, provavelmente, Consuelo Leandro como principal protagonista.

...

PRÊMIOS DA PREFEITURA

É MUITO COMUM haver descontentamento em prêmios concedidos nos cer-

tames, quer oficiais, quer particulares. Os prêmios da Prefeitura, de 1957, entretanto, foram heterogêneos e de uma injustiça gritante. Entre tantas boas interpretações femininas (Cacilda Becker, Cleide Iaconis, Maria Sampaio, etc.) escolheram Beatriz Veiga como a melhor atriz dramática, pelo seu desempenho em "A Bela Madame Vargas". O curioso é que vários integrantes da comissão julgadora dos citados prêmios, não vão sequer aos teatros...

...

INTERNACIONAIS

JEAN-LOUIS BARRAULT, que recentemente levou à cena do Théâtre Sarah Bernhardt, em Paris, a célebre "Madame Sans Gêne", de Victorien Sardou, com Madeline Renaud no papel-título e Jean Desailly como "Napoleão", embarcará para Londres, a fim de dirigir para Lawrence Olivier "Pour Lucrèce" de Jean Giraudoux. Barrault, que na peça de Sardou interpreta o personagem "Fouché", deixou o veterano Pierre Bertin em seu lugar. Entrementes, o criador de "Christoph Colomb" planeja uma "tourné" pela Europa Central e Japão.

MARCEL AYMÉ TRIUNFA em New York com sua peça "Clérambard", interpretada por Claude Dauphin (artista francesa que há algum tempo vem atuando na Broadway). A imprensa americana elogia bastante o dramaturgo francês, mas sempre menciona que Aymé é também o autor de "A Mônica Azul" (representada atualmente em Paris) — sátira aos costumes norte-americanos.

PIERRE BRASSEUR leu "Don Juan", de Montherlant, e ficou de tal forma entusiasmado que resolveu montá-la em outubro no "Athenée". Brasseur terá que disfarçar com "maquillage" o seu nariz e cortar a barba — exigências do papel. Embora bastante satisfeito por interpretar pela primeira vez uma obra de Montherlant, o conhecido ator francês lamenta que a peça não tenha um papel de importância para Suzanne Flon, a sua sócia na direção do "Athenée".



Lady Maxwell informa



O SR. SAMUEL WAINER demitiu a cronista Pomona Politis de seu jornal. Os motivos são vários. O casal Wainer quer agora entrar para a granfinada e Samuel começou a achar que Pomona estava muito "água com açúcar" — ela que pensava estar fortíssima. A ex-cronista já anda dizendo que sobre o sr. Samuel Wainer quem tem razão é o sr. Carlos Lacerda.

A EMBAIXATRIZ FARIA deixou o Rio eufórica (seu marido vai servir em Paris). No ano passado ela jurara a um grupo de amigas que conseguiria a transferência do embaixador Antônio Faria do Brasil — e conseguiu.

ESTES VOCÊ NÃO deve convidar para a mesma festa: srs. Ibrahim Sued & Jacinto de Thormes; Osvaldo Penido & Victor Nunes Leal; José Maria Alkmim & Tancredo Neves; brigadeiro Eduardo Gomes & general Teixeira Lott; Carlos Luz & Nereu Ramos; César Pires de Melo & Paulo Sampaio.

O MAIOR SONHO do poeta Augusto Frederico Schmidt é fazer parte da lista dos dez homens mais elegantes.

O SR. DIDU SOUZA CAMPOS ficou três dias de cama quando foi publicada a lista dos "dez mais" sem o seu nome. Sua esposa ficou à sua cabeceira. Os médicos não conseguiram descobrir a doença: era diagnóstico para cronistas sociais...

UM DOS MAIS LAMENTÁVEIS desquites foi o do simpático casal Walter Heilborn. A separação de ambos foi culpa exclusiva dos amigos, que os cercavam

de considerações e também de "venenos", contando a ele histórias imaginárias e atribuindo-lhe comportamento igualmente imaginário. Espero que ambos voltem atrás... e mudem de amigos.

ACONTECIMENTO DOS MAIS simpáticos foi o jantar oferecido pelo embaixador norte-americano e sra. Briggs para homenagear o casal Joaquim Silveira. Depois muitos convidados foram terminar a noite no "Sacha's".

O SR. E SRA. Vicente Galliez já estão preparando sua residência de campo em Petrópolis (River Side) para o "party" anual que eles oferecem à sociedade, retribuindo convites.

POR MAIS QUE o sr. Leonardo Alkmim se esforce, não consegue imitar seu pai. Suas gravatas são geralmente de mau-gosto. Seus colarinhos estão sempre amassados e sua pose é de ministro de Estado. Agora os funcionários do gabinete passaram a lhe chamar "Toneladinha"...

FELIZMENTE ESTAMOS livres, por um mês, do cantor Murilinho de Almeida que, às vezes, quando se esquece, fala mal dele mesmo... Murilinho (que foi para Guarujá) em matéria de butantan só perde mesmo para a sra. Lucita Crespi e sr. Adolfo Loturco...

MUITO SIMPÁTICA a festa da piscina do Copa com desfile das modelos de Jacques Heim.

O DEPUTADO RENATO Archer continua sendo o debutante mais entusiasmado das noites cariocas...



O embaixador Antônio Faria (na foto com a sra. Carlos Heilborn) partiu: promessa da embaixatriz Hermínia, que jurou conseguir sua transferência do Brasil.

XÂNTIAS

NAS 166 PÁGINAS de "Xântias", Guilherme Figueiredo reuniu oito diálogos sobre a criação dramática. A publicação é da Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1957. Preço: Cr\$ 100,00. O volume é o n.º 10 da Coleção Vera-Cruz, dedicada à literatura brasileira. Capa de Manolo Segalá. Boa impressão em bom papel. Revisão com pequenos senões, que nunca chegam a prejudicar o entendimento do texto.

O AUTOR — Paulista de Campinas (1915), Guilherme Figueiredo cursou o Colégio Militar e se diplomou em Direito pela Universidade do Rio de Janeiro. Jornalista, já deteve colunas de crítica de teatro, de música e de literatura. É, desde 1949, professor de História do Teatro, do Conservatório Nacional de Teatro, do Serviço Nacional de Teatro do Ministério da Educação e Cultura. Autor brasileiro dos mais representados fora do país, teve, nos últimos dias do ano passado, uma consagração mundial, vendo peça sua premiada num festival de teatro na URSS, a que concorriam centenas de peças dos quatro cantos do planeta. Suas obras são: "Um Violino na Sombra" (poemas), "Trinta Anos sem Paisagem" e "Viagem" (romances), "Rondinella" (contos) e "Miniatura de História da Música", sem contar a produção teatral, que engloba "Lady Godiva", "Greve Geral", "Um Deus Dormiu Lá em Casa", "Don Juan", "Pantomima Trágica" e "A Rapôsa e as Uvas". Tem diversas peças inéditas e uma (representada) para crianças, além de haver escrito também revistas.

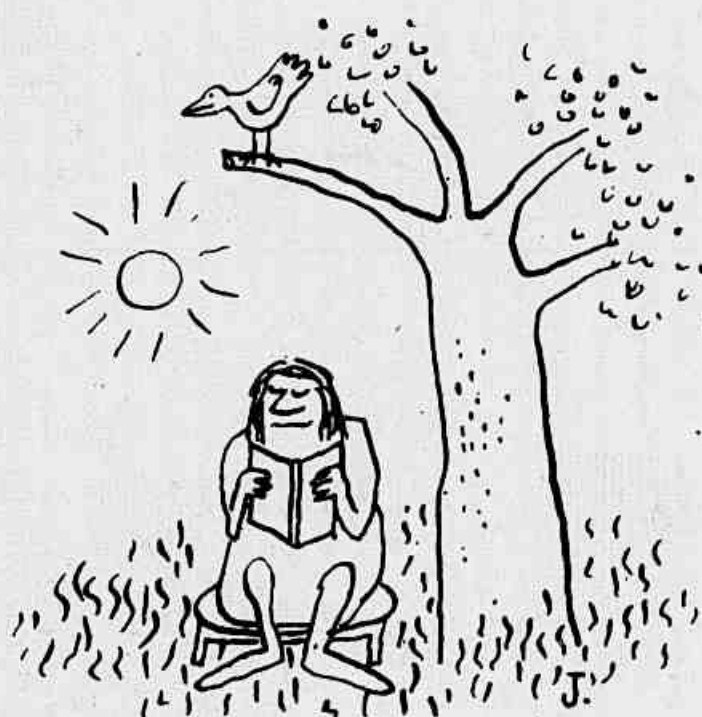
O LIVRO — O próprio autor, no prefácio, nos informa da técnica que usou: "Na comédia d'As Rãs, Aristófanes nos mostra Dioniso, acompanhado do escravo Xântias, rumando para o inferno a buscar os grandes poetas dramáticos da Grécia, que, desaparecidos, fazem falta a Atenas. Enquanto descem ao Hades, dialogam sobre a arte teatral. São os diálogos que imaginei, para as minhas duas personagens".

Enfiando-se na pele de Dioniso e imaginando em Xântias um moço desejoso de iniciar-se na literatura teatral, Guilherme Figueiredo alinha, no decorrer de seus oito diálogos, a teoria que colheu nos livros e a experiência que colheu

na prática, transformando "Xântias" num repositório de ensinamentos, onde, na linguagem mais simples, conta aos principiantes tudo quanto devem saber para escrever uma boa peça de teatro.

No primeiro diálogo, Dioniso dá a Xântias os motivos pelos quais se deve fazer teatro. No segundo, disserta sobre as razões que levam o futuro teatrólogo a escrever. Trata o terceiro diálogo da necessidade de ler, indicando o que ler e como ler. No quarto, a indicação recai sobre o material a ser colhido para a composição da peça. Como escrever para teatro é o tema do diálogo seguinte. Os demais tratam, respectivamente, do "estilo", da "surpresa e o final" e do "resultado".

Temos, portanto, um roteiro de iniciação no gênero, que vai dos dados mais genéricos às minúcias necessárias, sem nada desprezar. É um livro de divulgação séria e honesta, servindo como base de estudos para quantos pretendem criar para o teatro.



COMENTARIO — Poucos escritores, no Brasil, estariam em condições, como Guilherme Figueiredo, de nos oferecer um livro tão precioso. Nêle, demonstra possuir as qualidades essenciais exigidas para a feitura da obra: sensibilidade, inteligência, cultura larga e variada, conhecimento do ofício, poder de comunicação com o interlocutor e hábito de um didatismo jamais pernóstico e suficiente. Mo-

vimenta-se no assunto com o desembaraço e a segurança que o tirocínio lhe trouxe. Escreve com clareza, é sempre bem explícito, facilitando a assimilação do que ensina. A lição final do livro é válida, não somente para teatro, mas para qualquer gênero de literatura e para todos os ramos da arte: o que verdadeiramente tem um artista que aprender é a ser humilde para que os outros possam orgulhar-se dele.

OUTROS LIVROS

"Instante Perpétuo" é o livro, de excelente feitura gráfica, em que Ribamar Ramos (nascido em São João dos Patos, sertão maranhense, em 1914) estréia, embora não seja o primeiro que escreve. Edição Panfleto, Rio, 1957. Volume de 34 páginas. O autor se confessa autodidata. A julgar por êstes seus poemas, não teve muito, pelo menos em matéria poética, que ensinar a si mesmo.

Lançando-se às livrarias com "Mundo Futuro", numa edição do Clube de Poesia de Niterói, 1957, 126 páginas, Pereira Lima (funcionário do Ministério da Educação e nascido em 1925) lança também o que talvez pretenda uma nova "escola": o essencialismo, que consiste em linguagem telegráfica e, portanto, apoiética ou mesmo antipoética. Define Pereira Lima: "máxima poesia em mínimas palavras". Não encontramos qualquer poesia no volume, que, de resto, traz os versos em inglês, francês, alemão e, finalmente, português, pois, esclarece ainda o autor, trata-se de "poesia universal para qualquer língua, povo, raça, meio, tempo". Grande influência da austronáutica, porém bastante primária a execução.

Com "Maomé e a Tradição Islâmica", de Émile Dermenghem (192 páginas em letra miúda, abundantemente ilustradas), a Livraria Agir Editora iniciou, ao apagar das luzes de 1957, sua coleção Mestres Espirituais. O livro contém, em resumo, tudo quanto se deve saber sobre o grande profeta árabe, inclusive com a indicação de farta e preciosa bibliografia. Santo Agostinho, São Paulo, Buda, São João Batista, George Fox, Mestre Eckart, Sócrates, Moisés e São Francisco de Assis são as figuras a serem estudadas nos próximos volumes. O preço do primeiro é de Cr\$ 100,00. Tradução de Ruy Flores Lopes. Texto original em francês.

REVOLUÇÃO DE MULHERES EM MOSCOU



fabiani

cetim brocado; capa de tafetá

AS RUSSAS TAMBÉM QUEREM SER ELEGANTES

AS RUSSAS QUEREM SER

CAROSA
CAPUCCI
FABIANI e
SIMONETTI

— quatro modistas
muito em moda na Itália —
foram convidados
(oficialmente)
a ir a Moscou
exibir suas coleções.
Motivo:
os soviéticos estão pensando
— seriamente —
na glamorização da mulher russa.
Até bem pouco tempo
a moda
era considerada burguesa
na Rússia
e vista com maus olhos
pelos dirigentes soviéticos,
que diziam como Krushev:
"Ainda há moças
que acham
que podem beber leite
sem ordenhar a vaca".

A GORA,
os mesmos dirigentes
mudaram de opinião,
achando que
a mulher russa já sabe
"distinguir entre o luxo vulgar
e a elegância".
Está lançado um novo "slogan"
(com o perdão da palavra)
que deve ser pichado
em todas
as paredes de Moscou:
"A ELEGÂNCIA É NOSSA".

AS quatro coleções são
principalmente
de vestidos de noite,
atendendo a uma sugestão
feita no convite.
A noite,
segundo as autoridades soviéticas,
"é a hora mais propícia
para a elegância".

POR outro lado
anuncia-se

TAMBÉM ELEGANTES

que na Polônia
houve o primeiro concurso
para a escolha de "Miss Polônia";
e que este ano será escolhida
"a mais bela soviética",
num concurso
que reunirá
representantes de todos os países
da Cortina-de-Ferro.

A escola de Belas Artes
de Moscou
já está diplomando
modistas
que haviam sido substituídos
por "técnicos em moda".
(Esses técnicos
lançaram em 1946
— por exemplo —
um vestido de duas peças
que funcionava como
14 modelos diferentes.
Não pegou).

A Rádio de Moscou,
entrando na nova linha,
começou a irradiar esse mês
uma série de programas
intitulados "Bom-Gôsto",
ensinando
a mulher russa
a "ser elegante sem ser fútil".

O desfile será no dia
25 de janeiro
e já estão programados
seis outros
para os próximos seis meses.

O S russos ficaram muito espantados
quando souberam que CAROSA
é o pseudônimo
da princesa
Giovana Caracciolo de Avellino
e que CAPUCCI
FABIANI e
SIMONETTI
são todos representantes
da nobreza italiana.



carosa tafetá azul

chiffon amarelo capucci



fabiani

tafetá pink salmon

GÊMEOS, GÊMEOS, NEGÓCIOS À PARTE



ERAM DUAS MOCINHAS gêmeas, alunas do mesmo colégio. Ambas de vestido azul, sapatos iguais, livrinhos às mãos em gestos iguais. Faltava, para lembrar as meninas de ontem somente a fitinha igual em ambas as louras cabecinhas... Agrada à vaidade dos pais mostrar duas meninas perfeitamente iguais e responder às clássicas perguntas: "São gêmeas? Como é que você as reconhece? Tão parecidas..."

Infelizmente, quando os gêmeos são criados desta forma estabelecem-se entre os dois tão fortes laços de identificação que se torna difícil a cada um deles emancipar-se, constituir-se personalidade com todos os belos atributos de uma personalidade definida: unidade, independência de outrem, etc.

Mas esta identificação pode dar-se entre irmãos que não são gêmeos, desde que submetidos ao velho tratamento de roupa igual, colégio igual, sapato igual, etc.

É preciso fazer com que sejam ressaltados os gostos de cada um — levar a criança à loja para escolher a cor da roupa que vai usar, o tipo de sapato que desejaria calçar. Se um sofre demasiada influência do outro, levá-los a compras separadamente. Hoje se aconselha que os gêmeos sejam educados em colégios diferentes e este conselho vale também para quaisquer irmãos desde que se note o predomínio de um sobre outro — seja predomínio pela inteligência, seja pela violência.

PODE UMA CRIANÇA INTELIGENTE E APLICADA TER MAU APROVEI- TAMENTO ESCOLAR?

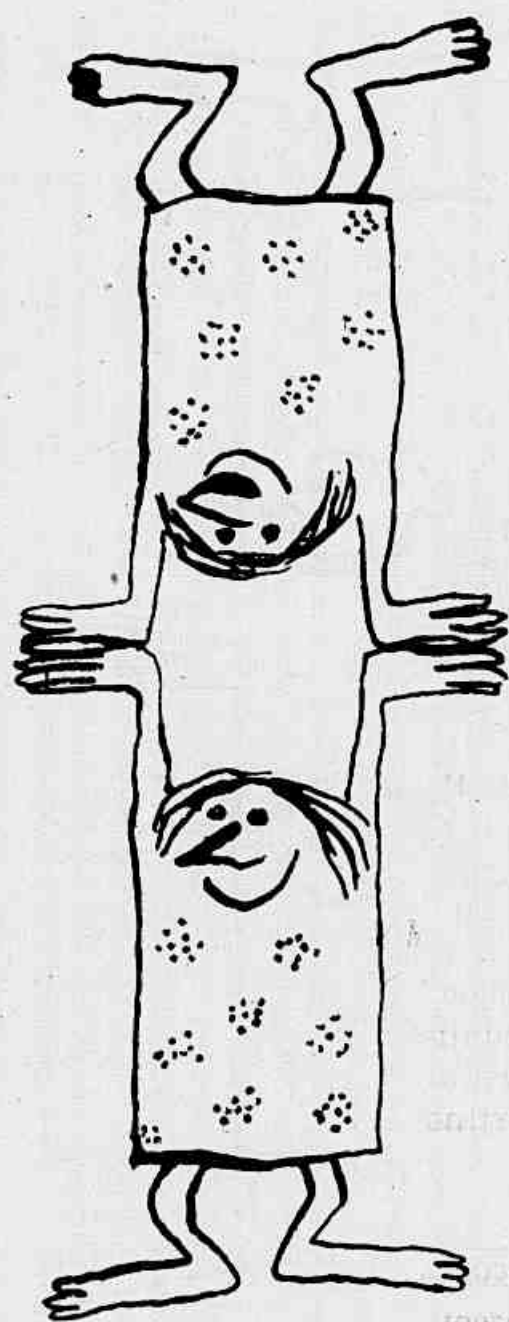
Infelizmente a inteligência e o aproveitamento escolar não são independentes da afetividade, da ambiência doméstica, dos problemas emocionais da criança ou de adolescente. Daí porque muito menino que deveria, pela ordem natural das coisas, ser aprovado, pode surpreender a família com uma reprovação inesperada.

Maria Fernanda, de 7 anos de idade, aluna de uma escola de Copacabana, foi aplicada até um certo dia. Daí em diante parecia sempre abstraída, longe da sala de aula. Tal foi a mudança que a professora resolveu investigar e descobriu que um dia a mãe da garôta dissera: "se alguém quiser dar um menino por duas meninas, eu iria trocar"... Então Maria Fernanda vivia pensando: "Todo dia pode ser o dia da troca".

Como só possuía três meninas a mãe, por brincadeira, havia dito que trocaria duas filhas com a primeira pessoa que lhe oferecesse um menino...

Pergunta-se: haveria interesse para uma meninazinha de 7 anos — que espera a hora de ser trocada — em aprender que 2 e 2 formam quatro? Não. Muito mais importante é pensar, repensar, mesmo durante a aula, num meio de não ser "dada"...

Naturalmente a mãe ficou espantadíssima ante a descoberta de que o problema da menina era só este... Aconselhada a fazer à filha uma declaração de



amor ao almoço e outra ao jantar, verificou-se que o processo de aprendizagem da criança normalizou-se em poucos dias.

A insegurança afetiva pode bloquear a inteligência, paralisando o processo de aquisição de conhecimentos.

Vive por aí muito menino tido por débil mental que somente sofre conflitos emocionais violentos, tão violentos que inibem suas manifestações de inteligência.

POR QUE HA TANTO CASAMENTO INFELIZ HOJE EM DIA?

É preciso não julgar precipitadamente os casamentos de nossa época. Levar em conta que os meios de divulgação dos fatos hoje são mais rápidos e tão intensos que tornam mais ressonantes o divórcio de uns, o caso amoroso de uma Diva Maria, o sétimo casamento de uma Barbara Hutton...

Antigamente havia menos escândalo, mais prudência na divulgação de fatos ligados à família. Além disto é preciso também refletir sobre o fato de que a subordinação da mulher, sendo maior outrora, não lhe permitia reclamar contra violências ou injustiças. Assim havia um grande número de infelicidades não divulgadas... mas que eram infelicidades. O que se pode provar é que jamais houve tanto interesse em acertar no casamento quanto há hoje da parte dos jovens. E que o casamento nunca foi tão intensamente estudado quanto o vem sendo agora. E isto já é uma esperança para dias melhores.

APRENDA A COMER FRESCO

NÃO SE PODE ter alimentação sadia se não se conseguir adquirir gêneros frescos. Esta é uma das razões que levam as pessoas a saírem de suas casas, diariamente, à cata de coisas frescas para se alimentarem. No rol dos alimentos perecíveis encontramos: o leite, a carne, os queijos, as carnes salgadas, os legumes e as frutas.

O LEITE É o alimento mais difícil de ser conservado em casa. Normalmente, por descuido ou pouca observação dos que trabalham com ele, azeda. Quando se adquire um litro de leite e se deseja conservá-lo por vários dias sem o uso da geladeira procede-se desta forma: ferve-se uma vez pela manhã, em panela muito limpa, e deixa-se esfriar na mesma panela, em local arejado e fresco. Ao anoitecer procede-se da mesma forma e assim continuamente, por quantos dias se desejar conservá-lo. Se a conservação puder ser feita na geladeira o trabalho diminui muito. Ou se coloca a garrafa no congelador, ou ferve-se o leite, despeja-se na mesma garrafa (tendo o cuidado de lavá-la antes) fecha-se bem e deixa-se na parte mais fria do refrigerador.

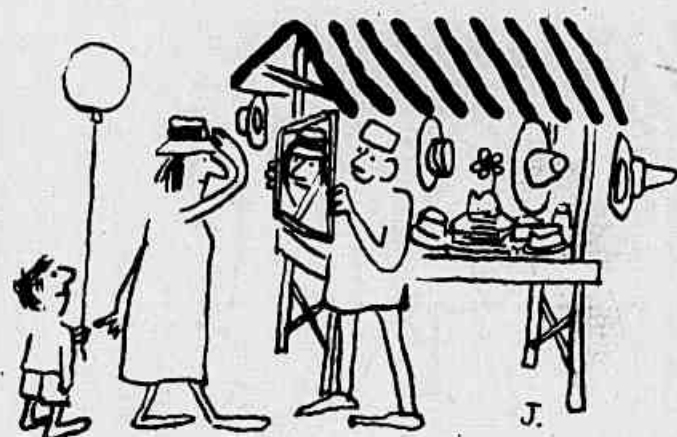
Se por alguma razão o leite tiver de ser guardado por mais de três dias, deve-se fervê-lo novamente e novamente pô-lo no frio, tendo os mesmos cuidados.

O PÃO TIPO americano é facilmente conservado em geladeiras. Basta que se o embrulhe bem e se o coloque na parte menos úmida do refrigerador.

AS CARNES FRESCAS, quando compradas para um período de uma semana, para reterem o sabor e todas as qualidades nutritivas, durante os dias a serem guardadas devem obedecer ao seguinte regime: divide-se a carne nas porções a serem usadas nos dias subseqüentes. Cada parte deve ser enrolada em pano, de preferência algodão, e receber pelo menos duas voltas de pano. Depositar na parte mais fria do congelador. Tem-se carne fresca por quantos dias se queira. Não se aconselha guardar a carne inteira, para que quando forem retiradas as porções de cada dia não haja descongelamento das partes que não serão usadas. No congelamento e descongelamento das carnes é que se perde o seu sabor e o seu valor nutritivo.

AS CARNES SALGADAS que forem destinadas ao armazenamento devem antes sofrer um preparo especial. Retira-

se-lhe o sal original, metem-se as peças dentro d'água, esfrega-se bem, de preferência com uma pequena escova de piassava, retira-se toda a parte amarelada, deixa-se escorrer um pouco e em seguida cobre-se abundantemente com sal. Depois: embrulha-se bem, em plás-



tico ou papel impermeável e joga-se no congelador por tempo indeterminado. É necessário que não caia sal dentro da geladeira, pois este é o mais forte causador da ferrugem, e um forte corrosivo.

LEGUMES, VERDURAS e frutas seguem um regime diferente. As verduras, quando postas em um recipiente com água fresca e colocado em local arejado,

longe do sol, tendo-se o cuidado de regá-las sempre, se conservam por grande espaço de tempo. Colocando-as na geladeira, em pouco tempo estarão com as folhas queimadas pelo frio e ficarão murchas.

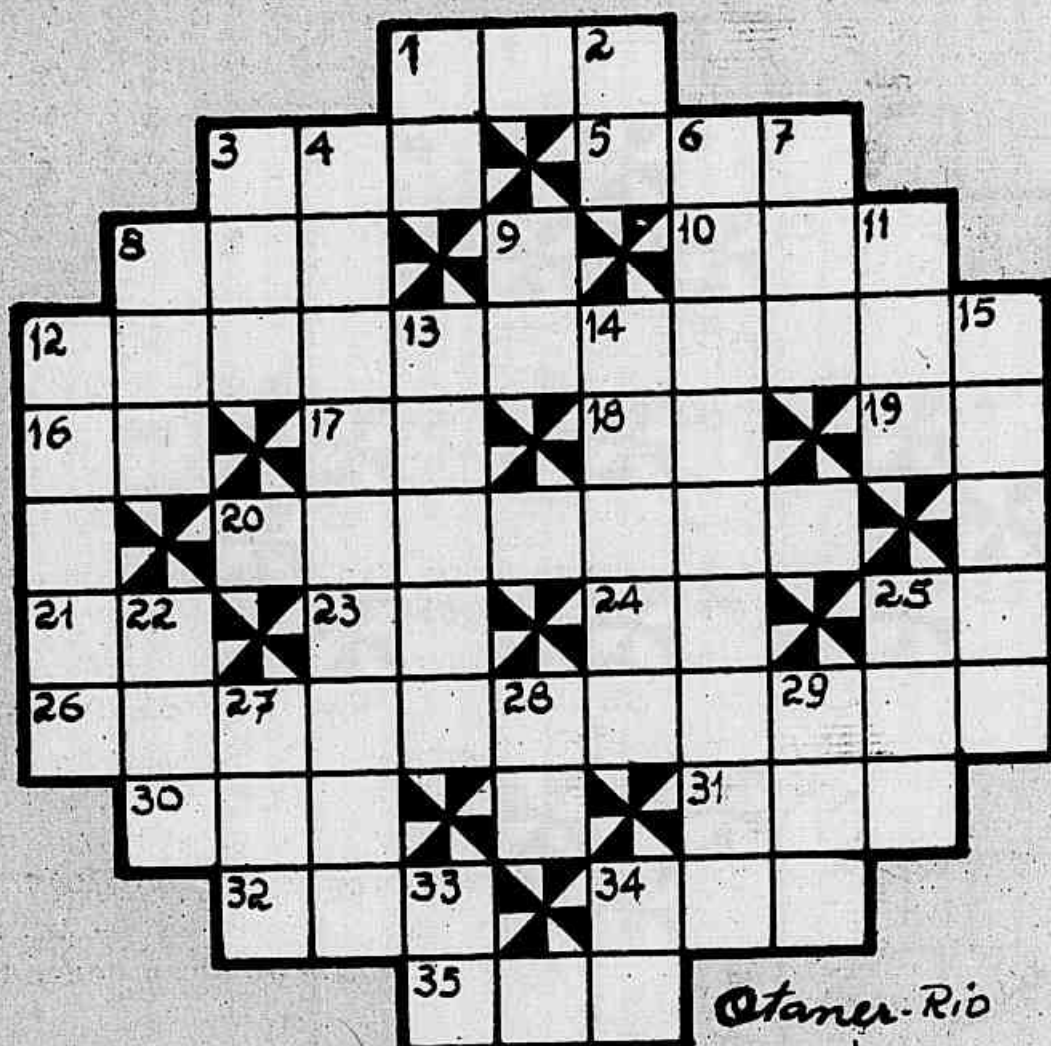
O repólho não deve ser pôsto na geladeira, mas deve ser podado, isto é, limpo todos os dias, arrancando-se as folhas externas que estejam desprestendo um líquido viscoso.

O tomate também dispensa geladeira e poderá resistir de cinco a oito dias. É necessário retirar dentre eles os que se encontrem feridos e enxugar os que estejam molhados. A cenoura resiste no máximo quatro dias fora da geladeira: deve ser limpa todos os dias, todas as partes em decomposição.

A batata, o aipim, a batata doce e o inhame nunca devem ser levados à geladeira nem muito menos devem ser molhados, pois sua deterioração é quase que imediata se isto acontecer. Os legumes podem ser guardados na geladeira, de preferência embrulhados em papel impermeável ou em local onde não recebam o frio diretamente.

AS FRUTAS QUE não dispensam refrigeração: a maçã, a pêra, a uva espanhola e americana (a nacional não deve ser levada ao refrigerador). Para outras é facultativo o uso da geladeira, sendo que a banana recusa completamente a refrigeração e o mamão inteiro também não a aceita muito bem.





Otaner-Rio

PROBLEMA N.º 17. PARA VETERANO

HORIZONTAIS : 1. Ave da família dos Larídeos — 3. Medida javanesa de extensão. 5. Título honorífico no Japão — 8. Pequena ilha das Filipinas — 10. Espécie de verdelho — 12. Fanfarrão — 16. Símbolo do metal de peso atômico 26,97 — 17. Desinência verbal — 18. Artigo plural — 19. Andar — 20. Fora da conta ou do lugar — 21. Nota musical — 23. 6.ª letra do alfabeto russo — 24. Dificuldade — 25. Venha cá! — 26. Alumiarium — 30. Interjeição que exprime menosprezo, impaciência — 31. Rochedo, pedra, metal, em tupi — 32. Virola — 34. Sigo — 35. Muito.

VERTICAIS : — 1. Outra coisa — 2. Substrato instintivo da psique — 3. Junta — 4. Estabelecer relações — 6. Achegas — 7. Terceiro — 8. Cinzas — 9. Homem sem préstimo — 11. Nome de homem — 12. Coisa burlesca — 13. — Estimei — 14. Nome de várias espécies de peixe — 15. Boa disposição — 22. Corpo de cavalaria macedônia — 25. Erva-mate — 27. Malha redonda de cor diferente no pelo da rês — 28. Símbolo do sódio — 29. Cidade de São Paulo — 33. Rio da Rússia — 34. Percebi.

PROBLEMA N.º 17. PARA NOVATOS

HORIZONTAIS : — 1. Abotoar — 6. Amofinaria — 8. Indivíduo da tribo indígena dos Aratás — 9. Fogo em tupi-guaraní — 10. 17.ª letra do alfabeto grego — 11. Insípido — 12. Rio da Suíça — 13. Neste lugar — 14. Ofício — 15. Do verbo atoar — 16. Mirante voltado para o mar — 18. Olhara atentamente.

VERTICAIS : — 1. Árvore da família das Anonáceas, o mesmo que araticu — 2. Que não é cara — 3. Gênero de palmeiras — 4. Pesquisa, escolhe — 5. Lavra — 5-A. Escarnece — 7. Árvore de cujas folhas se nutre o bicho-da-seda — 10. Fazer rateio — 12. Fragrância — 14. Amarrar — 15. Nome de homem — 17. Sufixo diminutivo.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.º 16
PARA VETERANO

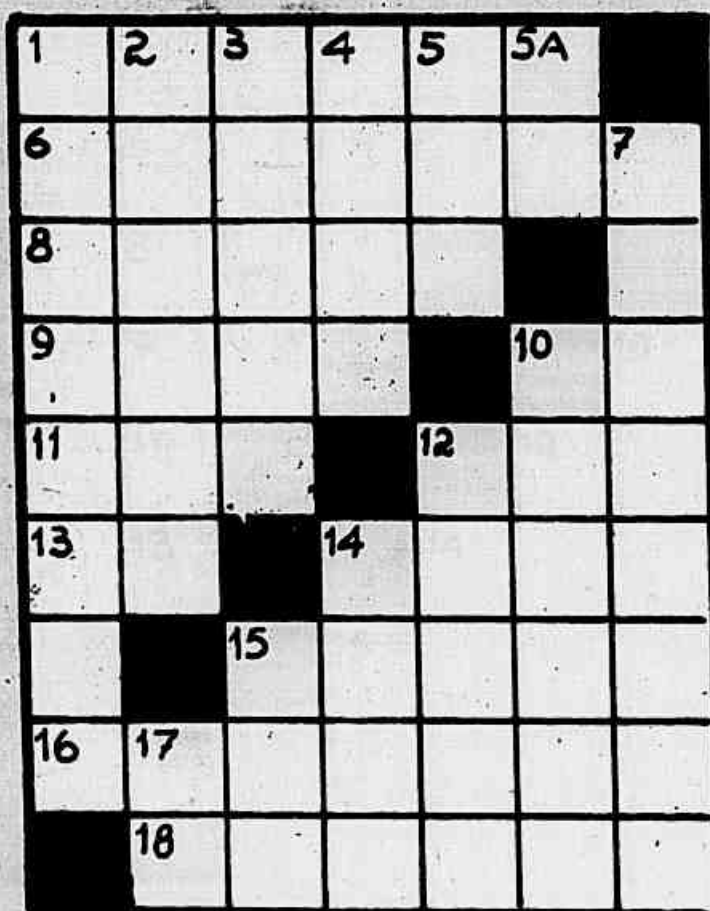
HORIZONTAIS : — calo — bora — aréus — tudel — II — sarar — to — matar — relar — amatala — mó — som — cá — costela — acarã — liras — rá — arras — má — amiga — rocal — mate — sumé.

VERTICAIS : — calin — ária — le — ousam — burel — od — reta — alor — sarassará — taramelar — taoca — lácar — Tot — orago — Lisos — aram — cama — amam — salé — it — Cu.

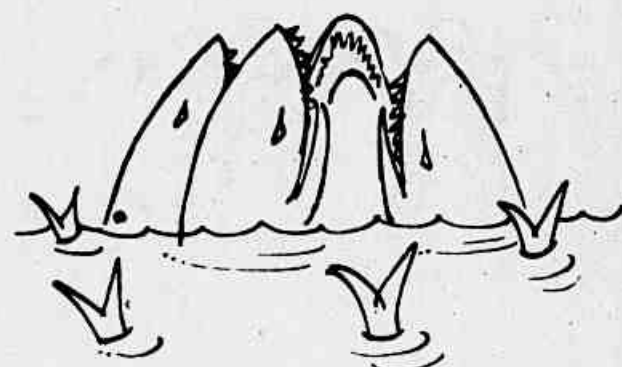
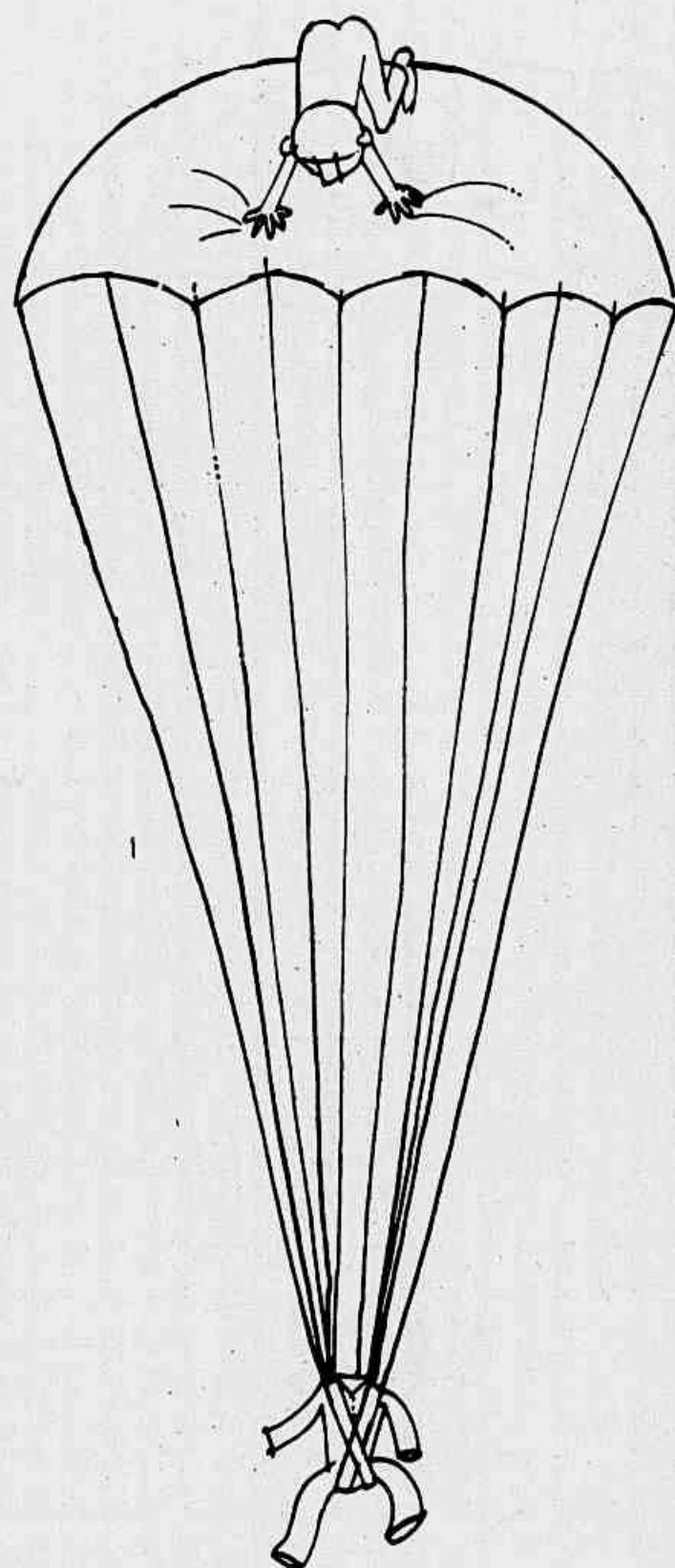
SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.º 16.
PARA NOVATOS

HORIZONTAIS : — asa — Aar — criança — arcos — oa — lara — pá — Sá — cuca — rá — eramá — raplá — ara — ais.

VERTICAIS : — acro — sr — sia — ancas — açorar — rasa — Ari — apurar — acata — cêra — ama — anás — Apa — li.



Otaner-Rio





ANSELMO DUARTE (DIRETOR):

ANSELMO DUARTE É UM GALÃ MEDÍOCRE

"O FILME TINHA OUTRO FINAL. Zé do Lino, após atingir a escala de um milhão, ia saindo do auditório, muito feliz, com a noiva (Dilnah) e a futura sogra (Dercy Gonçalves). O locutor o chamava para receber o prêmio. Ele respondia "voltarei para continuar" e todos eram seguidos pela multidão em aplausos. Prêsa a outros compromissos, Dercy abandonou a filmagem antes desse dia." Anselmo confirma que insistiu na "apoteose" de aplausos, porque, "além de ser um bom final, teria força de sugestão sobre o público". E pelo menos o público das pré-estréias acompanhou os aplausos da tela...

Anselmo justifica todas as concessões "comerciais" de sua primeira realização com a maior franqueza: "Eu queria continuar como diretor. São muitos os estreantes de boa-vontade que permanecem como diretores de um único filme, devido ao fracasso comercial. Eu não quis arriscar. Daí a inclusão de tanta coisa: muitos números musicais, "rock and roll", etc. Mas procurei respeitar as necessidades do filme em matéria

de ritmo e continuidade. Creio que quase todos os números musicais estão bem justificados pela narrativa.

"Se possível, gostaria de ficar exclusivamente na realização de filmes, abandonando a profissão de ator. Como galã, há a grande preocupação de encontrar papéis dentro de uma linha fixa de agrado popular. Agora minha preocupação é achar boas histórias e boas condições de levá-las à tela. Depois de "Absolutamente Certo!" sinto-me muito mais seguro quanto ao futuro". O diretor Anselmo Duarte considera Anselmo Duarte um galã medíocre.

Anselmo não tem ainda planos concretos para a Realização N.º Dois, mas gostaria de filmar duas histórias suas ("O Mensageiro Messias", "O Mentiroso") ou uma de Jorge Dória ("Ratos do Asfalto"), um dos autores da história que inspirou o argumento de "Absolutamente". "Ratos" foi comprada há muito tempo pelo produtor-diretor Watson Macedo. Dória pretende reavê-la, para que não continue "no papel".

"O Mensageiro Messias" está em poder da Multifilmes, atualmente paralisada. Anselmo pretende comprá-la de volta (está ainda em sinopse) e preparar o "script", confiando os diálogos a Alinor Azevedo. "Messias" parece seu projeto mais sério. O carteiro Messias é homem instruído e de grande sensibilidade, que nunca consegue ficar muito tempo em uma cidade sem envolver-se em complicações. É hostilizado pelos "grandes" das sociedades do interior (o prefeito, o eterno candidato, o negociante, etc.) e tido como louco. Seus únicos amigos são as crianças. Caminha de cidade em cidade com uma gangorra às costas (lembrando Cristo com a cruz) para dar alegria à garotada. Não é um homem sem faltas: mente e chega a fazer chantagem, mas em favor do próximo. "Um papel difícil", diz Anselmo. Não sabe ainda quem poderia fazê-lo.

Para o ator Anselmo Duarte continuam chovendo propostas. Muitas são compensadoras sob um prisma imediatista, mas poderiam prejudicar gravemente sua carreira: seriam produções apressadas, apoiadas unicamente na vasta clientela do galã.

Vê com bastante esperança a evolução atual do cinema brasileiro. Cita como bons sintomas:

1. o fracasso comercial de chanchadas de estréia recente em São Paulo;
2. o espírito prático e comedido que preside às produções da Brasil Filmes, sucessora da Vera-Cruz;
3. o mecanismo de subvenção existente na capital paulista;
4. a boa qualidade de "Paixão de Gaúcho" e das cenas de "O Estranho Encontro", que pôde ver no estúdio da Vera-Cruz.

Anselmo gosta principalmente de cinema americano, que, por seu sentido de organização e senso prático julga a influência ideal para uma boa indústria cinematográfica no Brasil. Acha "possível" que suas características como diretor tenham alguma influência de Frank Capra (cujas comédias dramáticas foram as favoritas de sua meninice) e Robert Wise (que o impressiona pela direção de grande dinamismo e fluência visual). Gosta de atores do Actors' Studio, como Marlon Brando e James Dean ("mas os elementos dessa escola são um pouco desesperados demais"), e continua admirando principalmente a intensidade, a sobriedade e o jogo interior de Glenn Ford e Henry Fonda.

Dez anos depois de "Querida Suzana", sua estréia no cinema, Anselmo Duarte declara-se cansado de assinar autógrafos, dizer frases açucaradas em estilo radiofônico e sorrir como anúncio de pasta de dentes aos gritinhos das fãs.

Seu velho sonho de dirigir concretizou-se com "Absolutamente Certo!" (crítica na página 61), onde acumulou as funções de argumentista, co-produtor e protagonista. E, embora pusesse em todas o melhor de seu esforço, teve uma surpresa imensa quando o público o aplaudiu calorosamente na pré-estréia paulista.

"Nunca me senti tão feliz", diz Anselmo, "embora custasse a acreditar na inteira sinceridade dos abraços dos críticos e amigos. Até Lima Barreto, crítico ferino, veio abraçar-me pela fita. Os críticos mais rigorosos fizeram artigos que me emocionaram profundamente. E a euforia aumentou com a reação do público e as notícias da bilheteria..."

De fato, na pré-estréia carioca, "Absolutamente Certo!" provocou reações geralmente limitadas aos filmes estrangeiros: o público torce pelo Zé do Lino (Anselmo), sofre com ele o "suspense" do programa de televisão, interessa-se por seus problemas.

As lutas são muito boas. Anselmo explica: "Foi uma das coisas que aprendi como ator e observando os filmes americanos. Não houve nenhum acidente — só arranhões — em "Absolutamente Certo!". O essencial é criar a ilusão de violência com base na técnica. Se o ator sabe que não precisa temer, entrega-se maleável à orientação do diretor. O truque essencial é filmar com menor velocidade, colhendo menor número de fotogramas (20 quadrinhos) por segundo. (Velocidade normal: 24). Conseqüentemente, a ação é acelerada na tela e a briga parece violentíssima.

A importância do sucesso popular de "Absolutamente Certo!" cresce em função de sua categoria mediana como produção: Cr\$ 4.200.000,00 (calculado à base da primeira cópia pronta, sem publicidade ou cópiagens posteriores) é orçamento moderado, uma tendência que se consolida em São Paulo após o fracasso das experiências hollywoodianas de Vera-Cruz e seguidoras.

"A filmagem se prolongou por dois meses. Excetuando os dias em que não trabalhamos, foram só 45 de filmagem. Só em São Paulo, aproximadamente, a arrecadação bruta está em Cr\$ 10 milhões. E, como fita considerada de qualidade superior, teremos premiação da Prefeitura paulista no valor de 25% da renda, graças à lei da taxa adicional sobre os ingressos."

Impressiona bastante, nas cenas do auditório da TV, a expressividade da platéia, especialmente em certos primeiros planos de rostos em expectativa e mãos nervosas. O diretor confirma nossa impressão: "Foram filmadas em auditório autêntico de TV, graças à boa-vontade da estação e do público presente ao programa "O Céu é o Limite", que inspirou o filme. O operador George Dusek (N.R.: não figura nos letreiros) durante o programa, colheu diversas expressões dos espectadores, discretamente, com uma câmara de mão".

Também estão bem as cenas de rua. "Foram feitas todas em um dia. A cena no interior do bonde tomou outro dia de trabalho. Alugamos um bonde e o levamos para a Bela Vista, onde não há mais tráfego desses veículos. Mas os trilhos permanecem. Fizemos o bonde rodar e "rodamos" a cena. Os passageiros, naturalmente, são extras. O figurante que olha interessado por cima do ombro de Maria Dilnah está muito bem porque não esperava levar aquele tapa na testa. Durante os ensaios ele fez aquele movimento despreocupadamente. Mandeí que ele repetisse na cena, mas não falei no tapa..."





ATOR-DIRETOR TEM SUAS VANTAGENS





Red Skelton está de cama,
num hospital.

Motivo:
um ataque de coração.
Um padre (católico)
estêve a seu lado
enquanto durou a crise.



EXTRA

MILAGRE SALVOU



ACREDITA-SE QUE RICHARD (filho de Red) Skelton escape de morrer de câncer, agora que já viveu o dôbro do que os médicos previram que ele vivesse.

Segundo informações colhidas junto a família Skelton, "determinada vacina japonesa voltou a dar esperanças" de que Richard (nove anos) venha a ficar curado.

Essas vacinas teriam "recomposto em ótima proporção os glóbulos vermelhos do sangue", permitindo "dizer-se que a moléstia cedeu bastante".

Se essa recomposição de glóbulos vermelhos prosseguir, é muito provável que Richard possa se submeter a uma nova espécie de tratamento da leucemia, que só é eficaz quando a doença é descoberta no primeiro estágio.

Para os especialistas que examinaram Richard há seis meses, "houve um milagre".



QUANDO O DR. WILLIAM P. Burke anunciou que Richard, aos nove anos, estava condenado a morrer dentro de três meses (no máximo), Red Skelton não acreditou.

Richard é o seu filho.

Depois, os mais famosos especialistas dos Estados Unidos repetiram a sentença: leucemia aguda.

Red resolveu que seu filho teria, nos meses de vida que lhe restavam, tudo o que um menino poderia desejar.

O maior desejo de Richard: conhecer o mundo.

Red rompeu dezenas de contratos (e foi perdoado das multas em todos eles), vendeu uma grande parte de suas propriedades e saiu viajando com a família inteira: ele, a mulher, o filho e a filha.

Uma junta de médicos desaconselhou a viagem, dizendo num boletim (que foi publicado pela indiscrição de um repórter do "Times", de Baltimore): "qualquer viagem, nas atuais circunstâncias, será um fator de agravamento para o estado de saúde do menino, pelo cansaço que representará, diminuindo de muito sua resistência física já precária".

Red embarcou assim mesmo, levando Richard para se despedir do mundo.

Um menino alegre, levado mesmo, andou de automóvel, de trem, de avião, de navio, em lombo de burro, de bicicleta, seguido por um batalhão de fotógrafos interessados em tirar fotografias em que Red Skelton aparecia rindo, brincando com o filho.

A viagem durou quatro meses. Richard esteve com o Papa (de quem recebeu uma bênção especial), em Lourdes e em Fátima. E isto, segundo o diário dele, "foi uma grande honra". Richard freqüentava um colégio de padres católicos, embora o papai fôsse protestante.

Richard não sabe, até hoje, que estava para morrer de uma hora para outra, na viagem.

O FILHO DE RED SKELTON



BOM MESMO É MULHER

Bom, mas bom mesmo, é mulher. Com essa frase e com algumas pequenas do calibre de Sônia Mamede (e Joana D'Arc para contrabalançar), Alberto Ferreira — nosso repórter-fotográfico — foi ao teatro na Praça Tiradentes.

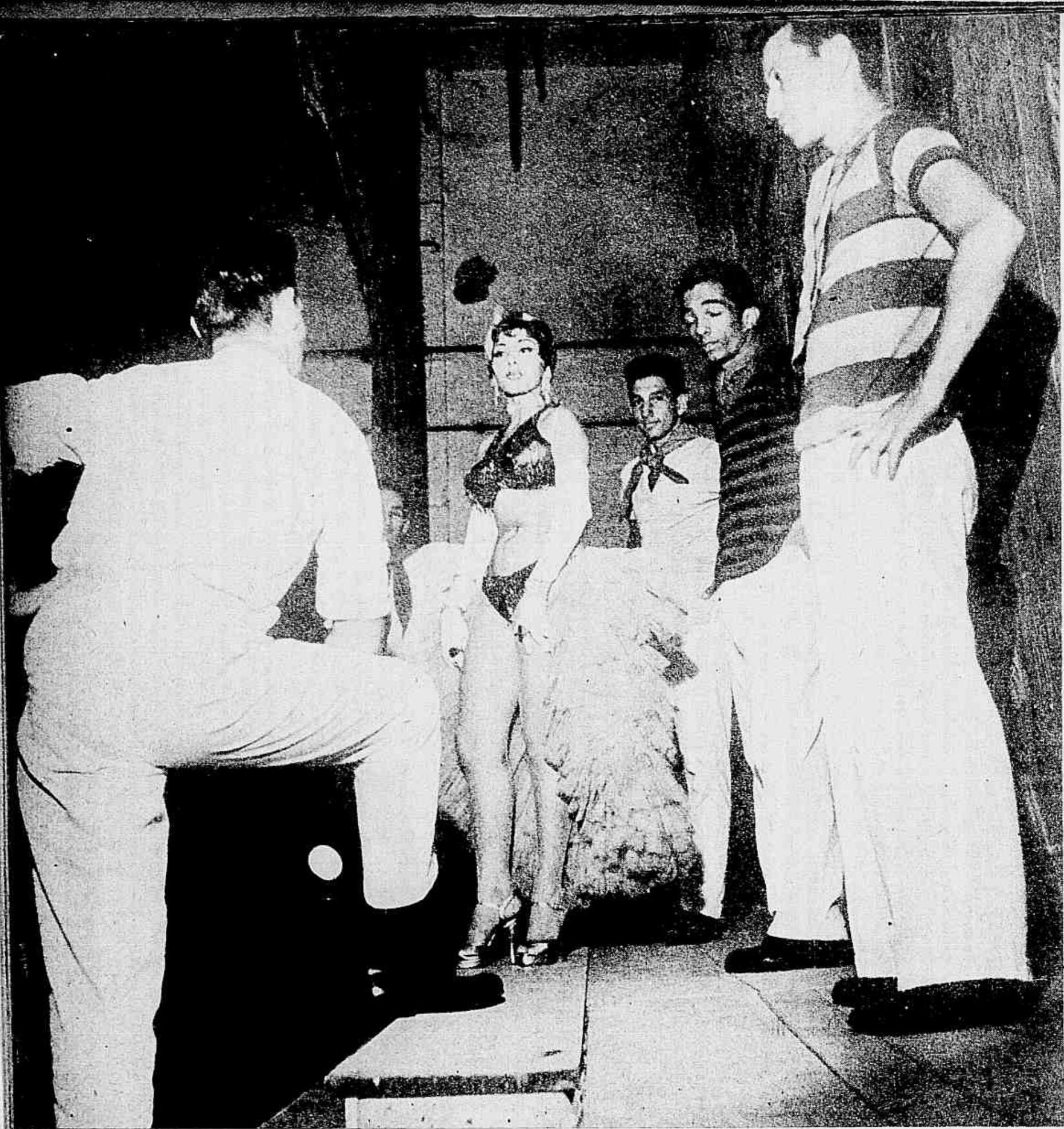
Na primeira sessão não tirou fotografias. Ficou olhando as moças, ali da primeira fila.

Na segunda sessão olhou para o lado e viu a cara dos homens. Aí, lembrou da reportagem. E começou a trabalhar.

Até que protestaram.



"O MELHOR



OR ESTÁ SEMPRE NOS BASTIDORES "

(REGRA DE JORNALISMO)



ALBERTO, ENTÃO, foi lá para os bastidores.
(Afinal de contas, a REVISTA DA SEMANA
agora se preocupa muito com os bastidores das
notícias, geralmente onde está a melhor parte.)

E lá encontrou um bombeiro :

- Boa-noite.
- Boa-noite.
- O senhor dá serviço aqui tôdas as noites ?
- Não senhor. Era bom, não era ?
- Era.



- O que é que o senhor vai fotografar ?
- As moças.
- Daqui de trás ?
- É.
- Por quê ?
- Porque dizem que daqui é que se tem uma
idéia do que é uma revista.
- Isso eu não sei. Mas uma coisa eu digo :
não pago Cr\$ 100,00 para ver a coisa lá da pol-
trona, mas pagava Cr\$ 200,00 para ver daqui.
Isso é que é espetáculo, seu moço.



MISS SUÉCIA VEM AÍ

A CAPA

INGRID GOUDE (Miss Suécia 1956) anunciou que vai tirar férias este ano no Brasil, e que pretende passar o mês de fevereiro (com Carnaval e tudo) no Rio de Janeiro.

Ingrid está filmando em Hollywood, mas não está satisfeita: "Eles acham que uma moça só pode entrar para o cinema com o corpo. Quando a mulher já está ficando madurona é que eles descobrem a artista — quando descobrem".

Ela já conhece o Rio — onde esteve em 1945:

"Sei que lá os homens assobiam na rua para as moças bonitas; mas ainda não fui assobiada. Quando fui ao Rio estava com 9 anos".

Ingrid vem fazer: conhecer o Brasil, gozar férias e matar saudades de uma tia — Ingrid Bela, que não foi possível localizar.

Atualmente ela está filmando "Never Steal Anything Small" ("Nunca Roube Nada Pequeno"). Na foto, Ingrid e James Cagney.



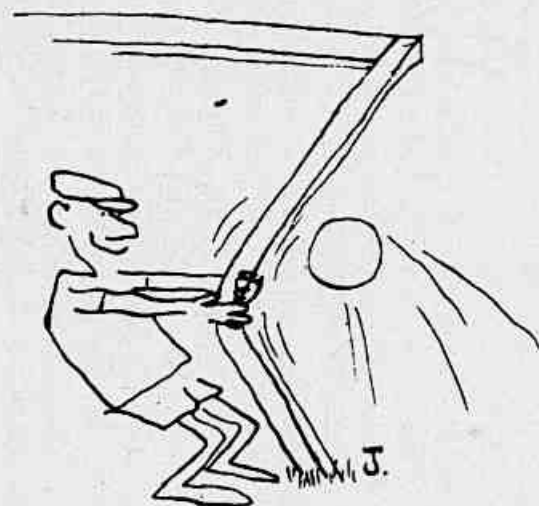
ESPORTE



FLAVIO COSTA vai mesmo ser o técnico do Brasil para a Copa do Mundo de 58, na Suécia. É o técnico brasileiro que tem maior número de títulos (nacionais e internacionais), e é o homem mais discutido do futebol brasileiro. Só há dois

FLÁVIO
(10 VÊZES VICE-CAMPEÃO)
O TÉCNICO
PARA A COPA DO MUNDO

RECEITA PARA SER CAMPEÃO DO MUNDO



tipos de torcedores no Brasil: os que acham que Flávio é a salvação e os que acham que Flávio é o desastre completo.

Últimamente Flávio tem estado apagado, desde que perdeu a Copa de 50. Já foi um homem que São Paulo não admitia (como Zizinho). Hoje vem para o lugar com a força do apoio de São Paulo.

Flávio Costa nasceu no Distrito Federal, no dia 14 de setembro de 1906.

O técnico Flávio Costa começou a jogar futebol com 14 anos, no Neves Atlético Clube, de Niterói.

Aos 17 anos estava jogando no Helênico, do Rio Comprido, clube da primeira divisão da AMEA.

Em 1925 foi para o Flamengo. Jogando no segundo time foi campeão, invicto, jogando ora de médio esquerdo ora de centro médio. Apelido: Alicate.

No ano seguinte foi para o time de cima. Um ano depois (em 28) foi vice-campeão. Era o seu primeiro vice-campeonato.

Em 1929 foi campeão.

Em 30 voltou ao time de baixo. Em 31, ainda no segundo time, foi outra vez campeão invicto e o grande homem do campeonato.

Voltou em 32 a ser titular, para ser outra vez vice-campeão.

Em 33 assinou seu primeiro contrato (quando o futebol profissional foi criado). E jogou sua primeira partida internacional, em Montevideu.

Em 34 passou a ser técnico, a partir de agosto. Venceu o Torneio Extra desse ano.

Foi campeão de amadores em 35.

Mas foi apenas vice no campeonato profissional de 36, embora ganhasse o Torneio Aberto.

Com a vinda de Dori Krueschener, em 37 passou a seu assistente. No mesmo ano largou o Flamengo e foi dirigir a A. A. Portuguesa.

Em 1938 estava no Santos F. C., onde só ficou quatro meses. Voltou ao Flamengo.

Em 1939 deu ao Flamengo o campeonato de profissionais, aplicando a tática que ficou famosa: a diagonal, uma variante do método de Krueschener. No mesmo ano dirigiu o combinado Vasco-Flamengo, que fez bonita campanha em Buenos Aires.

1940: leva o Flamengo a Buenos Aires com grande sucesso. Dirige, pela primeira vez, uma seleção — a carioca — e acaba sendo Campeão Brasileiro.

Em 41 e 42, ainda como técnico da seleção carioca, é vice-campeão duas vezes. Em 42 ganha um campeonato para o Flamengo.

43 a 44 é o máximo da sua carreira: ganha o tricampeonato do Flamengo (o primeiro) e um bicampeonato brasileiro para os cariocas.

Estréia na seleção brasileira em 45. São dois jogos contra os uruguaios, em benefício da Cruz-Vermelha. Ganha os dois jogos. Ganha o campeonato de amadores para o Flamengo. E o vice-campeonato para o Brasil no Extra Sul-Americano do Chile.

Em 46 é outra vez campeão de amadores para o Flamengo. E é vice para o Brasil no Sul-Americano de Buenos Aires. Ganha a Copa Roca (argentinos) e perde a Copa Rio Branco (uruguaios). É campeão brasileiro pelos cariocas. Ganha para o Flamengo o Torneio Início e perde o campeonato carioca no supercampeonato (quando era favorito). Ganha para o Flamengo a Taça Fernando Loretti.

Vai para o Vasco da Gama em 1947 e sofre uma das maiores campanhas que alguém já sofreu. Ganha o campeonato carioca invicto e mais o campeonato de aspirantes. Leva o time à Espanha e a Portugal com sucesso.

Em 48 é vice no primeiro e no segundo time e só ganha o Torneio Início. Mas é campeão dos campeões sul-americanos no Chile.

Ganha o campeonato carioca, invicto, em 49. Vai ao México e à Guatemala e volta invicto. Ganha o Sul-Americano, a Copa Roca e a Oswaldo Cruz.

Os cariocas são campeões (tetra) brasileiros e Flávio é o técnico outra vez, em 1950. Perde o Campeonato do Mundo, quando bastava um empate no último jogo, contra o Uruguai. Outro vice.

Volta ao Flamengo em 51 e ganha o Torneio Início. Faz uma grande temporada, invicto, na Europa, pela Dinamarca, Suécia, França e Portugal.

Em 52 ganha o Torneio Início e o Torneio Quadrangular do Peru. Volta ao Vasco.

Onde fica até 56, sem vitórias importantes. Em 56 volta a ser técnico da seleção brasileira e ganha a Taça Oswaldo Cruz, em Assunção. Faz uma excursão com a seleção pela Europa (péssima) mas vence os uruguaios no Maracanã, empatando com os argentinos em Buenos Aires, na Taça Atlântico. Vence os italianos no Maracanã por 2 a 0; perde para a Tchecoslováquia no Maracanã, vencendo no Pacaembu (0x1 e 4x1). Vai para o F. C. do Porto, em Portugal.

Volta ao Brasil em 57 para dirigir a Portuguesa de Desportos, em São Paulo.

58: é indicado (e aceito) para técnico da seleção brasileira.

Papel da capa

Porque atrasou a remessa do papel "couché" que usamos na capa, fomos obrigados a rodar esta edição em papel "off-set".

Mas já providenciamos a normalização da remessa e podemos anunciar que na próxima edição teremos também um encarte, a quatro cores.

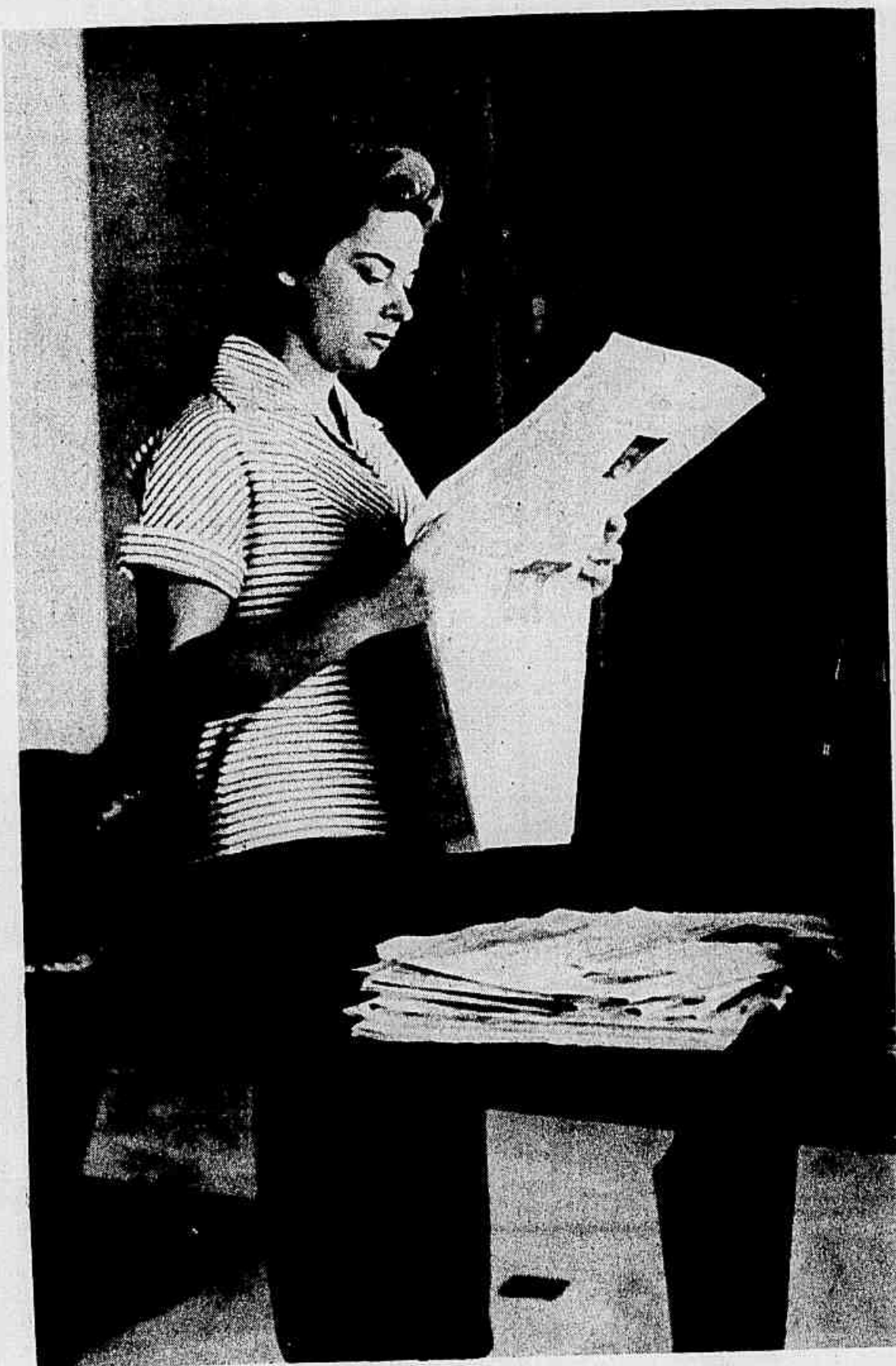
ALBA (MUNIZ FALCÃO) VOLTA AOS MARTÍRIOS

ALBA MENDES MUNIZ FALCÃO tem 24 anos, é bonita, morena, de cabelos louros e olhos quase verdes e já foi considerada a mulher mais elegante de sua terra.

Ela é mulher do sr. Sebastião Marinho Muniz Falcão, governador de Alagoas, que volta ao Palácio dos Martírios depois de passar quatro meses impedido por um decreto da Assembléia Legislativa do Estado.

EXCLUSIVO





Vai pedir a Santo Antônio que enguice os revólveres

ALBA RECEBEU o repórter da REVISTA DA SEMANA no Hotel Califórnia, em Copacabana, onde passou o exílio com seu marido. E contou a sua vida:

1. Nasceu em Palmeira dos Índios, interior de Alagoas, e tem três irmãos e uma irmã. (Robson, o mais velho, casado, Walter, Roberto e Elisabeth, a caçula). Seu pai: o deputado Humberto Mendes, morto no tiroteio da Assembléia Legislativa em 13 de setembro do ano passado, acusado de ter sido um grande cangaceiro, homem valente, temível, responsável pelos acontecimentos daquele dia e que determinaram o afastamento do sr. Muniz Falcão do governo.

2. Viveu sempre entre Palmeira dos Índios e Maceió. Um dia conheceu um rapaz muito elegante e famoso como político, muito mais velho do que ela. Namoraram, assumiram compromisso (entre eles) de casar, só faltava o sim do deputado Humberto.

3. Ela ainda se lembra do dia em que comunicou ao pai que estava disposta a casar com o seu namorado. Ele disse que tudo estava bem; ela estava na idade de casar, e perguntou o nome do pretendente. Resposta: Muniz Falcão.

4. O velho Humberto não gostou. Admirava Muniz como homem e como político, mas política não tem dessas coisas: ele era do outro lado, tinha compromissos com Arnon de Melo, inclusive prometera apoiar o candidato de Arnon, Afrânio Lage. "Minha filha, você não tem outro? Vai mesmo casar com Muniz?"

5. Alba Mendes não vacilou: amava Muniz, era dele que ela gostava e, além do mais, amor não tem nada com política. Disse que sim, Muniz era o seu príncipe encantado. Casaria com ele.

6. Humberto Mendes atendeu a filha. Concordeu com o casamento, rompeu os seus compromissos políticos e passou a apoiar o genro. E por ele morreu, no dia 13 de setembro de 1957, com uma bala nas costas.

7. Faz um ano que Alba e Muniz estão casados. Ainda não têm filhos. Alba disse que tem levado uma vida muito inquieta, pois desde que o seu marido assumiu o governo de Alagoas nem ela nem ele tem descanso: Muniz aumentou o imposto sobre a cana de açúcar e os usineiros resolveram brigar com o governo. Formou-se uma maioria na Assembléia contra ele, muitas provocações, alguns tiros e o fim foi aquele tiroteio no qual ela perdeu o pai.

8. Ela estava no Palácio quando soube do tiroteio. De lá só saiu no dia em que embarcou para o Rio, com o marido, que pedira licença do governo. Chorou muito no Palácio dos Martírios e no aeroporto quando ouviu o marido falar no microfone, dizendo que voltaria a Alagoas pelas mãos da justiça.

9. Alba cuidava em Alagoas de obras sociais, na presidência da LBA. Não teve tempo de fazer nada. Nem de começar. Pretende, ainda, construir uma maternidade para as mães pobres e muitas outras coisas. Diz que conta com o marido que é governador. E espera que os políticos deixem de dar tiros para a maternidade ser construída.

10. Ela gostou muito de passar quatro meses em Copacabana, e sempre que podia dava um pulinho na praia. Acha Copacabana uma beleza, mas as praias de Alagoas são melhores: têm côco verde e inspiram os poetas.

11. Não é rica, acha que os ricos devem ajudar os pobres. **Detesta:** café-society, falsa amizade ("há muitas, principalmente entre os políticos"), e Alagoas com tiros.



12. **Gosta** : praia, cinema, dançar, ler, música (clássica ou popular), bons perfumes (Fleur de Rocaille é o preferido) e de se vestir bem.

13. Não se veste pelos costureiros famosos. Segue a moda à sua maneira, sempre com simplicidade, escolhe os modelos que lhe ficam bem. Tem uma coleção muito grande de jóias, mas não as usa todo o dia. Só em casos especiais.

14. O que mais admira num homem : bondade, delicadeza, personalidade. Acha que o homem deve ser "gentleman" antes de tudo.

15. E na mulher : as mesmas coisas e mais ternura, elegância simples, caráter.

16. O que mais detesta no homem e na mulher : não ter essas qualidades.

17. Foi considerada a mulher mais elegante de Alagoas "por bondade dos meus conterrâneos". Não gosta de sociedade : gosta de reunir suas amiguinhas e fazer seu society particular.

18. Santo protetor : Santo Antônio. Dela e de Muniz. Acha que foi Santo Antônio o artífice da vitória de seu marido. Por isso vai construir uma capela para ele em Maceió.

19. Espera que os políticos alagoanos aceitem o convite à paz do seu marido, porque Alagoas não pode viver de outra maneira. Demais, quer fazer suas obras sociais com a cooperação de todos.

20. Vai ter saudades de Copacabana. Ela e Muniz já estavam muito conhecidos no pôsto 4, e o pessoal já tinha certa intimidade com eles, chamando-os assim : "Como vai, Muniz ? Como vai, Albinha ?"



MUNIZ ENCONTROU A OPOSIÇÃO COM O DEDO NO GATILHO

PERDENDO NOS VOTOS (6x4), mas ganhando na falta de "quorum" (a lei exigia que o escore fôsse, no mínimo 7x3, para que o "impeachment" pudesse ser levado a efeito), o sr. Muniz Falcão teve assegurada sua volta ao governo de Alagoas, depois de quatro meses de afastamento.

O Tribunal Misto, composto de cinco deputados e cinco desembargadores, entendeu que o governador era culpado (crimes de Arapiraca). Resultado: o sr. Muniz Falcão volta a Alagoas encontrando seus adversários de dedo no gatilho.

Raciocinam os oposicionistas: se antes dos acontecimentos de 13 de setembro na Assembléia Legislativa o governador já se acumpliciara no massacre do deputado Marques da Silva em Arapiraca e depois, na decisão do "impeachment", ainda tivera coragem para permitir (e talvez promover) um tiroteio, agora que ele volta com toda a força será terrível.

Dentro de sua própria casa, no luto de sua mulher e da sogra (o sogro foi o único morto no tiroteio da Assembléia) o sr. Muniz Falcão tem motivos bastante para odiar os seus inimigos.

Por outro lado, o sr. Muniz Falcão recebe um Estado conflagrado e dividido. Se por um lado melhorou a sua posição por ter ficado no papel de vítima, por outro lado viu piorada, porque seus inimigos dizem que "com lei não se resolve nada". Ainda por cima, depois do tiroteio, do "black-out", do enterro do deputado Humberto Mendes, da intervenção federal, do "impeachment" e de uma série de boatos alarmantes, Alagoas entrara numa fase de serenidade (pelo menos aparente). O vice-governador Sizenando Nabuco (do PTB) organizara um Secretariado de bons nomes, contando com a confiança de situacionistas e de homens da oposição.

Agora todos os secretários demitiram-se para que o sr. Muniz Falcão tenha liberdade suficiente na recomposição do seu governo. A Oposição já declarou que a luta continua. Acata a decisão do Tribunal, mas continua no combate ao sr. Muniz Falcão.

O deputado Oséas Cardoso, autor da primeira denúncia (crime de Arapiraca),

já tem pronta outra, referente aos acontecimentos na Assembléia.

O governador Muniz Falcão voltou a Maceió acompanhado por uma comitiva de 17 "convidados especiais" entre os quais não estava o ministro da Justiça, que resistiu à idéia de ir numa espécie de cobertura.

Antes de embarcar o governador esteve com o general Lott, a quem perguntou se desejava alguma coisa de Alagoas. Resposta:

— Quero que o senhor leve a paz e não a guerra.

JANGO PROMETEU LARGO E QUER CORTAR ESTREITO

JÁ SE ADMITE abertamente que não estão bem os entendimentos entre Jânio e o PTB. Considera-se "anormal" o súbito regresso do sr. João Goulart ao Rio Grande do Sul, sem ao menos esperar pelo governador paulista, no Rio, onde iriam os dois conferenciar sobre coisas importantes.

Esse encontro havia sido marcado para sexta-feira, dia 10. Um veio de São Borja e o outro viria de São Paulo. Mas, no final das contas, o único a vir mesmo foi Jango. Porque Jânio, à última hora, explicou que não poderia viajar em face do agravamento da crise universitária.

O deputado Batista Ramos — que é uma espécie de dono do neo-trabalhismo de Jânio — tentou justificar a não realização do encontro com a "superveniência de um fato sério e imprevisto". Essa crise universitária, entretanto, cujo desdobramento já se vem prolongando há dias, não poderia constituir motivo suficiente para determinar o cancelamento de uma viagem da maior importância para a conclusão dos entendimentos.

Diante disso convenceram-se os observadores de que surgiram sérios impecilhos às conversas de bastidores. O governador paulista chegou mesmo a declarar em São Paulo que não viera na sexta-feira, dia 10, mas estava disposto a viajar logo depois, para encontrar-se no Rio com o sr. Goulart.

Jango, porém, tomou o avião no domingo e rumou para São Borja, anunciando que só voltaria dali a oito ou dez dias.

Informa-se que fatos posteriores determinaram o fracasso não só desse encontro dos dois novos J.J., como também dos entendimentos gerais para a entrada de uma dessas letras no PTB, onde já está a outra.

Jango conversou, aqui no Rio, com dois líderes diretamente ligados ao problema: Renato Costa Lima e Abilon Souza Naves. E dessas conversas resultou a decisão do presidente trabalhista de adiar o encontro com o governador de São Paulo.

Que conversas foram essas, ninguém sabe, ninguém viu. Só se soube que o sr. Souza Naves tratou de despistar os jornalistas, declarando-lhes que nada houvera de anormal no cancelamento da conversa. Mas presume-se, com bastante fundamento, que tenha havido coisa muito séria relacionada diretamente com a sucessão paulista.

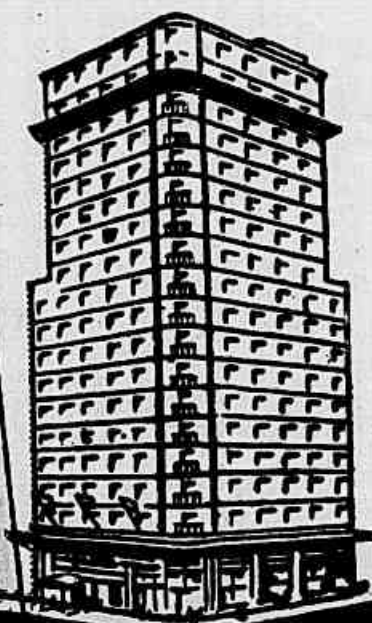
Em palavras claras: Jânio está convencido de que, em troca da sua adesão, os trabalhistas devem apoiar incondicionalmente o sr. Carvalho Pinto. Mas o PTB entende que, como pagamento por lhe ter dado agasalho e legenda, o sr. Jânio Quadros estaria na obrigação de levar às urnas, com todo o peso do seu prestígio de governador, um nome do PTB. Um se considera credor do outro e acusa o outro de prometer largo e querer cortar estreito.





HOTEL COMODORO

Supremo na arte de hospedar



*Enderêço permanen-
te dos mais ilustres
visitantes*

Restaurante com ar
condicionado. Bar
com atrações tôdas
as noites. Jantar
dançante aos do-
mingos.

Serviço de restau-
rante dia e noite.

HOTEL COMODORO

AV. DUQUE DE CAXIAS, 525 — FONE 51-9181
SÃO PAULO

INSTITUTO BRASILEIRO DE MICROBIOLOGIA



PURIFICA O SANGUE
DE SEU FILHO

Cynegon



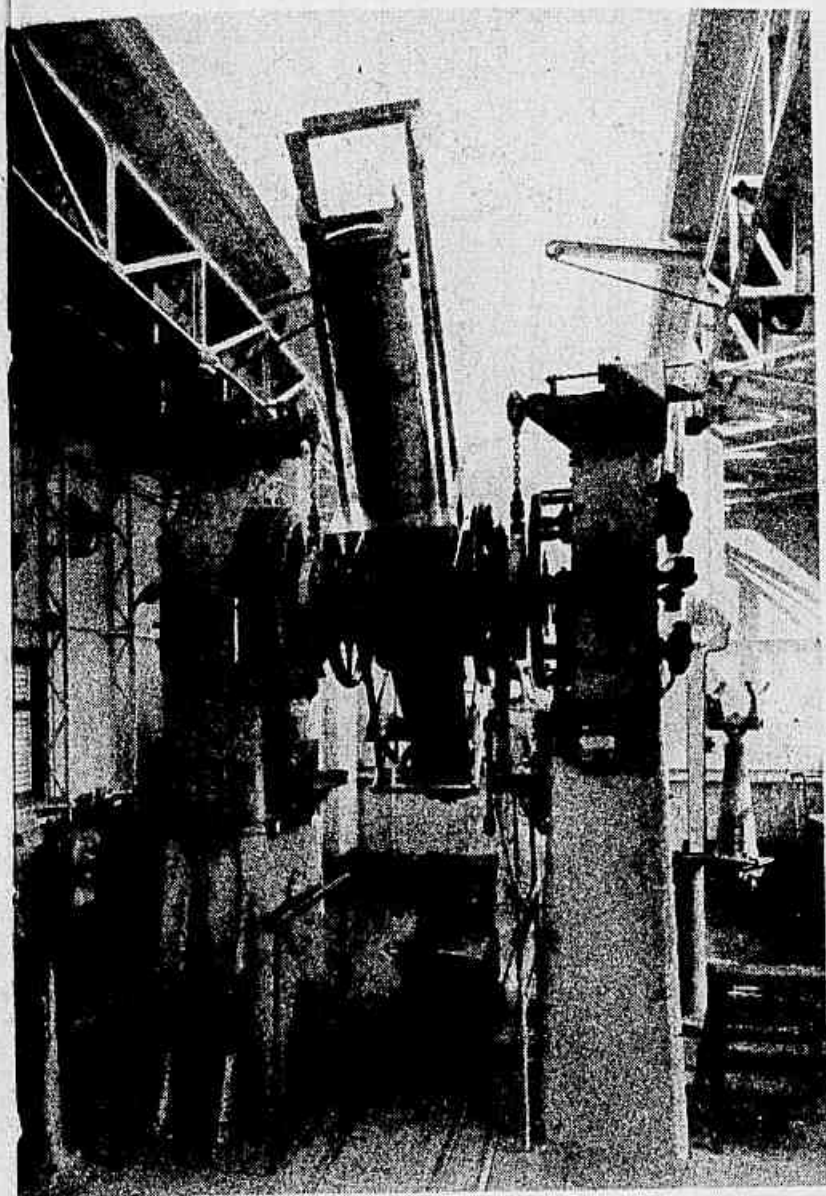
Instituto Biológico do Rio de Janeiro —
Caixa Postal. 1.202

A HORA DO MUNDO MUDOU DE LUGAR

fotos BTHA

O interior do castelo foi reconstruído com escadas,
travejamento e painéis feitos com material de outros
antigos prédios do século XV.





A hora do mundo já está morando em nova casa: no Castelo de Herstmonceux, em Sussex. Seus jardins são visitados pelo público, mas as instalações do Observatório ainda não.

O OBSERVATÓRIO DE GREENWICH (Inglaterra) — principal centro de verificação do tempo no mundo — mudou-se para um castelo do Século XV, na região do Sussex (ainda na Inglaterra) porque o crescimento da cidade de Londres e a extensa instalação de iluminação brilhante nas ruas lhe tirara toda a limpidez da atmosfera, impedindo a continuação do estudo das estrelas e de outras observações astronômicas.

O Observatório de Greenwich foi fundado por Carlos II, em 1675, como primeira grande contribuição da Inglaterra para a navegação, e desde 1948 está-se mudando para Sussex, mas a tarefa de reconstruir os velhos e instalar os novos telescópios não ficará completa antes de 1960, embora o trabalho do Observatório venha sendo realizado em muitas das seções já localizadas no castelo.

Em 1884, quando de um entendimento internacional, procurou-se escolher um zero, ou primeiro meridiano, a partir do qual fossem medidas as longitudes de todos os lugares, recaindo a escolha sobre o meridiano passando pelo Círculo de Trânsito do Real Observatório de Greenwich, que ficou sendo o centro mundial da astronomia e de ciência náutica.

Até hoje, o tempo médio de Greenwich (G.M.T.) é usado como padrão, no mundo inteiro. Países a muitos milhares de milhas de Greenwich recebem o sinal de tempo e somam ou subtraem algumas

horas para obter seu tempo médio local, conforme a distância a que estejam a oeste ou a leste de Greenwich.

Greenwich possui naturalmente os mais exatos relógios capazes de marcar o tempo com a precisão de um centésimo de segundo por dia.

Quando fundado, o Observatório de Greenwich era uma aldeia em campo livre, a algumas milhas de Londres. A atmosfera do lugar era limpa, fornecendo excelente posição para o estudo das estrelas. Mas a capital da Inglaterra cresceu muito e obrigou o Observatório a uma mudança para Sussex.

O Castelo de Herstmonceux, no Sussex, com cerca de 370 acres de área, foi escolhido como nova sede do Observatório. O castelo e seus terrenos foram adquiridos pelo almirantado, que controla o Observatório. Na área há muito espaço para instalar os grandes telescópios necessários ao trabalho executado pelo Observatório.

A transferência não incorreu na mudança do primeiro meridiano. A longitude de Sussex foi determinada por observações especiais feitas, simultaneamente, em Greenwich e em Herstmonceux.

Durante o Ano Geofísico Internacional, estão sendo tiradas fotografias do Sol, com luz de hidrogênio, entre 14 e

16 horas, em coordenação com os trabalhos de observatórios de todo o mundo, visando a produzir um registro completo das atividades solares durante cada 24 horas.

O Castelo Herstmonceux foi construído no século XV por Sir Roger de Fiennes, tesoureiro da corte de Henrique VI. É de tijolos flamengos, sendo um dos melhores edifícios primitivos construídos na Inglaterra. O castelo ficou em ruínas, mas em 1909 foi adquirido pelo cel. Lowther, que começou a restaurá-lo. O comprador morreu pouco depois de iniciadas as obras, sendo seu trabalho continuado por sir Paul Latahm, que vendeu o castelo ao almirantado. O interior do castelo foi reconstruído com escadas, travejamento e painéis feitos com material de outros antigos prédios da época, todos demolidos.

O castelo serve como residência e escritórios do astrônomo real. Consertam-se e regulam-se cronômetros dos navios e relógios usados por aviadores e navegantes, como parte importante das atividades do laboratório, a única organização na Inglaterra equipada para reparar instrumentos que exigem justamente tão exato.

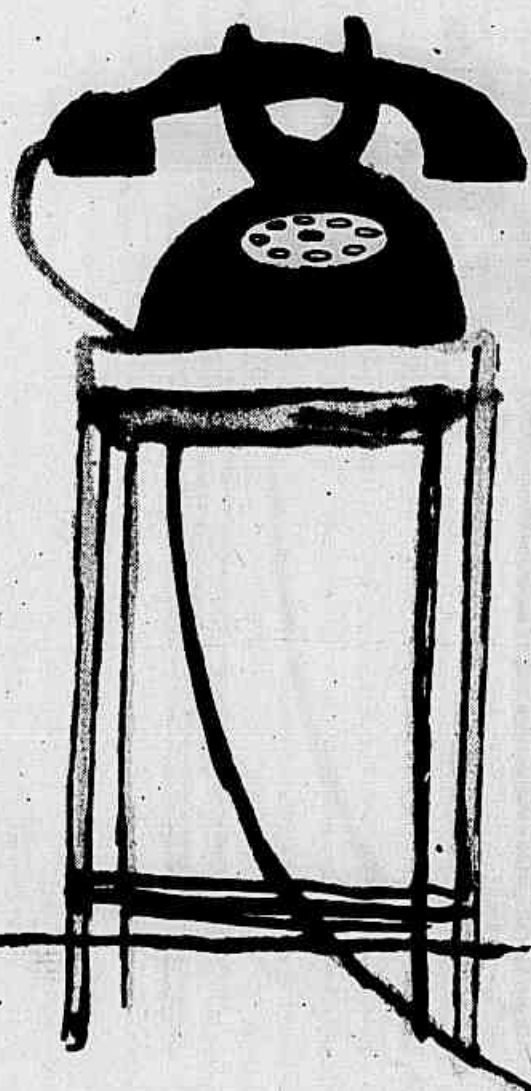
Herstmonceux atualmente não está franqueado ao público, mas em determinados dias de verão os bonitos terrenos e o jardim do Observatório já podem ser visitados.

EU FUI ESPIÃO PARA O KREMLIN — VII

A "PORTA DA MEIA-NOITE" SEGUIA OS REFUGIADOS DA RÚSSIA



Jack Soblo



NOVA IORQUE, JANEIRO — A desdita, o temor e a desgraça seguiam de perto os passos de George Zlatovski.

Por causa desse oficial do Serviço de Inteligência norte-americano, convertido em espião russo, a temida "porta da meia-noite", anunciando a visita dos agentes secretos da União Soviética, seguiu centenas de refugiados da Cortina-de-Ferro até os Estados Unidos.

Durante vários anos, George e eu guardamos zelosamente o segredo do insolúvel mistério que atormentava o FBI, os investigadores do Congresso e as agências do Serviço Social.

Os refugiados se perguntavam inutilmente: "Como é possível que os diplomatas russos em Washington e na ONU puderam entrar em contato com a nossa equipe, pessoalmente e pelo correio, depois que nos esforçamos para ocultar nosso novo endereço, vivendo com identidades falsas?"

As atividades de Zlatovski e outros agentes deram à União Soviética uma arma muito boa na guerra-fria: uma arma que o Kremlin não tardou em explorar com sucesso.

Com as informações de Zlatovski, os agentes soviéticos puderam localizar um número muito grande de refugiados, obrigando muitos deles a regressar a suas pátrias ou a converterem-se em espiões para proteger a vida de seus amos.

Desta forma, uma nova palavra — "Redefecção" — apareceu no vocabulário norte-americano para descrever o crescente número de refugiados que inexplicavelmente regressavam a seus países.

Quando George me disse que estava fazendo amizade com as secretárias e outros empregados das agências que assistiam aos refugiados, Moscou imediatamente tomou conhecimento do potencial de suas informações.

George recebeu ordens de concentrar seus esforços nesta empresa, e assim o fez desde dezembro de 1949 até outubro de 1950.

Naturalmente, a Austria era o centro desses refugiados e a base lógica para as agências que lhes prestavam ajuda.

Por um tempinho só George trabalhou com uma comissão de refugiados. Assim teve acesso aos arquivos confidenciais, que revelavam o nome das pessoas refugiadas, a história de suas famílias e, ainda mais importante, que o destino delas era os Estados Unidos.

As outras informações necessárias foram obtidas através de suas relações com as secretárias que lidavam com os arquivos.

E foi assim que recebi ordens de asilar George na Iugoslávia (para o fim de informar as condições desse país ao Kremlin), os agentes soviéticos conseguiram o nome de centenas de refugiados, que em pouco tempo foram envolvidos pela sensação de terem escapado inutilmente.

O irracional (e bom bebedor) George estava até certo ponto enamorado de sua própria aparência física, e Boris Morros, que trabalhava como "correio" da equipe de espiões, disposto a aproveitar essa qualidade em uma ocasião qualquer.

Tanto George como Jane Zlatovski foram enganados pelas manifestações de riqueza do loquaz e muito inteligente Morros; seu belíssimo automóvel europeu com chofer e tudo, e a figura importante na indústria cinematográfica que ele sabia imitar muito bem, com seus óculos negros e uma boininha.

No verão de 1950, dias antes de George viajar para a Iugoslávia, ele e Jane visitaram Morros no Hotel Rafael, em Paris, onde o compositor se encontrava hospedado com sua esposa, Katherine.

Como me informou Jane mais tarde, Morros lhe disse que se encontrava em

má situação, precisando de 400 dólares para fechar um bom negócio.

Muito envergonhado e de forma aplopética ele perguntou a Jane se ela lhe poderia emprestar o dinheiro por algum tempo.

Quando Jane lhe disse que não tinha tanto dinheiro, Morros lhe sugeriu que podia obter com o seu pai.

Entretanto, prometeu, daria a George um bom posto em uma das empresas cinematográficas. Jane conseguiu o dinheiro de seu pai e o deu a Morros. Duas semanas depois, Morros anunciou que iria aos Estados Unidos para cumprir "uma importante missão comercial".

Depois de dois meses, vendo que ele não regressava, Jane começou a mandarlhe telegramas e cartas, pedindo o pagamento do empréstimo. Morros, contudo, não respondia.

Em abril de 1951, George supôs que Morros se encontrasse em Viena. Imediatamente ele e Jane foram a Viena pegaram Morros e tomaram o dinheiro emprestado.

De acordo com a versão que Jane me deu do incidente, Morros lhes disse que não tinha o dinheiro e que não poderia conseguir nada. George, enfurecido, deu-lhe um murro na cara, quebrando-lhe alguns dentes. Agarrou o apavorado Morros (que sangrava abundantemente) pela lapela, e com um olhar de assassino, disse:

"Um de nós não vai sair vivo deste quarto, a menos que você me dê 4000 dólares".

Morros telefonou à sua esposa, Katherine, que estava em Paris.

"Querida, falo-te em tom suplicante, tens que arranjar-me 4000 dólares imediatamente. Estou precisando urgentemente desse dinheiro".

Morros recebeu o dinheiro.



DEPOIMENTO

(II) ROSSELINI SEGUNDO ROSSELINI

ESTOU CONVENCIDO de uma coisa: os americanos não me perdoaram por ter casado com Ingrid e aproveitam qualquer coisa para me colocar em maus lençóis. Essa pretensa aventura com a indiana Sonali faz parte da campanha americana contra mim.

Sempre que volto ao hotel, lá pelas duas horas da tarde, encontro Ingrid no bar, fumando e lendo romances americanos. Ela sempre me recebe rindo, com aquele sorriso que é bem seu. O sorriso é um dos dotes mais convincentes que ela tem: sempre achei que o sorriso de minha mulher dissuadiria até mesmo um "kamikase" de se suicidar pelo seu imperador.

UMA VEZ, descia do avião na Índia quando me pediram para descrever Gina Lollobrigida sem tirar as mãos dos bolsos. Disse isso a Ingrid e ela apenas sorriu. Ingrid acaba de me dizer que recebeu uma carta das filhas: a menor, Ingrid,

Já descrevi Lolô sem tirar as mãos dos bolsos.

Eu e Sonali morávamos no mesmo hotel, em quartos contíguos, com porta de comunicação.

É desumano amar? Conheci muitas mulheres em tôdas as partes do mundo, mas não vi nenhuma Sonali.

Quero ser esquecido, quero viver em paz.

está muito triste porque ainda não a levaram para a Casa de Saúde. Estamos loucos para abraçá-las de novo. Só poderei ficar poucos dias, pois devo retornar à Índia. Mas, Ingrid ficará, pelo menos, duas semanas, e vai ficar muito contente, porque gosta muito de Paris. Os meninos estão ansiosos pelos presentes, estamos cheios de saudades, vamos levar para eles um macaco e uma gazela.

INGRID DIZ TUDO com a maior naturalidade. Por ser atriz, não faltará quem pense que ela, nestas ocasiões, saiba fingir como ninguém, mas seguida atentamente, por melhor atriz que fôsse acabaria por trair-se. Pelo menos, isto eu garanto, não enfrentaria assuntos como "a prolongada ausência de Rossellini", "a figura de Sonali", "o escândalo". Ela disse: "Não, é certo que o Rossellini não voltará à Itália antes do Natal". E a outra pergunta do jornalista: "Você sabe como ele é, diz que vai passar dois meses fora, pois sim, só volta depois de três ou quatro meses. No ano passado, ao partir, disse que demoraria cinco meses. Ficou nove. Desde que casei com Roberto só ouço mexericos, boatos escandalosos a nosso respeito. Levo tudo na brincadeira, rindo, e não vejo como agir de outra forma. Gostaria mesmo que todos soubessem de uma coisa: não damos bola para essa sórdida campanha que nos fazem. Como rimos dessa gente!".

INGRID PARECE URSO POLAR

TIVEMOS pouca sorte nestes últimos meses: primeiro foi o caçulinha com crise de peritonite, depois o Robertinho com "asiática", Ingrid com inflamação de garganta e eu, antes de seguir para a Índia, passei duas semanas de cama com uma gripe muito forte. Vamos ver se as doenças nos deixam. Ingrid está agora em Londres fazendo um filme. Ela nunca esteve em Londres no inverno e não sabe o frio que faz lá. Ela diz que o frio não a assusta, mas eu sei que ela, no frio, parece um urso polar. E fica toda encolhidinha.

AGORA QUE trabalhamos cada um para o seu lado, muitos acreditam que a nossa aliança artística esteja acabada. Mas ainda pensamos em fazer um filme juntos. Não admito a possibilidade de trabalhar para nenhum produtor cinematográfico. Já vi muita coisa feia, e para mim chega. Já não sou mais criança. Prefiro recomençar a discutir porque fazer assim, e não assado. Na vida é preciso saber usar a própria experiência e, hoje em dia, sei que para fazer filmes como eu gosto, só devo trabalhar sozinho. Não consigo esquecer

a profunda mágoa que guardo comigo. É verdade que decidi viajar para a Índia levado por uma espécie de curiosidade, porque afinal ia descobrir um mundo novo, mas fui também à procura de alegrias que já não encontro aqui.

A CERTA ALTURA descobre-se que o cinema já não basta e já é muita coisa quando não nos tornamos sua vítima. O mundo cinematográfico é muito complexo e acaba aniquilando os artistas. É então que sentimos necessidade de encontrar novas formas de expressão pelas quais temos a liberdade que queremos. Tenho um hábito de muitos anos: enfiar o dedo entre os cabelos e fazer um cachinho. Passo horas enrolando o cachinho. Acho que vou tomar férias, preciso repousar depois de acabar as filmagens. Vou aderir a um esporte: provar carros de corrida. O mesmo que piloto-de-provas.

ALGUNS JORNAIS já começaram a publicar artigos sobre o cinema italiano e falam de minhas aventuras na Índia. Pediram para eu escrever: eu não sei, nem gosto de escrever. Não tenho prática, principalmente quando põem uma máquina na minha frente. Aí fico todo embaraçado. Cada página que escrevo representa um sacrifício, um sofrimento terrível. Risco, apago, risco de novo, apago, acrescento alguma palavra, não gosto, é o diabo! Mas eu tenho personalidade, sei o que quero, e por isso tudo que tenho escrito faz sucesso, pelo menos em Paris.

Dé qualquer maneira estou escrevendo. E já deixei os filmes pela imprensa. Na Índia, as distâncias são enormes, basta dizer que é maior que a Europa toda. As dificuldades de trabalho parecem as vezes insuperáveis, mas a vida lá é mais tranqüila do que em toda a Itália. Toda noite sento-me no quarto do hotel para ler revistas italianas de dois meses atrás e escrevo durante duas ou três horas. O que escrevo? Ora, tudo o que me passa pela cabeça. Às vezes sou polêmico, às vezes brincalhão, mas escrevo sempre. Escrevo para mim mesmo, com simplicidade e muita dificuldade. Já escrevi uma dezena de artigos sobre a Índia e já estou escrevendo um livro. Acho que vou entrar com êxito neste novo caminho, o caminho da literatura. A menos que não me entusiasme por outro argumento cinematográfico. Quando me apaixono por uma coisa — é bom que todos saibam — me apaixono mesmo, sou igual a mósca no mel, corro para todos os lados.

O ORIENTE É MELHOR

A ÍNDIA, suas tradições, sua gente, seu sistema nacional de vida, o encontro de certos lugares me conquistaram definitivamente. Só posso falar da Índia com entusiasmo, fazendo comparações entre a vida oriental e a ocidental: e a oriental é bem melhor, não há dúvida...

Não é verdade que eu tenha feito um filme para o governo indiano, mas é verdade que passando os meus filmes encontro tempo para realizar documentários que depois cedo ao governo em troca de apoio: uma máquina de filmar, gêneros de toda espécie, um assistente, meios de transporte.

Dizem que eu estou sendo vítima de "obscuras maquinacões". Há quem fale de um negócio de 13 milhões para "montar o caso Rossellini". Na Índia, realmente, o mercado dos documentários é próspero, mesmo porque o governo os compra a preços interessantes. Um documentário de 300 metros sairá por 400 a 600 mil cruzeiros. Isto quer dizer: com um mercado deste gênero, pode causar aborrecimentos, inveja, quando chega um estrangeiro famoso que inocentemente cede seus documentários gratuitamente. Posso estar velho, decadente e até definitivamente acabado, como se tem dito por aí, mas sei ainda fazer um documentário como ninguém.

SONALI DAS GUPTA é mulher de um documentarista da Índia. Conhecemo-nos pouco depois de minha chegada a Nova Delhi, a 20 de janeiro de 1957. O diretor logo se encantou com sua sensibilidade: pediu-lhe que ficasse como colaboradora na composição das novas histórias que fazem o filme. Sonali pediu a opinião do marido: ele ficou entusiasmado com a idéia. Durante 3 semanas eu e Sonali tivemos

contatos (de trabalho), construímos e desfizemos partes das cópias, depois estourou o escândalo.

A FANTASIA dos jornalistas atingiu o máximo em matéria de exagêro. Falaram de minha expulsão da Índia, com o visto negado pelas autoridades indianas, intervenção do govêrno, etc. Tudo mentira: nunca estive tão livre, nunca andei tão livremente pelas ruas. Liberdade de fato. Jamais deram a entender que minha presença na Índia não era grata.

A JORNALISTA PEGGE PARKER escreveu numa revista (muito popular) norte-americana uma reportagem escandalosa com o título: "Rosselini e Sonali". Foi hábil, não há dúvida. Sendo muito atenciosa para comigo, tendo piedade de Ingrid e uma arrogante compreensão com Sonali, ela conseguiu fazer um artigo-mexerico na forma de entrevista comigo. Mas eu neguei tudo, porque tudo era falso.

ENTRE OUTRAS coisas, Pegge Parker disse que "Sonali representou a mulher de maior contraste com a forte e dura espôsa sueca que Rosselini havia deixado em Paris". Disse mais: "Rosselini mais de uma vez apareceu em casa dela (Sonali), "casualmente", quando o marido estava fora; para servir-lhe o café ela vestia seu mais caro sari tendo o cuidado de colocar um jasmim nos cabelos, e Rosselini lhe disse que gostaria de capturar o coração e o espírito da Índia".

Para um homem ferido em seu amor próprio pelo sucesso pessoal de Ingrid e Sonali, segundo a jornalista americana, aquilo representava "um tranqüilo oásis de paz onde se podia repousar as próprias feridas".

COMO EM HISTORIETA, o marido de Sonali nos é apresentado, desde o início, como mártir: é ele quem recebe na Índia, quem dá recepções em minha homenagem, quem me ajuda em todos os momentos, quem me convida a vir em casa. Quando o produtor pediu que sua mulher ficasse como colaboradora, foi ele mesmo quem a defendeu contra a opinião dos parentes e amigos. E quando depois de muita picuinha ela resolveu mudar-se para o quarto 544-A do Taj Mahal Hotel (com comunicação para o meu quarto), seu marido não hesitou em mandar-lhe o caçula na esperança de fazê-la voltar para junto dele. Isto era o que dizia a jornalista americana na sua reportagem!

NÃO VIM ME CONFESSAR

DIZ AINDA A repórter Pegge Parker que o marido de Sonali Das Gupta pediu a ajuda do sogro, o doutor K. Sen Roy, e ele chegou de improviso a Bombay e descobriu que o quarto de sua filha não passava de um vestíbulo, que não havia roupas ali. Daí tirou rápidas conclusões e provocou discussões comigo:

"O senhor é casado?"

"Sim".

"O sr. tem filhos?"

"Sim".

"E apesar disso tudo quer casar-se com minha filhinha?"

"Sim, o que é que há de mais nisso?"

"O senhor é desumano?"

"É desumano amar? Conheci várias mulheres, em todas as partes do mundo, mas não vi nenhuma Sonali".

EM TOM BURLESCO continua a narrativa de Pegge Parker:

"Os dois amantes decidiram negar tudo. Seis policiais montam guarda à porta do apartamento de Sonali para manter afastados os parentes do marido que a ameaçam. Um irmão dela, muito envergonhado com o caso tentou o suicídio, enquanto constituía uma espécie de associação para salvar Sonali do escândalo. Até que em 27 de maio (esta é a coisa mais engraçada da história da jornalista americana) Rosselini promete ao govêrno indiano que não verá mais Sonali e o govêrno põe um serviço de guarda especial noturna e diurna para ter certeza de que ele cumpria a promessa. Naturalmente fala-se de cartas comprometedoras, mas o produtor italiano cita sô-

mente as anotações de trabalho (junto à cópia do argumento do filme) à sua colaboradora Sonali.

SUPONHAMOS QUE EU e Sonali tivéssemos feito alguma coisa de feio. Acha que a melhor solução a tomar para com o marido dela e o próprio pai seria a de declarar à imprensa o nosso segredo?

AFINAL, EU ESTIVE calado por muito tempo, lá na Índia e não vou confessar agora. Não vim aqui para isso.

QUERO SER ESQUECIDO

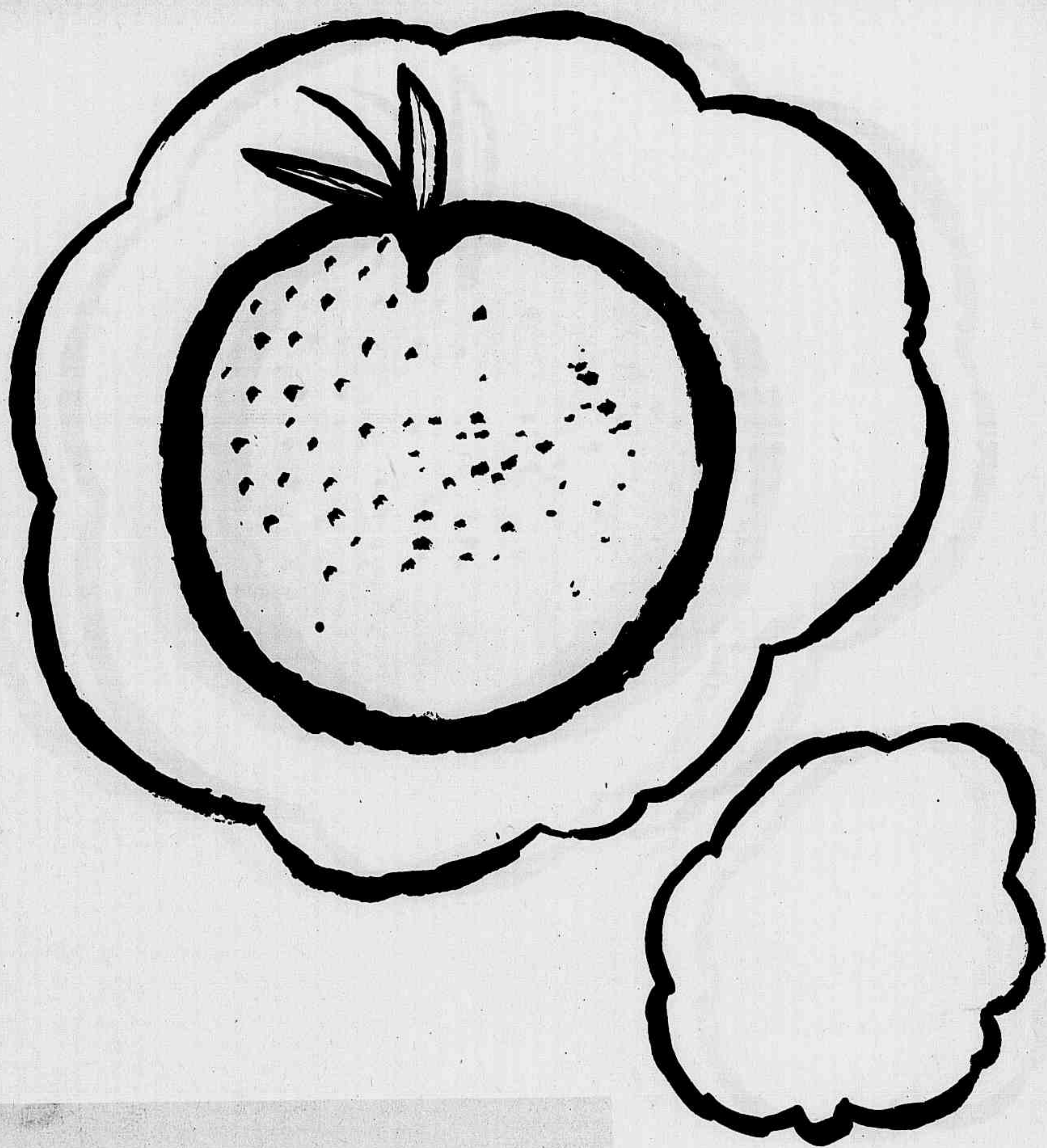
CERTA VEZ, NO aeroporto de Bombay, um fotógrafo americano veio ao meu encontro xingando-me de **bastardo**, dizendo os maiores insultos, tentando provocar-me de qualquer maneira. Queria que eu me aborrecesse para mandar dizer aos seus leitores que eu lhe tinha dado uma boa surra. Mas o povo não pode acreditar que uma pessoa é assim ou assado, sem mais nem menos, senão levado por hábeis manobras e campanhas neste sentido. Foi assim com o caso da fuga de Ingrid de Hollywood: talvez eu ainda seja o personagem central, o mais odiado de todos os norte-americanos. Puritanismo e macartismo são fatos congênitos à índole deles.

A MINHA VIDA sempre foi muito atribulada. Muitos acharão graça, mas é a pura verdade, era-me difícil até ficar num canto sem falar, deixando que os outros dessem suas opiniões. Posso dizer à imprensa e ao mundo que sempre ameí minha mulher, e continuo amando-a. Não devo os milhões que dizem por aí, desejo apenas viver em paz no meu cantinho. Mas se eu dissesse isso me tornaria talvez ridículo. Recuso-me a fazer o papel de personagem de historieta em quadrinhos só para satisfazer o público ávido de escândalo. Se viajo, dizem que quero deixar Ingrid; quando volto, dizem que quero bancar o marido perfeito; se não faço um filme, estou acabado; se faço um filme, é que encontrei um tolo por aí; se deixo fotografar meus filhos, é para fazer negócio vendendo as fotos; se não deixo é porque tenho um rei na barriga.

Conhecem a história do homem, da mulher, do menino e o burro? Primeiro sobe o menino e todos começam a rir, então é a mulher que monta e todos continuam a rir, depois monta o marido e todos riem de uma só vez. Meus amiguinhos: eu vivo para viver, não para morrer e sei que para continuar a viver tranqüilo é preciso estar em paz com a própria consciência: se eu quebrar a promessa estará tudo perdido. Posso, porém, orgulhar-me de ter sempre saído das situações difíceis de cabeça erguida. O resto não me interessa. Querem saber de uma coisa? O meu maior sonho é esquecer o mais cedo possível para viver em paz.



ROSSELLINI: um sanduíche no intervalo da filmagem.



A INVENÇÃO
DA
LARANJA

A LARANJA FOI um dia inventada por um grande industrial americano, cujo nome prefiro calar, mas em circunstâncias que merecem ser contadas:

Fruta cítrica, suculenta e saborosa, ela começou sendo chupada às dúzias por este senhor, então um simples molecote de fazenda no interior da Califórnia. Com o correr dos anos o molecote virou moleque e o moleque virou homem, passando por todas as fases lírico-vegetativas a que se sujeita uma juventude transcorrida à sombra dos laranjais: apaixonou-se pela filha do dono da fazenda, meteu-se em peripécias amorosas que já inspiraram dois filmes em Hollywood e que culminaram nas indefectíveis flores de laranjeiras, até que um dia, para encurtar, se viu ele próprio casado, com uma filha que outros moleques cobiçavam e dono absoluto da plantação.

Passou a vender laranjas. Como, porém, invencível fosse a concorrência de outras fazendas mais prósperas e a sua assim não prosperasse, resolveu um dia dar o grande passo que foi o segredo do sucesso do inventor da coca-cola, resumida num sábio conselho que lhe deram: engarrafe-a. Impressionado com essa história, resolveu engarrafar as suas laranjas.

Pior foi a emenda que o soneto, no caso a garrafa que a própria casca: depois de empatar todo o seu dinheiro numa moderna e gigantesca maquinaria de espremer laranjas, que

dava conta não só das suas mas da produção de todos os outros plantadores da região, que passou a comprar, verificou que a garrafa não era o recipiente ideal para o caldo assim obtido, não só porque o preço dela não compensasse, mas também e principalmente porque o vidro não preservava devidamente as qualidades naturais do produto em estoque, que, com o correr do tempo, acabava se azedando. Tinha mania de perfeição, o nosso homem, perfeição que, tornada realidade pela eficiência da indústria moderna, e possibilitada pelas virtudes alimentícias da própria fruta, levaram-no à prosperidade que ele hoje, sem trocadilho, desfruta.

Tendo, pois, implicado com a garrafa, e disposto a fazer chegar ao consumidor o suco da laranja com todo o cítrico frescor que a fruta diretamente chupada proporciona, houve por bem que enlatá-lo seria a solução. Lamentável engano! Cedo percebeu que o produto assim acondicionado apresentava, entre outras desvantagens, a de não dar lucro nenhum. Mas, o que era pior, para que o suco em conserva não adquirisse, com o correr do tempo, aquele sabor característico dos alimentos enlatados, tornava-se necessário adicionar-lhe alguns ingredientes químicos — o que, evidentemente, ia de encontro à mais específica das virtudes do seu produto, que era a de ser natural.

Experimentou então as caixinhas de papelão parafinado, sem tampa, mas tão somente com um pequeno orifício obturado, pelo qual o consumidor introduziria um canudinho, podendo assim beneficiar-se do produto sem que este se expusesse aos efeitos nocivos a que o sujeitam as mudanças de recipiente. Logo verificou, porém, que esta embalagem também apresentava sérias desvantagens, como a da sua fragilidade, quando submetida aos rigores dos transportes de cidade para cidade em grande quantidade.

Depois de tentar sem resultado todas as espécies de recipientes existentes, desde a madeira até a matéria plástica, já começava a desanimar, quando lhe chamou a atenção a quantidade de casca de laranja que diariamente sua fábrica confiava à eficiência expedita dos lixeiros. Talvez a idéia tenha nascido apenas da necessidade de aliviar o trabalho deles, diminuindo o lixo e aumentando o lucro — o certo é que se pôs a cismar numa maneira de aproveitar tamanha quantidade de cascas (sabia, por experiência, que ao consumidor desagradavam as laranjas espremidas com casca) quando tal cisma se ligou à outra, relativa ao recipiente — e a idéia nasceu. Então imaginou, encomendou e mandou instalar uma aparelhagem completamente nova, destinada apenas a extrair o miolo da laranja através de um orifício, sem inutilizar-lhe a casca. Em pouco apareciam no mercado as primeiras laranjas contendo no seu interior o suco já espremido.

A idéia não foi avante. Para que a casca, assim transformada em recipiente, não murchasse em poucos dias, tornava-se necessário um beneficiamento artificial extremamente dispendioso, que garantisse o permanente frescor do caldo como só a película natural dos gomos até então fora capaz. Eis que o nosso grande industrial descobre repentinamente que o suco, para se manter fresco e natural, deverá ser conservado no interior dos próprios gomos da laranja e os gomos no interior da própria casca, inventando assim o melhor acondicionamento de seu produto que jamais tivera a ventura de imaginar. Com a grande vantagem, entre tantas outras, de poder ir diretamente das árvores ao consumidor, o que assegurava um mínimo de trabalho e um máximo de rendimento. Deslumbrado com sua invenção, correu à repartição pública mais próxima e encaminhou um pedido de patente. Tempos mais tarde, vendeu-a juntamente com sua aparelhagem e seus laranjais a um próspero fazendeiro da vizinhança, mudou-se para New York e com o dinheiro comprou um rico apartamento em Park Avenue, onde, dizem, vive muito feliz, chupando laranja o dia todo.





"A maioria das minhas secretárias trabalhava rapidamente para poder sair meia hora depois de iniciado o expediente."

QUANDO MARIA SCHELL assinou contrato com a Metro, surgiram duas reações distintas. Segundo uns, a grande atriz do cinema europeu conquistava uma das maiores vitórias de sua carreira estreando em Hollywood no papel cobiçado por Marilyn Monroe e Carroll Baker, importantes nomes de bilheteria — a segunda com cartaz firmado da noite para o dia em "Baby Doll". Para outros, ela seguia o caminho do dólar, que levava a um impasse a carreira de Ingrid Bergman. Mas, ao aceitar o papel de Grushenka em "Os Irmãos Karamazov", Maria Schell não se alçou à Hollywood. Só se obriga a fazer quatro filmes em sete anos, se forem de seu agrado os diretores e argumentos disponíveis. Sabe-se que receberá 100 mil dólares pelo primeiro filme e 175 mil pelo último.



MARIA SCHELL O CIÚME DE MARILYN E BABY DOLL

TERMINADA A PRODUÇÃO de "Karamázov", Maria voou para a França, onde a esperava Alexandre Astruc para a filmagem de "Une Vie" (Uma Vida), baseado em Guy de Maupassant. Embora em côres, esse filme oferece mais um papel trágico à intérprete de Gru-shenka. A rica e jovem Jeanne Dandieu sacrifica tôdas as suas esperanças de felicidade no casamento com Julien (Christian Marquand), que a trai com uma criada (Pascale Petit) e com a condessa de Fourcheville (Antonella Lualdi), e encontra a morte quando o conde (Ivan Desny) o surpreende com a espôsa. A história se passa em fins do século passado.

A exceção de ensaios na curta metragem, Alexandre Astruc só dirigiu dois filmes antes de "Une Vie": "Le Rideau Cramoisi" (A Cortina Carmesim) e "Les Mauvaises Rencontres" (Os Maus Encontros). O primeiro de tamanho médio (anticomercial), ambos classificados pela crítica como obras "de vanguarda" e inéditos no Brasil. Enquanto é hábito entre estrêlas de primeira grandeza evitar diretores sem uma fôlha corrida de grandes sucessos, Maria Schell mostra-se muito satisfeita com Astruc. "Alexandre tem um talento extraordinário, pessoal, ilimitado. Exprime as coisas de um modo definitivo e preciso".

ATRIZ AOS SEIS ANOS

Maria Margarethe Anna Schell nasceu em Viena (15-1-1926), de mãe vienesa (atriz de teatro) e pai suíço (Hermann Ferdinand Schell, teatrólogo de pequeno fôlego). Aos seis anos foi muito aplaudida em uma representação de amadores. Tinha 16 anos e procurava inutilmente convencer o pai de sua vocação dramática, quando surgiu um amigo da mãe oferecendo um pequeno papel no filme "Steinbruch". Na leitura do papel Maria impressionou tanto que conquistou o lugar da estrêla. E foi um sucesso. Herr Schell matriculou-a na Escola de Artes Teatrais de Zurich. Aos 20 anos era a primeira atriz no Teatro do Estado de Berna.

Pretendia fazer carreira no Burgtheater, o Olimpo do teatro germânico, mas não resistiu à sedução do cinema. Restou a carreira com "Der Angel Mit Der Posaune" (O Anjo Com a Corneta), no papel estelar, e, após alguns filmes com Dieter Borsche, iniciou um contrato de sete anos (não-exclusivo) com sir Alexander Korda, no cinema inglês. O filme mais interessante e o único exibido no Brasil: "O Preço de uma Aventura" (The Heart of the Matter), versão frustrada do romance de Graham Greene, que valia apenas por Schell e Trevor Howard.

Após um intervalo teatral — excursão pela Europa na companhia de Albert Basserman, em "Fausto" —, Maria ampliou sua popularidade formando dupla em vários filmes com O. W. Fischer e, em 1954, deu um passo decisivo: "A Ponte da Esperança" (Die Letzte Brue-





cke). Esse excelente filme de Helmut Kautner deu-lhe o prêmio de "melhor atriz" no Festival de Cannes e lançou as bases de seu prestígio internacional. Seu filme seguinte com Kautner, "O General do Diabo", ao lado de Curd Juergens, deverá surgir em breve no Rio.

CONQUSTA DE HOLLYWOOD

1956 foi um ano importante para Maria Schell: "Gervaise", adaptação de "L'Assommoir", de Zola, na França; e "Uragano Sul Pò" (Furacão sobre o Pó), na Itália. Neste, com Ralf Vallone, conheceu Horst Haechler, jovem diretor alemão, com quem se casou em abril do ano passado. E com o primeiro, teve oportunidade de trabalhar sob a direção de René Clément ("Brinquedo Proibido"), ganhou a Taça Volpi no Festival de Veneza e consagração unânime da crítica.

Em 1957 fez "Noites Brancas", de Dosztoiewsky, na Itália, com Marcelo Mastroianni e o diretor Luchino Visconti ("Senso": "A Sedução da Carne"). Convidada para a cerimônia de entrega dos "Oscars", maravilhou Hollywood e conseguiu em seus próprios termos o contrato com a Metro. Antes que "Os Irmãos Karamazov" surjam nas telas, já inúmeros produtores e atores (Gary Cooper, Cary Grant) disputam o privilégio de seus talentos. Sua provável aventura, após "Une Vie": um filme na Grécia.

ENTREVISTA

Além de um rosto privilegiado, com olhos imensamente expressivos que di-

zem indecisos entre o azul, o cinza e o verde, Maria Schell é das poucas atrizes que encontram tempo para cultura entre as preocupações do sucesso. Fala correntemente alemão, inglês, francês e italiano.

O que pensa de sua arte? "Acho que é útil ao ator nunca se repetir. No início da carreira interpretei seguidamente personagens semelhantes, mas, nos últimos anos, sempre procurei trabalhar em papéis completamente diversos entre si e, quando possível, mais difíceis. É o caminho único do aperfeiçoamento. Nesse quadro de idéias, incluo a possibilidade de alternar papéis mais próximos de mim, de minha personalidade de mulher moderna, com outros distantes de mim, que exijam anulação de minha personalidade. A personagem de "A Ponte da Esperança", por exemplo, era vizinha a minha maneira de sentir. "Gervaise", ao contrário, exigiu a anulação completa do que sou como mulher (moderna, inteligente, etc.) e a criação de um tipo de ingênua, instintiva. A personalidade de "Noites Brancas", também longe de minha sensibilidade, exigiu uma interpretação".

E sua ambição de atriz-criadora surge por inteiro quando diz: "Eu me dirijo para o centro do ser que devo viver, até conhecê-lo como a mim mesma. E mais ainda. Quero que meus papéis representem não uma mulher, mas todas as mulheres. A Mulher. Estou tentando separar verdade e realidade. Há milhões de folhas, cada uma em si um trabalho de arte. É a realidade. Mas uma folha pintada por Michelangelo é muito mais que uma folha. É A Folha. É a verdade."



Christian Marquand, um dos "cartazes" novos do cinema francês, tem sua grande oportunidade em "Une Vie".



PERÓN: poderá ser o grande eleitor de 1958.

ARGENTINA, 1958: PERÓN

EM 23 DE FEVEREIRO próximo, o eleitorado argentino encontrar-se-á numa situação paradoxal: terá que escolher o presidente e o vice-presidente da República, num pleito democrático, mas sua escolha será tão difícil que talvez o próprio regime democrático, garantido pelo governo revolucionário Aramburu-Rojas, venha a sofrer danos.

Por quê? Basta analisar as chapas apresentadas até à meia-noite do dia 3 de janeiro, quando terminou o prazo para o registro dos candidatos: dez fórmulas, que correspondem a dez pontos de interrogação, terão de ser solucionadas pelo eleitor ainda acostumado com a era peronista, quando as eleições se realizavam com o binômio governo-oposição, num ambiente de terror e constrangimento.

Se Perón conseguiu transformar as eleições numa espécie de plebiscito de tipo nazi-fascista, o governo revolucionário fez com que a democracia fosse equivalente a anarquia, pois ninguém poderá afirmar que as dez chapas representam dez realidades, dez doutrinas, dez fórmulas definidas para conseguir, pacificamente, a felicidade da Argentina.

As fórmulas são as seguintes:

1. Arturo Frondizi — Alejandro Gomez, da União Cívica Radical Intransigente;
2. Ricardo Balbin — Santiago Castillo, da União Cívica Radical do Povo;
3. Alfredo Palacios — Carlos Sanchez Viamonte, do Partido Socialista;
4. Rafael R. Claudeville — Romeo F. Restano, do Partido Renovador;
5. Luciano Molinas — Horacio Thedy, do Partido Democrata Progressista;
6. Lucas Ayarrahay — Horacio Suelto, do Partido Democrata Cristão;
7. Vicente Solano Lima (ainda sem candidato a vice-presidência, pois este deverá ser escolhido entre os "trabalhadores") do Partido Democrata Conservador Popular;
8. Hector Gonzalez Iramain — Carlos Aguinaga, do Partido Democrata;
9. Reynaldo Pastor — Martin Aberg-Cobo, do Partido Conservador de Buenos Aires;
10. Rodolfo Ghioldi — Florindo Morretti, do Partido Comunista.

Além destas chapas, estavam, nas últimas horas do dia 3, em organização algumas outras, que, provavelmente, concorrerão ao pleito, aumentando mais ainda a confusão. Entre estes, merece ser especialmente destacada a chapa do Partido dos Trabalhadores, com Alejandro Leloir para a presidência, e com um "trabalhador" ainda desconhecido para a vice-presidência, como também o chamado Partido Trabalhista, que apresentará a chapa Cipriano Reyes — Coronel Juan F. Castro.

A importância deste grupo que, na última hora, conseguiu chegar na boca das urnas, preenchendo quase todas as condições exigidas pelas leis, não deve, de maneira alguma, ser desprezada, pois se trata de duas facções de tendência nitidamente peronista: Leloir foi o último presidente do Partido Peronista antes da queda da ditadura, saindo do cárcere nas vésperas do Natal de 1957, em consequência de uma ampla e discutida anistia, e Cipriano Reyes, um dos peronistas de primeira hora, que, depois, rompeu com o ditador, que mandou encarcerá-lo. O coronel Castro foi um dos mais íntimos colaboradores e amigos do ditador, e, durante algum tempo, ministro dos Transportes nos gabinetes de Perón.

Trata-se de apenas quatro tendências políticas claramente definidas, divididas eleitoralmente pelas rivalidades locais, pelos desentendimentos pessoais, ou, apenas, pelas ambições que fazem que cada candidato acredite que tem chances para entrar na Casa Rosada.

Analisando o panorama eleitoral argentino sob este ângulo, destacaremos as seguintes tendências:

- 1) Radicalismo liberal - esquerdista: Balbin, Frondizi;
- 2) partidos marxistas de tendência comunista (Ghioldi) e democrática (Palacios);
- 3) neo-peronismo camuflado por certas atitudes "trabalhistas" e "nacionalistas": Leloir e Reyes;
- 4) democracia conservadora: Molinas, Pastor, Iramain, Claudeville, etc.

Além deste esquema, seria inútil procurar qualquer programa, qualquer identidade doutrinária.

Deste ponto-de-vista, teria sido muito mais lógico e mais fácil organizar quatro chapas, obedecendo às correntes partidárias. Política e humanamente, porém, este fato se torna irrealizável, pois ninguém imagina que será possível aplinar os desentendimentos entre Balbin e Frondizi, Leloir e Cipriano Reyes, para não mais falar nas profundas divergências ideológicas existentes entre os marxistas de tipo stalinista (Rodolfo Ghioldi) e os socialistas-democráticos, que também se inspiram no marxismo, sem, porém, abandonar Kautski e Engels, como Palacios, Sanchez Viamonte e Américo Ghioldi.

Com quatro listas, apenas, o eleitor argentino teria votado com mais desembaraço, e não há dúvida de que a solução para os problemas da Argentina teria sido bastante facilitada. Como, porém, a política se faz na base da realidade imediata, ninguém vai exigir aos líderes políticos argentinos uma elevada atitude moral, que talvez nem nos países mais politizados, como a Suíça, poderá ser facilmente encontrada.

Nestas circunstâncias, apontam-se como chapas mais populares as seguintes:

1. Peronistas de Leloir;
2. Radicais do Povo, com Balbin, e
3. Radicais Intransigentes, com Arturo Frondizi.

Será que isto significa a vitória peronista, obrigando o governo revolucionário a entregar o poder aos colaboradores do ex-ditador?

NÃO. POR QUÊ? Pela simples razão de que as eleições argentinas realizarem-se-ão sob o signo de uma profunda divisão, que favorecerá os partidos menos divididos.

O partido que mais unidade conseguiu guardar é o Partido Radical, que possui apenas duas alas poderosas e bastante bem organizadas: a ala tradicional, que segue a linha de sempre do radicalismo argentino, chefiada por Ricardo Balbin, e a ala esquerdizante, liderada pelo hábil Arturo Frondizi, que, num supremo esforço, tentou adaptar o radicalismo ao neo-peronismo e ao nacionalismo, obtendo, desta maneira, grande votação comunoperonista.

ROJAS: homem forte do governo Aramburu.

PODE VOLTAR



Enquanto isto, os peronistas encontram-se muito mais divididos: para não falar nos que passaram para vários partidos pequenos (inclusive o Partido Comunista) citam-se as seguintes tendências neo-peronistas bem definidas:

1. Trabalhismo de Alejandro Leloir;
2. Trabalhismo moderado de Cipriano Reyes;
3. Radicalismo neo-peronista de Arturo Frondizi.

Assim, os votos peronistas se dividirão em pelo menos cinco grupos, deixando livre o caminho para uma vitória de Ricardo Balbin, que conta atualmente com um eleitorado homogêneo e consciente, ao qual, fatalmente, se juntarão, no último instante, os eleitores tradicionalmente "flutuantes", que sempre desempenharam papel destacado nos pleitos desta categoria.

O ex-ditador Juan Domingo Perón, asilado em Caracas, está assistindo a este movimento sem poder contribuir para os acontecimentos de modo decisivo, mesmo se se mostra empenhado em estar sempre presente, lançando lemas como: "Pero-

nismo sem Perón é impossível, como cristianismo sem cristão".

A realidade é a seguinte: o QG peronista, recentemente reunido na capital venezuelana, mostrou que os dirigentes exilados não mais se entendem com o ditador, pois, enquanto este se mostrava favorável à abstenção (voto em branco), dois grupos distintos defendiam teses diametralmente opostas: os intransigentes, dirigidos por Patricio Guillermo Kelly, ex-líder da "Aliança Nacionalista", que, em condições misteriosas conseguiu fugir do Chile onde se encontrava prêso sob a mais severa vigilância, apoiavam a candidatura Leloir, enquanto os "realistas" encabeçados pelo negociata Jorge Antônio mostravam-se favoráveis à chapa Frondizi.

Para acentuar ainda mais as divergências entre os três grupos peronistas, convém salientar que pouco após a reunião dos dirigentes o major Pablo Vicente, secretário e porta-voz de Perón, declarava a uma agência informativa que Jorge Antônio não é e nunca foi dirigente peronista, mas, apenas, "próspero homem

de negócios", ligado pela amizade ao ex-ditador.

Desta maneira, a tese de Jorge Antônio foi publicamente atacada pelo próprio Perón, que indicava que suas simpatias não se dirigem à fração de Frondizi.

Se, no último instante, o ex-ditador argentino decidirá abandonar a posição de boicote, renunciando ao voto em branco que tanta confusão causou nas recém-realizadas eleições para a Assembleia Constituinte, será possível que ele recomende a chapa de Alejandro Leloir, pois, apesar das divergências e das brigas de bastidores, o ex-colaborador de Perón goza de maior confiança do que o "traidor" Cipriano Reyes (primeiro peronista que ousou, publicamente, atacar a posição assumida no movimento por Evita), ou Arturo Frondizi.

Se Perón decidir ordenar a seus partidários que votem em Leloir, assistiremos, sem dúvida, a um páreo político dos mais disputados e, normalmente, ninguém poderá dizer se a vitória pertencerá a Leloir ou a Balbin.

B.B.

Brigitte Bardot

(que os franceses chamam

Bibi)

é o assunto do dia em todo o mundo.

Assim:

"E Deus Criou a Mulher", o filme

que a cantora francesa cantou.

No próximo número apresentaremos B.B. em "E Deus Criou a Mulher", antes dos cortes.



CAPITALISTAS COMPRAM JORNAIS E OS COMUNISTAS FECHAM A "IP"

AINDA NÃO FOI revelado (e muito provavelmente não será nunca) o preço total da venda das "Fôlhas" de São Paulo — uma das maiores potências jornalísticas do país. Mas o que é certo é que o sr. Renato Costa Lima está apenas concluindo a operação de compra.

Fontes bem informadas apontam o grupo Rockefeller (Nelson Rockefeller à frente) como o verdadeiro comprador, adiantando que o sr. Costa Lima é advogado do grupo.

Iguais rumores correm no Rio em relação ao "Jornal do Comércio", comprado há pouco tempo pelo sr. Santiago Dantas.

Evidentemente, tais notícias não são fáceis de confirmar, especialmente porque se a operação é feita por intermédio de terceiro é porque assim é que ela interessa ao comprador.

O sr. Renato Costa Lima está também apontado como provável candidato do PTB a deputado federal (e até, segundo outros, a governador de S. Paulo). Como o mesmo acontece com o sr. Santiago Dantas, que figurará na chapa de candidatos a deputado pelo Distrito Federal, correm rumores insistentes de que há uma ligação muito grande entre os trabalhistas e o grupo Rockefeller.

OUTRA NOTÍCIA QUE teve grande repercussão no meio jornalístico informa que o "presidium" do Partido Comunista do Brasil decidiu mandar fechar a "Imprensa Popular".

A "I.P." teria "falhado inteiramente aos seus objetivos", depois de "demonstrar ausência de influência na opinião pública".

Acredita-se que o fechamento do jornal comunista tenha ligação com o fechamento do "Daily Worker" nos Estados Unidos, o que indicaria serem ambas as decisões parte de um critério geral ditado por Moscou.

As ordens do Kremlin teriam sido dadas porque ambos os jornais "tinham uma posição marcada demais e portanto suspeita para a maioria não-comunista". Além disso, "nem aos próprios membros do Partido e simpatizantes atendiam, por defeitos de direção".

Observadores acreditam que:

1. O fechamento dos dois jornais sig-

nifica que a propaganda direta do PC falhou;

2. que a nova tática exige uma infiltração na opinião pública, através de jornais e revistas insuspeitos e até conservadores;

3. e que novos jornais surgirão, em moldes totalmente diversos, apresentando "mais suavemente e com menos facciosismo" as teses de interesse do Partido.

O "PRESIDIUM BRASILEIRO" decidiu ainda que o PC vai editar uma revista "teórica", "para incentivar a divulgação da teoria marxista-comunista".

Modelo: a que está sendo editada pelos dissidentes que seguem o capitão Agildo Barata.

O diretor da revista será o ex-deputado pelo PC, Carlos Marighela.

A "Imprensa Popular" desmente a notícia do fechamento e acrescenta:



1. Está sendo instalada uma nova rotativa;

2. estão sendo construídos em seu prédio mais dois andares;

3. várias obras suplementares continuam em andamento;

4. um plano para a remodelação do jornal vai entrar em execução assim que a rotativa estiver instalada, estando prevista nova feição gráfica e aumento de número de páginas;

5. "tudo não passa de boatos" e o jornal continuará "no sentido de melho-

rar cada vez mais a imprensa em que ele (o povo) se habituou a encontrar a mais firme sustentação da causa da democracia, da independência nacional, da paz e da amizade com todos os povos do mundo".

Mas o que parece mesmo certo é que a "Imprensa Popular" seja fechada. E talvez no mesmo prédio, com as mesmas máquinas, comece a funcionar um matutino com "a direção unificada, ligada diretamente à cúpula do Partido, para acabar com a dispersão de informações e para evitar qualquer desvio da linha ditada pelo PC."

Este jornal único teria penetração em todos os Estados, com o apoio de todos os Comitês Estaduais, levando a palavra de ordem do Presidium.

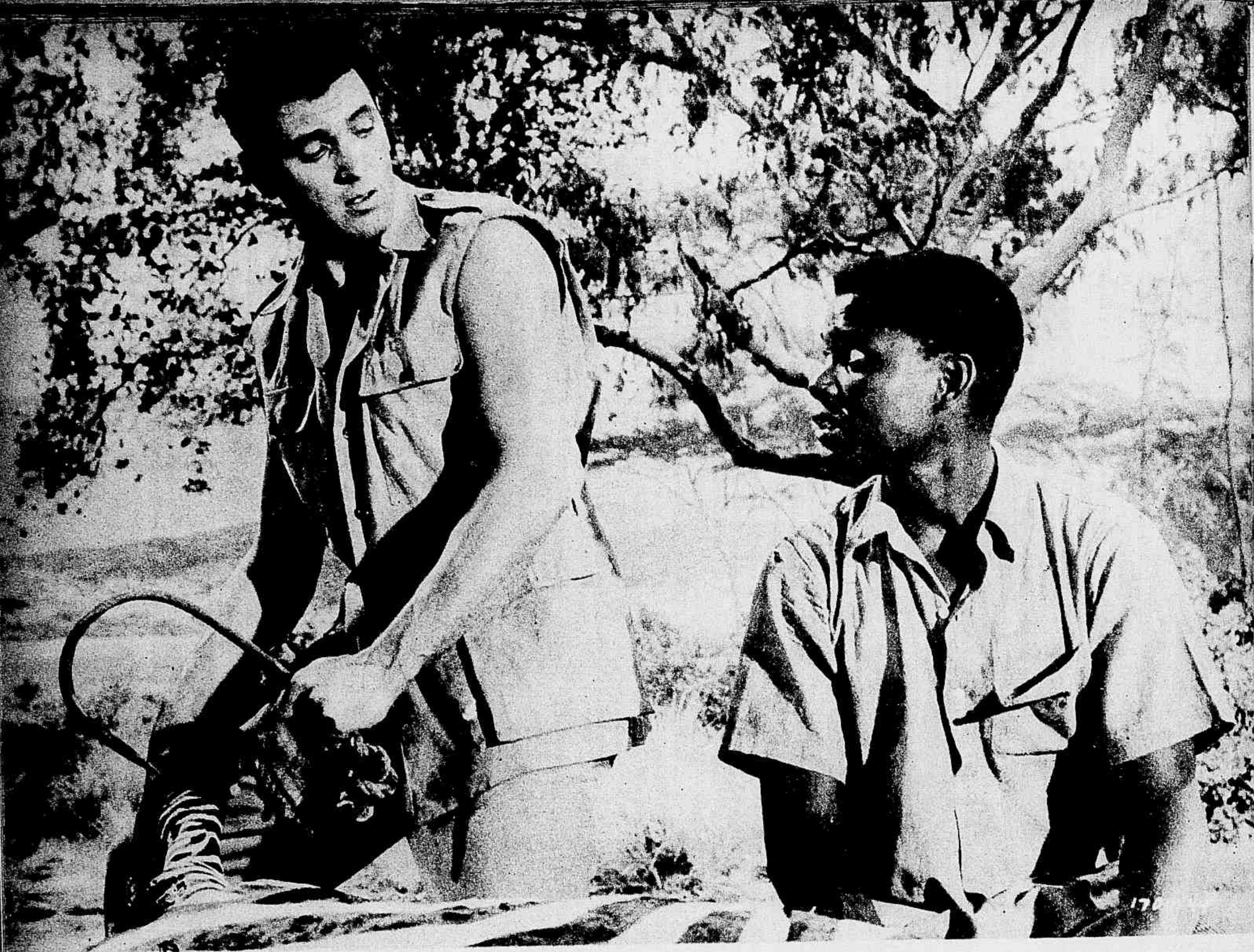
Vários jornais comunistas de Estados já suspenderam sua circulação, em consequência da queda contínua das tiragens, do crescimento dos "deficits" e da falta de jornalistas — muitos dos quais abandonaram o PC nos últimos dois anos. Isso foi particularmente sério na "IP" da qual mais de vinte redatores e repórteres retiraram-se. Informa-se que depois do XX Congresso do PCUS muitos comunistas pediram o fechamento da "IP", e foram acusados por isso de "inimigos do partido". Em muitos países, porém, houve fechamento de jornais: na Itália, na França, agora nos Estados Unidos. Os jornais estavam comprometidos, perante o povo, com "os erros do stalinismo", e foi impossível recuperá-los.

Apesar do desmentido formal, é muito provável que a "Imprensa Popular" seja o próximo a ser fechado, depois do "Daily Worker".

FOI ROMPIDO um acordo que existia entre "O Cruzeiro" e a "Manchete" (ou melhor, entre os Bloch e Chateaubriand). Por esse acordo, as duas organizações se abstinham de competir em torno de operários gráficos, fotógrafos, repórteres, paginadores e colaboradores.

Quem rompeu foi "O Cruzeiro", que está planejando uma grande investida contra as revistas concorrentes, especialmente no Rio de Janeiro.

Mas o acordo continua de pé — e foi até reafirmado — no que diz respeito aos operários gráficos.



ROCK & SYDNEY — Da dificuldade de fazer um bom filme Mau-Mau.

CINEMA

UM FILME SÉRIO SÔBRE A REBELIÃO MAU-MAU

A REBELIÃO MAU-MAU já foi abordada pelo cinema americano e pelo inglês sem resultados aceitáveis. No primeiro caso ("A Morte Espreita na Floresta": "Safari") a intenção foi simplesmente espetacular, com grandes manobras em "Cinemascope" e "Technicolor". No segundo, o desejo de fazer algo menos pueril ficou soterrado sob excessos melodramáticos e, com exceção de uma ou outra cena, a narrativa arrastou-se em linguagem convencionalíssima. O primeiro filme de valor sobre o problema é "Sangue Sobre a Terra" ("Something of Value"), escrito e dirigido por Richard Brooks à base do "best-seller" de Robert C. Ruark.

O negro Sydney Poitier e Rock Hudson interpretam amigos de infância separados pela prepotência dos colonizadores ingleses e pela reação fanática dos Mau-Mau. Um incidente revela a Poitier que o tempo da amizade acabou: adulto, deverá ser tratado por Hudson como um servo. Este, a contragosto, vincula-se à atitude "realista" sugerida pelo cunhado (Robert Beatty) e pelo pai (Walter Fitzgerald). Quando o pai de Poitier morre na prisão por recusar-se a aceitar a lei dos brancos, ele se reúne aos Mau-Mau, e, apesar de sua boa formação, é pouco a pouco fanatizado. Por sua vez, Hudson participa dos grupos de repressão e, embora resista aos que acreditam que nativo bom é na-

tivo morto, sente a consciência cada vez mais pesada e o espírito torturado pelo contra-terrorismo dos partidários da violência incondicional. Hudson e Poitier fazem uma última tentativa de conciliação, mas o clima de exaltação não permite o desarmamento do mecanismo de tragédia. No final há uma ligeira nota de esperança, mas Brooks não alimenta otimismo vão. O espírito colonialista e o fanatismo "nacionalista" na África não deixam entrever paz e fraternidade em um futuro próximo.

Muitos acharão excessivamente violento o filme de Brooks. Mas observadores autorizados concordam em que sua versão dos acontecimentos em Kenya é

bastante sóbria. Ao chegar à África para dar os primeiros passos da produção, o cineasta discordou do "script" extraído por Ruark de sua novela, e o refez inteiramente. Sua mensagem segue com clareza o espírito do prólogo: "Quando se pretende afastar um povo de suas tradições, costumes e religião, convém oferecer em troca alguma coisa de valor". "Something of Value", contudo, tem dois defeitos graves: deixa muito óbvio seu caráter polêmico, em prejuízo da verossimilhança e da fluência natural da narrativa; recorre a situações excessivamente melodramáticas. É filme de muitos altos e baixos. Entre estes, o final é o mais grave e pode ser considerado fora de moda até para os "seriados".

Entre suas qualidades, vale destacar a fotografia em preto-e-branco, com os exteriores parcialmente realizados na África. Rock Hudson, muito dirigido, tem uma de suas atuações menos inexpressivas, mas ocupa o lugar do sólido ator que o filme exigia. Dana Wynter, razoável, também não repete sua deliciosa atuação de "O Que o Amor nos Negou" ("The View from Pompey's Head"). Michael Pate é um racista convencional. O que valoriza muito "Something of Value" são as atuações de Wendy Hiller (a irmã de Hudson), Walter Fitzgerald, e dos negros Poitier, Juano Hernandez (Njogu) e William Marshall (o líder Mau-Mau). Em conclusão: embora desequilibrado, esse filme da Metro é realização honesta e que o bom espectador deve prestigiar.

ANSELMO DUARTE SURPREENDE COMO DIRETOR

QUANDO JORGE ILELI e Jorge Dória resolveram trazer para o cinema nacional as sensações dos programas tipo "O Céu é o Limite", seu protagonista era o famoso "velhinho da televisão", que se popularizou no Rio com resposta sobre Geografia. Uma história que chegava ao patético e, pensamos na ocasião, poderia fornecer em boas mãos um resultado na linha do "Umberto D.", de Zavattini & De Sica. Vendida a Anselmo Duarte, a história serviu para a estréia do popular galã como diretor, associado na produção à prosperidade "oito por um" de Oswaldo Massaini. Ambos embarcavam numa aventura nova: o primeiro realizava um sonho que começou em sua fase Atlântida; o segundo, pela primeira vez financiava um filme "popular" de alguma ambição como cinema. Custo do filme pronto: Cr\$ 4.200.000,00. Resultado bruto até o momento, apenas em São Paulo: Cr\$ 10.000.000,00 aproximadamente.

Anselmo Duarte não esconde que pretendia realizar um filme cem por cento comercial, um sucesso garantido que não cortasse no berço sua carreira diretorial. Assim, dizer que o filme está cheio de desequilíbrios e vulgaridades é chover no molhado. "Absolutamente Certo!" é miscelânea de chanchada, comédia de cos-

tumes, musical, filme de boxe e "thriller" de "gangsters". A história de Ileli & Dória funcionou apenas como trampolim para um argumento onde, segundo uma regra primária de cinema-indústria, "acontecem muitas coisas". Zé do Lino (Anselmo) não é um velho entendido em Geografia, e sim um moço linotipista que conhece de cor toda a lista telefônica. O filho do patrão (Aurélio Teixeira), chefe de uma quadrilha especializada em apostas clandestinas, lança-o no programa "Absolutamente Certo!". Aurélio ganha uma fortuna dos apostadores e, quando as apostas começam a formar unanimemente a favor do linotipista, mobiliza sua amante (Odete Lara) para convencê-lo a perder quando o prêmio chega a um milhão. Zé do Lino ganhará o dobro se concordar. Mas, nem espancamentos, nem ameaças à vida do pai (José Policena) ou os encantos de Odete alteram a disposição de vitória do rapaz. No final ganha o milhão de cruzeiros e está apto a casar com a noiva (Maria Dilnah).

A única novidade do argumento de Anselmo é a exploração do programa famoso. As qualidades do filme estão no tratamento. Trabalhando sem prazo de filmagem (45 dias úteis) ou orçamento excepcionais, o ator estréia com surpreendente segurança na direção. Desde a primeira sequência sentimos a fluência do ritmo, a noção de tempo cinematográfico, o capricho formal e a elegância no encadeamento de cenas que, com poucas exceções importantes, prosseguirão até o último instante. Um momento de autêntica sensibilidade e mesmo, sob o ponto de vista "comercial", de audácia, é a introdução de Nilton Rezende na festa de aniversário de Maria Dilnah, cantando "Não Tenho Lágrimas". Não é um cantor de "cartaz", não tem discos, programas de rádio ou TV. É um cantor de bar. E tem um defeito físico. Anselmo sentiu muito bem o valor de melancolia da in-

terpretação de Rezende, na festinha da moça que acaba de brigar com o namorado. "Quero chorar... Não tenho lágrimas..." A música enerva a atmosfera da festa (até então dominada pelos excessos de Dercy Gonçalves), vemos Dilnah levantar e levar um pedaço de bolo ao namorado, no muro do jardim. Nada de excepcional, porém é um dos pontos de maior afirmação de uma sensibilidade nesse filme desequilibrado. O diretor Anselmo Duarte existe.

As qualidades mais exteriores da direção também são importantes no estágio atual do cinema brasileiro. Fazer sucesso popular é importante, quando a intenção (concretizada) é fazê-lo com inteligência. Como caixeiro-viajante em primeira visita, Anselmo Duarte exibe com insistência todo um mostruário capaz de impressionar a clientela do cinema nacional: habilidade nas diversas filmagens de rua; expressões de nervosismo obtidas com uma câmera de mão junto a uma autêntica platéia de televisão; números musicais (muitos, alguns bem ruins) com ostentação em cenografia, iluminação e movimentação de câmara; transições virtuosísticas dos estúdios de TV para as imagens dos receptores ou para as salas-de-estar e vice-versa; realismo (às vezes exagerado) nas cenas de luta, filmadas com menor velocidade para maior efeito (mediante aceleração) na projeção.

Até o ator Anselmo Duarte, que sempre consideramos fraquíssimo, está perfeitamente aceitável sob a ação do argumentista-diretor Anselmo Duarte. Mas a grande estrêla de "Absolutamente Certo!" não é Maria Dilnah (excelente) ou Odete Lara (atriz de grande classe nem sempre bem na sofisticação intencional de seu novo papel). É a fotografia de Chick Fowle, um dos grandes trunfos de Anselmo no limiar de sua nova carreira. Muito boa a montagem de José Cañizares. A música de Simonetti não entra em con-



ANSELMO & DILNAH — Galã operário viaja de bonde.

flito com as imagens — o que é raro no cinema nacional. Os diálogos do sr. Thalma de Oliveira são eficientes quando as situações são dialogáveis. E entre as contribuições interessantes para o sucesso da fita há que citar a bailarina Lyris Castelani, o Trio Irakitan, Aurélio Teixeira, José Policena, Luiz Orioni (o animador da TV), Luciano Gregory, Fregolente, Sérgio de Oliveira, Marina Freire, e o campeão de boxe Paulo de Jesus. Uns mais, outros menos, porque são raros os elementos totalmente estéreis na produção. Os desastres do elenco são Dercy Gonçalves (que tem público para cobrar de 300 a 500 mil cruzeiros por filme) e Carlos Costa, representativos daquele subcinema nacional que filmes como "Absolutamente Certo!" podem substituir com grande vantagem, mesmo no plano estritamente comercial.

PROCESSO MIRACULOSO

CINEMIRACLE, novo processo semelhante ao "Cinerama", e que, na opinião de seus adeptos, dá ao espectador a mais forte sensação de "participação" nos acontecimentos da tela, será explorado pela Warner em conjunto com National Theaters Incorporated, grande empresa exibi-

dora. O primeiro filme de "uma série de produções multimilionárias", "The Miracle" ("O Milagre"), baseado na peça que Max Reinhardt extraiu da novela homônima de Karl Vollmoeller, com música de Humperdinck, será iniciado "cedo



em 1958". Em suas primeiras declarações sobre a utilização do "Cinemiracle", os presidentes das empresas associadas definiram-na como progresso técnico comparável à introdução do cinema falado pela Warner, com Al Jolson em "O Cantor de Jazz". Com o "Cinerama" e o "Todd-AO" sendo empregados esporadicamente pelos

independentes, a Warner é a primeira grande companhia a embarcar na exploração regular de um processo mais "espetacular" que o "Cinemascope".

«ABACAXI» TAMBÉM DA DINHEIRO

CAUSOU A MAIOR SURPRESA a renda (bruta) de "Canjerê", sub-filme sem pé nem cabeça, em sua semana de lançamento no Rio: Cr\$ 800 mil. Um "record" para o circuito Metro em matéria de cinema nacional, porque, dispondo de poucos cinemas, só consegue os piores "abacaxis" para cumprir a lei de obrigatoriedade. Explicação do sr. Yolandino Maia (que aparece nas fichas distribuídas à imprensa como diretor, mas só conseguiu dar o pontapé inicial, sendo substituído ainda nos primeiros lances da partida por penetras partidários do jogo pesado e para as "gerais"): a fatura de números musicais, a presença (efêmera) de Cauby Peixoto, do "show" de Carlos Machado, etc. Base de comparação: "Rio Zona Norte", de Nelson Pereira dos Santos, o único filme brasileiro de alguma importância lançado em 1957, em vasto circuito carioca, arrecadou apenas Cr\$ 2 milhões, apesar de Ângela Maria, Grande Otelo e boa publicidade.

Receba... e sirva também!



SEMPRE IMITADO
NUNCA
IGUALADO



açúcar **PEROLA**
SACO AZUL - CINTA ENCARNADA

"Mil" lhe oferece:

PARACHUVAS
Super Luxo
colocação imediata

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A
52-1046 - 22-6144 RIO DE JANEIRO



EM S. PAULO HOSPEDE-SE
NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380,00 — Casal Cr\$ 520,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Electr. «PRINCIPEHOTEL»





JK balança e NK espera que ele caia para o lado de lá.

REATAMENTO COM A URSS JK NÃO SABE O QUE FAZER

ESTA NA ORDEM do dia o reatamento das relações comerciais e diplomáticas entre o Brasil e a Rússia. O governo está dividido, e ainda não sabe que decisão tomar. É mais provável que aceite uma fórmula de reatamento do comércio.

As relações russo-brasileiras foram rompidas pela primeira vez em 1917, logo após a vitória da revolução.

Em 1945, depois da segunda grande guerra, a fim de facilitar a obra de congraçamento mundial e inspirado nas diretrizes de Yalta, o Brasil concordou em reaproximar-se da Rússia. A reaproximação começou no dia 2 de abril de 1945, com a troca de notas entre os embaixadores brasileiro e russo credenciados em Washington.

Já nos começos do ano seguinte, instalava-se uma embaixada russa no Rio (bonita mansão na Tijuca), enquanto se abria em Moscou uma representação diplomática do Brasil, sob a chefia do embaixador Pimentel Brandão.

As dificuldades começaram desde então. Os russos tinham aqui no Rio toda a liberdade de movimento. Mas em Moscou, apesar das repetidas reclamações do

embaixador Pimentel Brandão, não foi possível instalar a embaixada brasileira numa casa ampla e confortável.

O embaixador brasileiro e seus auxiliares tiveram mesmo de contentar-se com alguns quartos e apartamentos no Hotel Nacional, sob a vigilância direta dos serviços, que estavam, segundo dizia o sr. Pimentel Brandão, em estreita ligação com a NKVD.

Logo em 1948 sobreveio o fechamento do Partido Comunista, com a conseqüente cassação dos mandatos de seus representantes legislativos.

Desencadeou-se, então, em Moscou uma ofensiva jornalística de grandes proporções contra o Brasil em geral e o Exército, a Justiça Eleitoral, o presidente da República e o Clero, em particular.

Essa campanha atingiu o auge no dia 4 de outubro, quando a "Gazeta Literária", de Moscou, publicou um violento artigo contra o presidente Dutra, declarando a certa altura:

"Na idade de 43 anos, era (Dutra) apenas major, embora o Exército brasileiro, apesar da falta de soldados, esteja repleto de generais. Em três anos (ele) che-

gou ao generalato. Mas é que no Brasil os generais não nascem nos campos de batalha, mas sim nos cafés."

E mais adiante:

"O então general Dutra recebeu condecoração nazista, enviada pessoalmente por Hitler".

Ainda:

"A luta da F.E.B. foi uma simples marcha pela Itália".

E depois:

"O regime sanguinário do sr. Dutra não é só aparentado com o fascismo hitlerista, como também com todas suas variações de hoje em dia: o falangismo do carrasco Franco, o sujo "Estado Novo", de Salazar, a ditadura trágico-cômica do velhaco Perón. Que bela companhia. Só mencioná-la provocará um sentimento de repulsa entre os homens decentes. E, no entanto, há quem proclame seu amigo esse "aliado sincero e fiel". Tem razão o velho provérbio: Dize-me com quem andas, dir-te-ei quem és".

O embaixador Pimentel Brandão mandou o recorte ao ministro Raul Fernandes. No dia 11 de outubro, o Itamarati remetia ao Ministério do Exterior russo

uma nota em que exigia satisfações. O ministro Raul Fernandes, na sua nota, declarava que a imprensa soviética era controlada pelo Estado e, assim, todas as opiniões que ela ventilava eram naturalmente do conhecimento prévio do Kremlin.

Particularmente, o Itamarati fez sentir ao chanceler Molotov que o Brasil não se interessava em romper as relações diplomáticas. Caso a Rússia desse as satisfações exigidas, não teria o nosso país o menor interesse em interromper as relações.

O governo soviético devolveu a nota brasileira, em termos descorteses, sem nenhuma das satisfações pedidas. A 20 de outubro nossa chancelaria comunicava a Moscou o nosso rompimento.

A delegação russa teve toda a liberdade de retirar-se do nosso país, cercada de garantias e respeito. O mesmo, entretanto, não aconteceu em Moscou, onde o nosso embaixador ficou com guardas à porta, no seu quarto do hotel, sem trânsito livre, tendo suas dependências por menage.

Os vexames impostos ao sr. Pimentel Brandão foram tantos e tão grandes que, antes de retirar-se da capital soviética, o nosso embaixador enviou um telegrama ao Itamarati, do qual extraímos os seguintes trechos:

"É o caso de perguntar se meus colaboradores e eu estamos condenados a continuar recebendo insultos, amarrados a esse posto ingrato, quando nenhum interesse político ou econômico do Brasil justifica tal sacrifício e quando vivemos, sem inconveniente algum, privados das relações oficiais com a Rússia durante três décadas".

Além disso houve o incidente provocado em Moscou pelo sr. Soares Pina.

* * *

O ASSUNTO ESTÁ sendo tratado com muito cuidado pelo governo brasileiro, no momento. O Presidente da República solicitou um estudo ao Departamento Político do Itamarati, cujo relatório (já pronto) aprecia o problema apenas sob o ponto de vista das nossas relações internacionais.

Outros ministérios e órgãos do governo deverão pronunciar-se também sobre a questão. Entre esses órgãos, podem ser citados os ministérios da Fazenda, da Justiça, da Agricultura, Viação, Guerra, Aeronáutica e Marinha, além do Conselho de Segurança Nacional.

Há poucos dias, houve uma reunião no Itamarati, com a presença dos três ministros militares. Foi lido o relatório do Departamento Político, que opinou pela não modificação no atual estado das relações russo-brasileiras. Acha o relatório que já existe intercâmbio comercial entre os dois países, que só não o intensificam porque não lhes interessa.

Quanto aos produtos soviéticos (máquinas e equipamentos) declara o rela-



João Goulart, Décio Moura e José Alkmim.



Oswaldo Aranha, Nunes Leal e Josué de Castro.

FAVORÁVEIS

CONTRÁRIOS



General Teixeira Lott, José Augusto de Macedo Soares e Lúcio Meira.



Brigadeiro Correia de Melo, Parsifal Barroso e almirante Alves Câmara.

tório que de modo algum nos seria vantajoso sair das nossas áreas habituais de compra (Estados Unidos, Alemanha e Inglaterra) "para fazer incursões aventureiras na Cortina-de-Ferro".

Os três ministros militares, após ouvirem os debates da reunião, revelaram suas opiniões coincidentes com a do relatório.

O assunto está assim pendente de uma decisão final. Anunciou-se que o presidente da República a revelaria no seu discurso de 31 de janeiro. Mas já se propala que ele preferirá não aludir ao problema, porque o governo está dividido.

Há dois grupos nos meios oficiais:

FAVORÁVEIS: Srs. João Goulart, José Alkmim, Mário Meneghetti, Oswaldo Aranha, Conselho de Segurança Nacional, embaixador Décio Moura, ministro Bastian Pinto, ministro Edmundo Barbosa da Silva, Victor Nunes Leal, Alexino Bittencourt e Josué de Castro.

CONTRÁRIOS: Srs. Lott, Alves Câmara, Correia de Melo, Macedo Soares, Eurico Sales, Parsifal Barroso, Lúcio Meira, Sebastião Pais de Almeida, Clóvis Salgado, dona Odete Carvalho, ministro José Augusto de Macedo Soares (filho do chanceler), general Nelson de Melo, ministro Ribeiro Pena e ministro Correia do Lago.

CINCO PESSREDITAS QUEREM O LUGAR DO SR. BIAS FORTES

QUATRO PESSREDITAS querem suceder ao sr. Bias Fortes no governo mineiro e um quinto só espera que os quatro briguem entre si para então aparecer como "fórmula alta".

Os quatro:

Sr. José Maria Alkmim, cuja política à frente do Ministério da Fazenda orienta-se para a conquista do Palácio da Liberdade. Está em plena campanha pré-eleitoral em Minas.

Sr. Israel Pinheiro, que se considera o mártir de Brasília: diz que JK o retirou da presidência da Comissão de Orçamento, onde poderia manobrar habilmente muitas verbinhas que renderiam outros tantos votos. Espera que o presidente intervenha por ele junto ao PSD mineiro.

Sr. Tancredo Neves, que faz, com sua política na Carteira de Redescostos do Banco do Brasil, concorrência ao ministro da Fazenda. O sr. Tancredo Neves, que é uma espécie de primeiro-ministro-de-bastidores de JK, também espera que o presidente intervenha por ele junto aos pessedistas mineiros.

Sr. Paulo Pinheiro Chagas, secretário do Interior e amigo predileto do sr. Bias Fortes. Espera que o próprio Bias e o PR intervenham por ele.

O quinto pessedista mineiro é o sr. Benedito Valadares.

QUEIXA DOS SUPLENTE: 22 SENADORES NÃO MORREM NEM PEDEM LICENÇA

DOS 63 SENADORES atualmente em exercício nada menos de 10 não têm suplentes. Outros 22 têm, mas os suplentes se queixam de que eles "nunca morrem nem pedem licença".

Os 10 senadores que não têm substitutos são os seguintes:

1. Alvaro Adolfo (PSD do Pará), cujo suplente, sr. Acrísio Fúlvio de Miranda, morreu no ano passado.

2. Públio de Melo (PSD do Maranhão), que passou de suplente a efetivo, na vaga deixada pelo sr. Assis Chateaubriand, cujo mandato foi considerado extinto.

3. Reginaldo Fernandes (PSP do Rio Grande do Norte), que passou de suplente a efetivo no momento em que o sr. Dinarte Mariz assumiu o governo do seu Estado e perdeu o mandato.

4. Jorge Maynard (PSP de Sergipe), que foi promovido da suplência com a morte do efetivo, sr. Maynard Gomes.

5. Neves da Rocha (PTB da Bahia), que sucedeu o sr. Landolfo Alves, falecido.

6. Lineu Prestes (PSP de São Paulo), que se efetivou quando o sr. César Vergueiro foi assassinado por um sobrinho.

7. Mem de Sá (PL do Rio Grande do Sul), cuja efetivação se deu logo após o primeiro ano de mandato, quando o ti-

tular, sr. Armando Câmara, se desgostou da vida pública e resolveu voltar à particular.

8. Alô Guimarães (PSD do Paraná), que ganhou o mandato inteirinho, porque o sr. Moisés Lupion se elegeu governador do Paraná e perdeu o mandato.

9. Gaspar Veloso (PSD do Paraná), que era o suplente do sr. Alô Guimarães, mas que também foi aquinhado, porque as duas senatórias foram bem divididas entre os três.

10. Lima Guimarães (PTB de Minas), que passou de suplente a efetivo quando o sr. Lúcio Bittencourt morreu num desastre de aviação em Minas.

* * *

OUTROS SUPLENTE, porém, têm menos sorte. Os efetivos, que são chamados "fominhas", na gíria do Senado — até agora não requereram uma só licença.

É, por exemplo, o caso dos srs.:

1. Valter Rayol (suplente do sr. Mourão Vieira — PTB do Amazonas).

2. Alfredo Cabral (suplente do sr. Vivaldo Lima — PTB do Amazonas).

3. Demócrito Noronha (suplente do sr. Prisco dos Santos — UDN do Pará).

4. José Góis de Campos Barreto (suplente do sr. Onofre Gomes — PSD do Ceará).

5. Luiz Varela (suplente do sr. Kerginaldo Cavalcanti — PSP do Rio Grande do Norte).

6. Luiz Guedes Alcoforado (suplente do sr. Novais Filho — PL de Pernambuco).

7. Martiniano José Fernandes (suplente do sr. Apolônio Sales — PSD de Pernambuco).

8. Afrânio Lages (suplente do sr. Freitas Cavalcanti — UDN de Alagoas).

9. Luiz de Souza Cavalcanti (suplente do sr. Rui Palmeira — UDN de Alagoas).

10. Antônio Ribeiro Casado (suplente do sr. Ezequias da Rocha — PSD de Alagoas).

11. Ovídio Teixeira (suplente do sr. Juracy Magalhães — UDN da Bahia).

12. Oswaldo Castro Paiva (suplente do sr. Lima Teixeira — PTB da Bahia).

13. Silvério Del Caro (suplente do sr. Atilio Vivacqua — PR do Espírito Santo).

14. Urcercino Ourique de Aguiar (suplente do sr. Ari Viana — PSD do Espírito Santo).

15. Paes Leme (suplente do sr. Caiado de Castro — PTB do Distrito Federal).

16. José Moreira Bastos Filho (suplente do sr. Sá Tinoco — PSD do Estado do Rio).

17. Paulo Abreu (suplente do sr. Moura Andrade — PTN de São Paulo).

18. Valdemar Rocha Dias (suplente do sr. João Villasboas — UDN de Mato Grosso).

19. Heitor Medeiros (suplente do sr. Filinto Muller — PSD de Mato Grosso).

20. José Augusto Gomes de Faria (suplente do sr. Othon Mader — UDN do Paraná).

21. Antenor Talois (suplente do sr. Gomes de Oliveira — PTB de Santa Catarina).

22. José Salgado Martins (suplente do sr. Daniel Krieger — UDN do Rio Grande do Sul).

NÃO TÊM MEDO DO PRP MAS NÃO ESQUECEM A VIDA DAS DÚVIDAS

OS DIRIGENTES DA Frente Democrática (UDN, PSD, PL) do Rio Grande do Sul não parecem muito preocupados com o apoio do PRP daquele Estado à candidatura petebista do sr. Leonel Brizola.

A adesão dos integralistas representa no mínimo 70 mil votos, que serão uma espécie de fiel de balança na sucessão gaúcha. De acordo com as estatísticas, o candidato da Frente, coronel Perachi Barcelos, já estaria previamente derrotado pela coligação PTB-PRP em torno de Brizola.

Mas os líderes da Frente estão confiantes em dois fatores:

1. Numerosos diretórios municipais do PRP, sobretudo os localizados na zona mais conservadora da campina gaúcha, mostram-se dispostos a não acompanhar as ordens do diretório estadual, por considerarem o sr. Leonel Brizola um candidato "muito avançado" e "perigoso" nas suas idéias e programa de governo. Não votarão nele, como não votaram em Pasqualini.

2. O chamado elemento progressista das cidades mais importantes do Estado, como Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas, que estava todo ao lado de Brizola, já se mostra propenso a apoiar Perachi, por causa da aliança do candidato petebista com os galinhas verdes.

A campanha da sucessão gaúcha deverá desenvolver-se num clima de grande calor e violência. Líderes mais exaltados da Frente Democrática estão preparando faixas e cartazes alusivos aos torpedeamentos de navios brasileiros e à quinta-coluna nazista durante a última guerra. Em uma coisa e outra estariam envolvidos alguns dos dirigentes do PRP que mais se bateram por uma aliança com o petebismo.

Um dos alvos prediletos dessa campanha será o sr. Guido Mondim, que o PRP indicou como candidato ao Senado.

Os líderes da Frente Democrática pretendem ainda fazer uma campanha de "esclarecimento da opinião pública" sobre o "caráter de leilão" do acordo PRP-PTB. Dizem que os integralistas puseram em concorrência pública os seus votos. Quem ganhou foi o PTB, oferecendo, além de uma senatária, a presidência do INIC.

4 INSTANTÂNEOS

O GOVERNO KUBITSCHKEK emitiu, até agora, 29 240 milhões de cruzeiros. É pouco? É muito? Digam os entendidos, desde o sr. Roberto Campos que sustentou a responsabilidade principal do governo pelo crescimento da inflação, através do excesso de gastos públicos, até o sr. Marcos de Souza Dantas, que, mais otimista, acha a inflação uma coisa muito natural e talvez até desejável para provar que o Brasil está em franco desenvolvimento. Sim, falem os entendidos. Quanto a nós, alarma-nos a informação do "Correio da Manhã": durante 161 anos, (Brasil-colonial, Império de D. Pedro I, minoridade e maioria de Pedro II, República, com 20 presidentes) ou seja, de 1809 a 1950, o meio circulante montava em 31 bilhões de cruzeiros. O sr. Juscelino Kubitschek fez o milagre de emitir igual importância em dois anos apenas.

Vemos como é injusta a oposição ao governo atual! A promessa do candidato era fazer, em cinco anos, o país prosperar cinquenta. A obra do presidente, neste progressista setor da inflação (na opinião do sr. Marcos de Souza Dantas) foi realizar em dois o que outros só conseguiram em 161 anos!

* * *

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA que foi a Porto Alegre, com o sr. João Goulart inaugurar obras e consolidar a união PTB-PRP, em torno da candidatura Leonel Brizola ao governo do Estado, ao preço da presidência do INIC para os integralistas, declarou que não interferiria (pois a isto não o autorizava a Constituição...) nas eleições estaduais.

Vimos, agora, uma eleição municipal no Rio Grande do Norte. Terminadas as apurações o presidente do PSD, em discurso aos seus correligionários, pediu uma homenagem de gratidão ao presidente da República "pelo grande apoio que nos deu nesta campanha política". E antes da eleição vimos correndo o interior, em caravanas, carros, caminhões e caminhonetes das repartições federais. Observei quando se utilizou empréstimos do Banco do Nordeste, estabelecimento oficial, como objetos de catequese e suborno. E soube que há denúncias muito graves da participação, com recursos amplos, de órgãos federais, um deles por autorização pessoal do próprio sr. Juscelino Kubitschek.

Tais fatos deverão vir ao conhecimento público dentro de alguns dias. Se não está autorizado pela Constituição, veremos em que se baseou o governo para essa comprovada participação nas eleições municipais do R. G. do Norte.

* * *

O TRIBUNAL SUPERIOR do Trabalho, em dois dias, reduziu de 25 para 18% os aumentos concedidos pelo Tribunal

Regional de São Paulo a categorias profissionais de várias indústrias, após a greve de meio milhão de trabalhadores que paralisou quase totalmente a indústria paulista.

Como era de esperar, a decisão descontentou os trabalhadores que ameaçam nova greve.

Há dias, foi explicada assim uma das viagens do governador Jânio Quadros ao Rio: a demora da solução pelo Tribunal Superior estava determinando a greve fria, com diminuição dos índices de produtividade em vários setores industriais. E, agora, com a decisão tomada? Irão à greve de fato, ou marcarão o seu descontentamento nos minutos silenciosos de cada dia, com inevitável redução dos resultados do seu trabalho?

Tudo isto ocorre no mais poderoso Estado da Federação, sobre o qual nos oferece a "Conjuntura Econômica" de dezembro último estes dados expressivos: Valor de títulos protestados em 1956: 352 milhões de cruzeiros; em 1957, elevou-se a 516 milhões (período de janeiro a agosto). Em igual período, as falências foram de 432 a 559. O aumento de concordatas requeridas foi de 140% e concedidas de 190%, de um ano para outro.

Só os cegos não vêem o que vem por aí. Só os surdos não ouvem o rumor de coisas despedaçadas. Só os insensíveis não percebem o estremecer das estruturas violadas. Somente eles, e o sr. Juscelino Kubitschek, que voa alto, e o sr. José Alkmim que, pelas mãos da crônica social, desfila, entre luzes, a sua pequenina, cara e bem cuidada elegância.

* * *

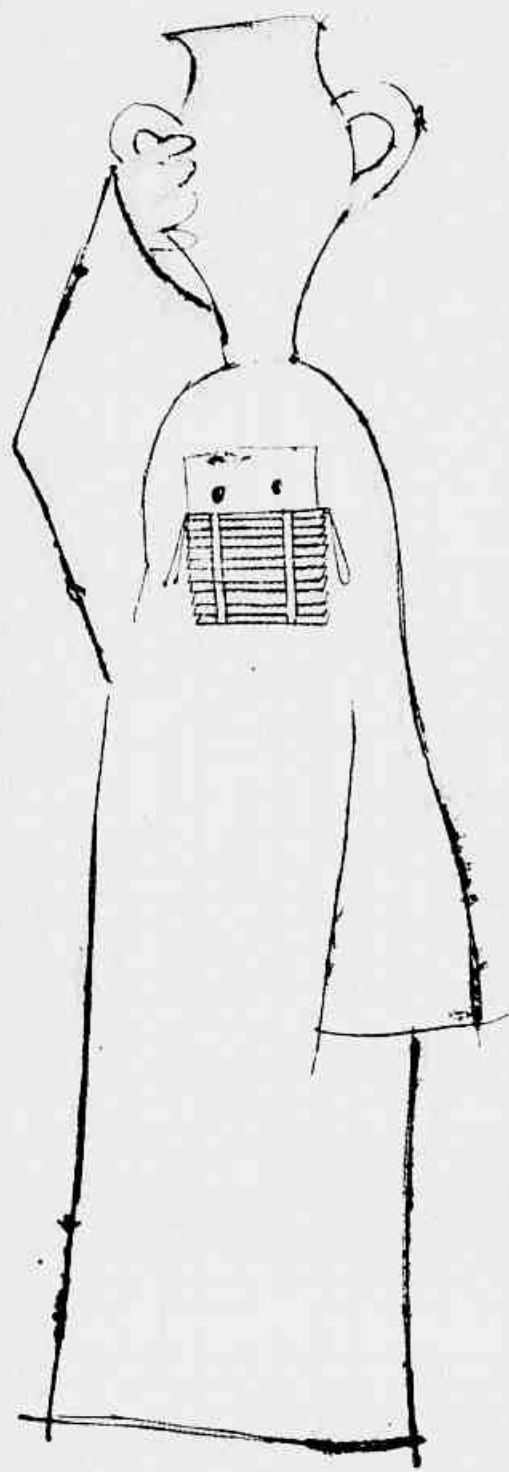
MAIS UM EPISÓDIO na novela de sangue de Alagoas. O Tribunal Misto de Deputados e Desembargadores (6x4) absolveu o governador Muniz Falcão.

Voltará o governador ao Poder. Prosseguirá a luta, após a trégua de meses. Não a luta política ou judicial que esta não cessou e é normal ao regime. Tememos a outra, a das paixões desarvoradas, que, há tempos, emperram o progresso do Estado e umedecem de sangue a terra desgraçada.

Tememos nós, à distância. E os outros, os que estão lá, almas marcadas de medo e de dor?

Promete o governador restaurar a paz perdida. Estará em condições de fazê-lo? Não cremos, a julgar pelas suas primeiras palavras de vencedor, esvaziadas da generosidade própria ao momento e às suas novas e crescentes responsabilidades. Também deputados da oposição não esconderam, no seu desapontamento, o desejo da luta implacável.

E em meio ao diálogo de ódio, o povo vive o silêncio que antecipa e adivinha as grandes tragédias.



RAF



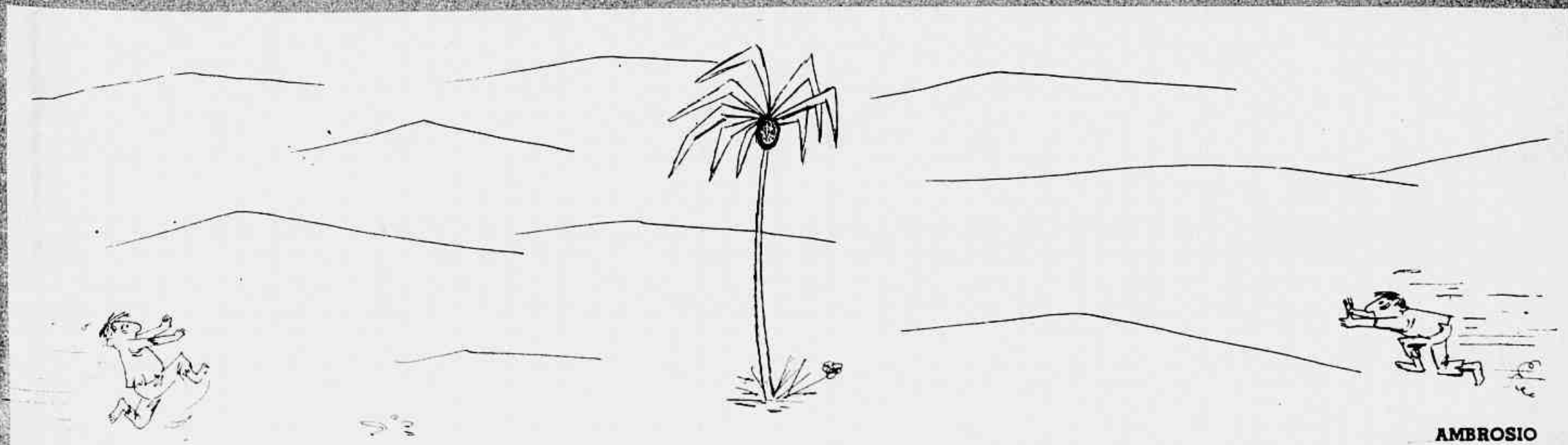
OLATI



"Faz diferença, não faz?"

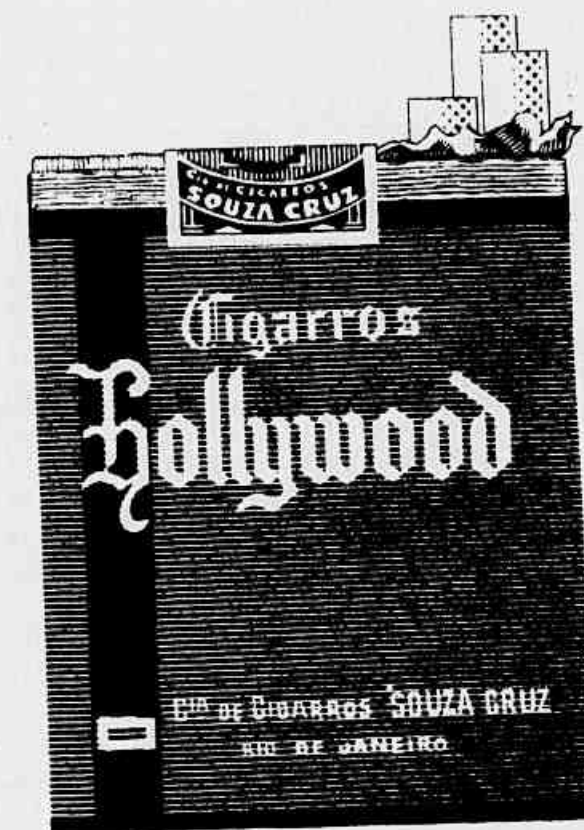


JAGUAR



AMBROSIO

Brisa cariciante...
sol tropical...
alegria de viver... e um maço
de Hollywood!



Uma
tradição
de bom
gosto

COMPANHIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ